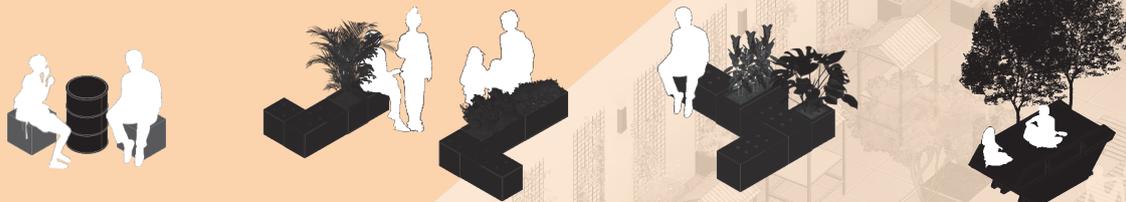


LOTES ATIVOS

*Praças temporárias em terrenos vazios no Rio de Janeiro:
um ensaio nos vazios da Tijuca*



Fernanda Schwarc Mary

Dissertação de Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística

Proub/FAU - UFRJ

Orientadora: Adriana Sansão Fontes

Dezembro de 2021

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-graduação em Urbanismo

LOTES ATIVOS

Praças temporárias em terrenos vazios no Rio de Janeiro: um ensaio nos vazios da Tijuca

Fernanda Schwarc Mary

Dissertação de Mestrado submetida ao Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriana Sansão Fontes

Rio de Janeiro, 2021

LOTES ATIVOS

Praças temporárias em terrenos vazios no Rio de Janeiro: um ensaio nos vazios da Tijuca

Fernanda Schwarc Mary

Dissertação de Mestrado submetida ao Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

Aprovado por:

Prof^ª. Dr^ª. Adriana Sansão Fontes
(PROURB-FAU/UFRJ)

Prof^ª. Dr^ª. Lúcia Maria Sá Antunes Costa
(PROURB-FAU/UFRJ)

Prof^º. Dr^º. Antônio Ferreira Colchete Filho
(PROAC/UFJF)

Rio de Janeiro, Brasil
Dezembro, 2021

Agradeço em primeiro lugar à minha família que sempre apoiou as minhas escolhas com muito carinho e incentivo de todas as formas. Sem o apoio incondicional de vocês não seria possível realizar esse sonho de desenvolver uma dissertação de mestrado.

Ao meu pai Eduardo, grande homem que me aconselhou e incentivou a buscar meus sonhos e que sempre foi um porto seguro nas horas de incertezas. A minha mãe, Ana Maria, por todo o amor e toda a alegria de viver que transborda nas suas atitudes e falas. Aos meus irmãos, que sempre estiveram presentes, cada um de uma maneira distinta, mas com igual carinho.

Agradeço ao meu companheiro de vida, Fernando Soares Alves, que sempre esteve ao meu lado, na alegria e nas dificuldades, que me alimentou com suas palavras sábias e com saborosas pizzas que ele aprendeu a fazer só para me ver feliz. Sem você não seria possível realizar esse trabalho.

Agradeço a Adriana, minha orientadora. Sei que não foi fácil, mas você esteve presente a todo momento me ajudando a enfrentar os obstáculos dessa etapa.

Agradeço a todo o corpo docente do mestrado profissional em Arquitetura Paisagística pelas excelentes aulas e orientações, e as secretárias e funcionários do PROURB, obrigada por cuidar de nós, alunos.

Agradeço aos meus colegas de turma, foi um prazer enorme poder conhecer a todos e compartilhar momentos de sofrimentos e de alegrias durante os períodos de aulas e entregas de trabalhos.

Dedico essa dissertação ao meu tio, Guilherme Pessanha Mary, que me viu entrar no mestrado, mas não pode me ver concluir. Sei que ele estava muito orgulhoso de mim, e com certeza estaria muito feliz em ver concluir esse trabalho.

Por fim, agradeço a Universidade Federal do Rio de Janeiro, por me dar a oportunidade de me tornar mestre e poder contribuir um pouco com o desenvolvimento científico do país.

Resumo

Este trabalho tem como foco debater sobre o potencial do urbanismo tático e dos usos temporários como forma de ativação de terrenos remanescentes de grandes obras de infraestrutura na cidade do Rio de Janeiro. A proposta do presente pesquisa é aproveitar esses vazios urbanos presentes na cidade do Rio de Janeiro para criação de praças temporárias para o lazer, aumentando a oferta de espaços públicos na cidade, incorporando o engajamento social e buscando trazer ao conhecimento da administração pública à necessidade de novas políticas de ativação desses terrenos. O trabalho está fundamentado na abordagem do urbanismo tático, termo designado por Mike Lydon e Anthony Garcia (2015) como ação de pequena escala que serve para um propósito maior, e na ativação de espaços públicos através do uso temporário, que segundo Peter Bishop e Lesley Williams (2012) pode proporcionar novas experiências mais flexíveis de aproveitamento de espaços ociosos na cidade mostrando resultados positivos em um curto período de tempo.

A pesquisa busca introduzir uma nova forma de ocupação dos vazios urbanos e inserir na paisagem das cidades novas possibilidades de usos e novas funções para esses espaços subutilizados. Para elaboração da proposta foram utilizados como caso de estudo os vazios urbanos gerados pela implantação da linha 1 do metrô do Rio de Janeiro.

O trabalho propõem um “repertório” de ferramentas de baixo custo (mobiliário urbano, tipos de revestimentos, pinturas, acabamentos e vegetações) das quais a população pode se apropriar para ativar os espaços ociosos da cidade. O projeto possibilita intervenções urbanas de caráter temporário, permitindo que os cidadãos sejam co-autores dos projetos em seus bairros, engajando-se de maneira ativa na produção urbana e incentivando novas ações capazes de gerar novas políticas públicas voltadas para o aproveitamento do espaço da cidade. O projeto busca melhorar a paisagem urbana local, criando espaços personalizados que acolhem e com os quais a população se identifica através de uso dos vazios urbanos.

Abstract

This research focuses on debating the potential of tactical urbanism and temporary uses as a way of activating the remaining land of large infrastructure intervention that previously took place in the city of Rio de Janeiro. The purpose of this research is to take advantage of these urban voids present in the city of Rio de Janeiro to create temporary squares devoted to leisure activities, increasing the offer of public spaces in the city, incorporating social engagement and seeking to bring to the knowledge of the public administration the need for new activation policies for these lands. This dissertation is based on the tactical urbanism approach, a term designated by Mike Lydon and Anthony Garcia (2015) as a small-scale action that serves a greater purpose, and on the activation of public spaces through temporary use, which according to Peter Bishop and Lesley Williams (2012) can provide new, more flexible experiences of taking advantage of inactive spaces in the city, showing positive results in a short period of time.

The research seeks to introduce a new form of occupation of urban voids and to insert in the landscape of cities new possibilities of uses and new functions for these underutilized spaces. Urban voids were used as a case study generated by the implementation of line 1 of Rio de Janeiro's subway.

It has been proposed a "repertoire" of low-cost tools (urban furniture, types of coatings, paints, finishes and vegetation) from which the population can appropriate to activate the inactive spaces of the city. The project enables urban interventions of a temporary nature, allowing citizens to be co-authors of projects in their own neighborhoods actively engaging in urban production and encouraging new actions capable of generating new public policies aimed at the use of the city's spaces. The project seeks to improve the local urban landscape, creating personalized spaces that welcome the population and with which it can relate through the use of urban voids.

Sumário

Introdução	8
1. Rio de Janeiro: A cidade contemporânea e os espaços públicos	23
1.1. A paisagem Urbana: Conceitos	25
1.1.1. Rio de Janeiro e os vazios: uma paisagem fragmentada	27
1.1.2. Vazio projetual: A escala do lote.....	34
1.2. Praças, uma tipologia urbana.....	42
1.2.1. Pocket Parks: Transformação em lotes urbanos	48
1.3. Cenário atual: A pandemia e a imposição de novas condições urbanas	54
2. Transformando vazios urbanos em praças temporárias	62
2.1. Ativando novos lugares: Terrenos vazios e suas possibilidades... ..	65
2.2. Processos colaborativos: práticas urbanas participativas	73
2.3. Usos temporários através do Urbanismo Tático.....	77
2.4. Casos contemporâneos no mundo: uso dos vazios	81
2.4.1. Plazas Públicas de Bolsillo, Santiago	82
2.4.2. Centro Aberto, São Paulo	85
2.4.3. Espai Germanetes, Espacio Comunitario de Autogestión Vecinal, Barcelona.....	87
3. Tijuca: um palco para os ensaios	90
3.1. Entendendo o local	92
3.1.1. Aspectos biofísicos e socioeconômicos.....	92
3.1.2. Remanescentes do Bairro	96
3.2. Conhecendo a população do bairro.....	101
3.3. Caixa de Ferramentas: criando lugares	106
3.4. Ensaios das praças temporárias.....	114
Conclusão e considerações finais	139
Referências	143

Lista de Figuras

Figura 1	○ Plano Voisin contrastando com o desenho da malha urbana desenvolvida ao longo da história na cidade de Paris, França. Plan Voisin (1925), Le Corbusier.	9
Figura 2	Remanescentes florestais no município do Rio de Janeiro	10
Figura 3	Imagem elaborada para disciplina Ecologia da Paisagem, PROURB -MPAP - FAU - UFRJ (1º semestre de 2019) - Proposta de implantação do sistema “Mancha-Corredor-Matriz” nos vazios urbanos do Bairro da Tijuca. Imagem: desenvolvido pela autora	13
Figura 4	Conceitos conectados à paisagem.	14
Figura 5	Imagem mostrando a posição do bairro da Tijuca em relação aos bairros mais densos do município do Rio de Janeiro.	16
Figura 6	“Tactical Urbanism”. Diagrama mostrando as ações “top-down” e “bottom-up”. Fonte: TAC.TI.CAL (1) for relating to small scale actions serving a large purpose. 2015	17
Figura 7	Conceitos e autores. Fonte: desenvolvido pela autora	18
Figura 8	Aterros e desmontes na região central do Rio de Janeiro ao longo do tempo. Fonte: Tese de doutorado “Vazios Urbanos: perspectivas contemporâneas. Andréa de Lacerda Pessoa Borde, 2006.. . . .	27
Figura 9	Parque Madureira	29
Figura 10	Comparação das mudanças urbanas do centro da cidade do Rio de Janeiro entre 1928 e 1950 após a abertura da Avenida presidente Vargas. Fonte: desenvolvido pela autora	31
Figura 11	Esquema básico de funcionamento da especulação imobiliária. Elaboração: Renato Saboya.	32
Figura 12	Linha Cronológica do Metrô do Rio de Janeiro.	34
Figura 13	Mapa de um trecho do bairro da Tijuca em 1920, antes da implantação da linha do metrô	35
Figura 14	Tipos de vazios urbanos.	36
Figura 15	Mapeamento dos 44 terrenos remanescentes da LC nº98 de 2009.. . . .	37
Figura 16	Comparação entre o mapa da lei complementar nº 98 de 22 de Julho de 2009 com um mapa do “Google maps” no ano de 2021. Ainda hoje o terreno permanece vazio.	38
Figura 17	Ilustração demonstrando os terrenos vazios como os “fixos” e os “fluxos” que moldam o espaço através do movimento do capital.	40
Figura 18	Ilustração elaborada para interpretar o conceito de fixos e fluxos do artigo “Fixos e fluxos: revisitando um par conceitual.” Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana	

de Geografía 29 (2): 493-504. Barros, José D'Assunção. 202041
Figura 19 Piazza Del Campo, Siena, Itália. "Tinha proporções amplas não apenas para poder incluir o mercado, mas também abrigar reuniões e cerimônias públicas".42
Figura 20 Fazendinha: de lixão a parque: projeto de parque em local de despejo de lixo em comunidade.44
Figura 21 Tamanho ideal de uma praça segundo os autores do livro A Pattern Language: Towns, Buildings, Construction.46
Figura 22 Piazza del Popola, Roma, Itália47
Figura 23 Site interativo com mapeamento dos espaços públicos criados com a política pública do Departamento de Planejamento urbano de Nova York.49
Figura 24 Planta baixa do Paley Park, NY. Fonte: http://lsa496696.weebly.com/uploads/2/9/4/5/29457247/05.12_monday_paley_park.pdf50
Figura 25 Paley Park, primeiro pocket park nova iorquino. Fonte: acervo pessoal50
Figura 26 Infográfico mostrando as qualidades dos espaços públicos.51
Figura 27 Imagem desenvolvida para disciplina de Teoria de Arquitetura Paisagística do curso do Mestrado profissional em Arquitetura Paisagística, PROURB-FAU-UFRJ em 2018.52
Figura 28 Imagem desenvolvida para disciplina de Teoria de Arquitetura Paisagística do curso do Mestrado profissional em Arquitetura Paisagística, PROURB-FAU-UFRJ em 2018.53
Figura 29 Casos mapeados do novo coronavírus54
Figura 30 Plano de retomada de Barcelona vai alargar calçadas, fechar ruas e criar ciclo- vias temporárias. Foto: Ayuntamiento de Barcelona.56
Figura 31 Corso Buenos Aires, Milão. Itália57
Figura 32 Imagem das novas faixas temporárias em Berlim.57
Figura 33 Projetos do plano "Open streets" - Milan 2020. Adaptation strategy58
Figura 34 Rio COVID-19, casos por bairros. Outubro de 2020.59
Figura 35 Planejamento da intervenção nas ruas do centro. Imagens: Metro Arquitetos (retirada do site da revista Projeto)61
Figura 36 Evento "Construir el Vacío". Projeto de extensão da Faculdade de Arquitetura e urbanismo Nacional de Tucumán, Argentina.64
Figura 37 Cidade de Dresden. Linha de trem e os lotes arredados para cultivo de hortas urbanas. Imagem: Google Maps.65
Figura 38 Kleingärten, Bonn (Alemanha). Foto: Wolkenkratzer66
Figura 39 Bertelmanplain, primeiro playground de Aldo Van Eyck.67

Figura 40	Projeto para um vazio urbano em Zaragoza, Espanha.68
Figura 41	Mapa com a localização dos Playgrounds intersticiais em Amsterdam.68
Figura 42	Horta comunitária no Morro da Formiga, na Tijuca, bairro da zona norte do Rio de Janeiro, faz parte do Projeto Hortas Cariocas.69
Figura 43	Imagens das análises feitas sobre o terreno.70
Figura 44	Banner de divulgação do processo participativo71
Figura 45	Imagem de etapa da oficina71
Figura 46	Imagem da reunião online do processo participativo do projeto “OCUPA VAZIO”71
Figura 47	Perspectivas do projeto “OCUPA VAZIO”72
Figura 48	Planta do projeto do “OCUPA VAZIO”72
Figura 49	Escada da participação. Fonte: Ilustração feita pela autora a partir do desenho encontrado no texto “A ladder of citizen participation”, Sherry R. Arnstein.74
Figura 50	Imagem do poster criado por alunos franceses. Poster produzido em Maio ou Junho de 1968 no atelier Popular em Sorbonne’s École des Beaux Art and École des Arts Decoratifs.74
Figura 51	Imagens representando o ciclo RSVP.76
Figura 52	Ilustração representando o os benefícios do uso temporário de vazios urbanos. Fonte: desenvolvido pela autora79
Figura 53	Ilustração representando os possíveis atores sociais das ações de urbanismo tático. Fonte: desenvolvido pela autora.80
Figura 54	Principais características de uma “praça de bolso”o - Chile.83
Figura 55	Plaza de Bolsillo, Morandé 83.84
Figura 56	Praça Santo Domingo (Plaza De Bolsillo), Santiago - Chile84
Figura 57	Praça temporária no Largo de São Francisco, centro de São Paulo85
Figura 58	Mapa das 2 primeiras intervenções do projeto “Centro Aberto”.85
Figura 59	Exemplo de alguns elementos pertencentes à caixa de ferramentas do projeto “Centro aberto”. Fonte: https://www.prefeitura.sp.gov.br86
Figura 60	Coleta de dados de registro de permanência87
Figura 61	Média de permanência de pessoas87
Figura 62	Projeto do Espai Germanetes delimitado.88
Figura 63	O espaço do Espai Germanete atualmente (Novembro de 2020).89
Figura 64	O espaço do Espai Germanete atualmente (Novembro de 2020).89
Figura 65	Ilustração de localização do bairro da Tijuca90
Figura 66	Imagem do bairro da Tijuca.91

Figura 67	Linha do tempo do Bairro da Tijuca. Fonte: desenvolvido pela autora	92
Figura 68	Mapa síntese da análise biofísica do bairro. Fonte: desenvolvido pela autora.	93
Figura 69	Número de praças no bairro da Tijuca.	94
Figura 70	Mapa de identificação de equipamentos culturais e de educação. Fonte: desenvolvido pela autora	94
Figura 71	Mapa com identificação de algumas praças no bairro da Tijuca.	95
Figura 72	Mapa síntese dos dados socioeconômicos da Tijuca.	95
Figura 73	Mapeamento das feiras livres que acontecem no bairro.	95
Figura 74	Índices de desenvolvimento humano e rendas.	96
Figura 75	Imagem aproximada das vias onde passam a linha do Metrô.	97
Figura 76	Perspectiva da área de estudo. Trechos da via Doutor Satamini e Avenida Heitor Beltrão	97
Figura 77	Mapa da região de estudo com indicação dos terrenos vazios e dos terrenos escolhidos para desenvolvimento das propostas	98
Figura 78	Fotos do terreno intitulado de 420 na lei complementar nº 98 de 2009 (RJ).98	
Figura 79	Imagens do anexo III da Lei complementar nº98 de 2009. Na ordem, terreno 420, 416 e 415.	99
Figura 80	Fotos do terreno intitulado de 416 na lei complementar nº 98 de 2009 (RJ).99	
Figura 81	Fotos do terreno intitulado de 415 na lei complementar nº 98 de 2009 (RJ).99	
Figura 82	Tabela de diagnóstico	100
Figura 83	Pesquisa online feita na plataforma “googleforms” com moradores da Tijuca. Ano de 2021 .	101
Figura 84	Pesquisa online feita na plataforma “googleforms” com moradores da Tijuca. Ano de 2021	101
Figura 85	Pesquisa online feita na plataforma “googleforms” com moradores da Tijuca. Ano de 2021	102
Figura 86	Pesquisa online feita na plataforma “googleforms” com moradores da Tijuca. Ano de 2021	102
Figura 87	Pesquisa online feita na plataforma “googleforms” com moradores da Tijuca. Ano de 2021	103
Figura 88	Pesquisa online feita na plataforma “googleforms” com moradores da Tijuca. Ano de 2021	103
Figura 89	Pesquisa online feita na plataforma “googleforms” com moradores da Tijuca. Ano de 2021	104

Figura 90	Pesquisa online feita na plataforma “googleforms” com moradores da Tijuca. Ano de 2021	104
Figura 91	Pesquisa online feita na plataforma “googleforms” com moradores da Tijuca. Ano de 2021	105
Figura 92	Pesquisa online feita na plataforma “googleforms” com moradores da Tijuca. Ano de 2021	105
Figura 93	Williamsburg Brooklyn asphalt Plaza, Nova York	106
Figura 94	Super Quadra Sant Antoni, Barcelona.	106
Figura 95	Science Park Kassel / Birk Heilmeyer und Frenzel Architekten, Kassel, Alemanha	107
Figura 96	Praça com pavimentação de brita criada pela arquiteta paisagista Heather Ring em um lote abandonado em Banside, Londres.	107
Figura 97	Pavimentação High School Tampico, Mexico.	107
Figura 98	Passeig de Sant Joan, Barcelona.	107
Figura 99	Desenhos dos bancos “P” presentes na caixa de ferramentas. Os furos servem para a água da chuva não acumular na superfície. Projeto da autora.	108
Figura 100	Desenho dos bancos “G” presentes na caixa de ferramentas. Banco à esquerda em concreto e banco à direita em placas de compensado naval. Os furos servem para a água da chuva não acumular na superfície. Projeto da autora.	109
Figura 101	Banco de concreto com rodízios para facilitar a locomoção do mobiliário .	109
Figura 102	Vasos em concreto e compensado dos tamanhos “P” e “G”	110
Figura 103	Camadas para plantio em vasos	110
Figura 104	Tamanhos de caçamba disponíveis no Brasil	111
Figura 105	Banco inclinado tipo “espreguiçadeira”	111
Figura 106	Tamnhos de tonéis de metal disponíveis no Brasil	111
Figura 107	Caçamba reformada com árvore e outras plantas.	112
Figura 108	Jardim em caçamba. Fonte: https://www.flickr.com/photos/howaboutno .	112
Figura 109	Jardim em caçamba .	112
Figura 110	Imagem de modelo 3D de pallet. Fonte: Desenvilvido pela autora	113
Figura 111	Tonéis com plantação de temperos e hortaliças	113
Figura 112	Neal’s Yard, Londres	113
Figura 113	Pop-up plaza do The Hennepin Theatre Trust, Minneapolis, EUA	113
Figura 114	Mapa de parte do bairro da Tijuca com a localização das praças temporárias desenvolvidas	114
Figura 115	Croqui do projeto da praça “P”	115

Figura 116	Imagem atual do terreno P. Fonte: Google Maps.	116
Figura 117	Imagem atual do terreno P. Fonte: Google Maps.	116
Figura 118	Planta baixa geral do projeto de praça "P". Desenvolvido pela autora . .	117
Figura 119	Perspectiva do projeto da praça P. Desenvolvido pela autora	117
Figura 120	Croqui do projeto da praça "M"	118
Figura 121	Imagem atual do terreno M. Fonte: Google Maps	119
Figura 122	Imagem atual do terreno P. Fonte: Google Maps.	119
Figura 123	Imagem atual do terreno P. Fonte: Google Maps.	119
Figura 124	Projeto de praça "M". Desenvolvido pela autora	120
Figura 125	Perspectiva do projeto da praça M. Desenvolvido pela autora	120
Figura 126	Croqui do projeto da praça "G"	121
Figura 127	Imagem atual do terreno G. Fonte: Acervo pessoal	122
Figura 128	Imagem atual do terreno G. Fonte: Acervo pessoal	122
Figura 129	Imagem atual do terreno G. Fonte: Acervo pessoal	122
Figura 130	Imagem atual do terreno G. Fonte: Acervo pessoal	122
Figura 131	Planta baixa do projeto de praça "G". Desenvolvido pela autora	123
Figura 132	Perspectiva do projeto de praça "G". Desenvolvido pela autora.	123

Introdução

As cidades contemporâneas dos países em desenvolvimento estão passando por processos de urbanização cada vez mais intensos. De acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2015) 84,72% da população brasileira já vive em áreas urbanas e apenas 15,28% vivem em áreas rurais¹.

O Rio de Janeiro foi durante muito tempo a metrópole com a maior população no Brasil, e devido a esse fato, foi modelo e exemplo de urbanização para as demais cidades no território brasileiro. As reformas urbanas do Prefeito Pereira Passos no final do século XIX e início do século XX remodelaram a cidade conforme os preceitos importados de Paris pelo militar e prefeito Barão Haussmann. De acordo com Abreu (2013), as aberturas de grandes vias, remoções de habitações precárias dos centros e zonas valorizadas da cidade e consequente proliferação das favelas, bem como implementação definitiva das rodovias como principal infraestrutura de transporte fizeram com que a cidade fosse reformulada fisicamente e socialmente ao longo do século XX.

Consequência dessas grandes reformas, os vazios urbanos foram se multiplicando pela malha urbana de diversas cidades brasileiras. Todavia, a presença de vazios nem sempre foi considerada como uma característica negativa nas cidades. Segundo Portzamparc (1992), o vazio era a base da evolução e criação das cidades até os dias mais modernos.

“(...)o homem sempre traçou seus caminhos entre duas massas construídas, como se ele abrisse seu caminho numa floresta, recortando clareiras para formar os lugares de vida, as ‘praças’.”

Os remanescentes das antigas cidades eram os vazios, mas vazios com funções bem definidas. Ruas, praças, calçadas. Cada um com uma função a exercer na cidade. As rupturas (reformas urbanas de caráter projetual) das antigas conformações urbanas geraram conflitos de funções e uso do solo

¹ Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18313-populacao-rural-e-urbana.html>>, Acesso em 21 de junho de 2019.

estabelecidos, gerando grandes quantidades de vazios não planejados, descharacterizados e sem funções definidas.

Quando desenvolvidos de maneira independente e desconectada do contexto da cidade, grandes planos de reformas urbanas podem romper bruscamente com a malha gerada ao longo dos anos, descaracterizando de forma abrupta a paisagem e a ambiência urbana de um local. O Plan Voisin (1925), de Le Corbusier rompia com toda a formação passada do centro de Paris, criando novas setorizações e funções para o bairro: grandes eixos de fluxos, torres para adensar ainda mais o centro, separação entre trabalho, moradia e lazer entre outros. A proposta radical não foi para frente, mas inspirou outros planos mundo a fora. A imagem acima mostra o plano inserido no desenho antigo da cidade de Paris.

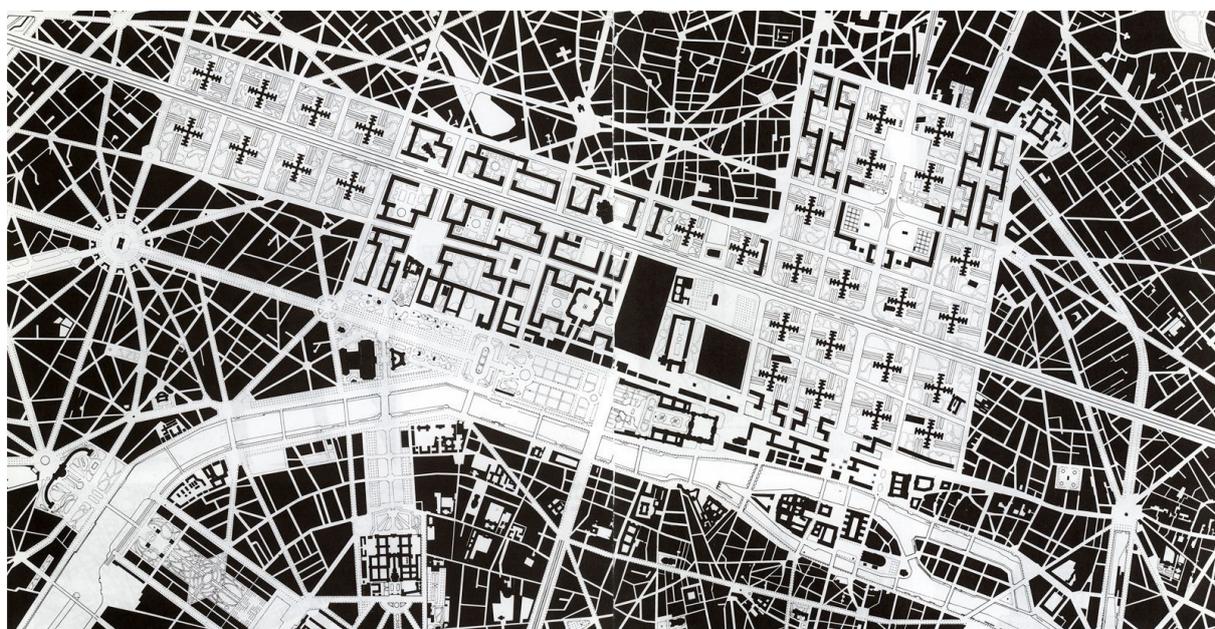


Figura 1 - O Plano Voisin contrastando com o desenho da malha urbana desenvolvida ao longo da história na cidade de Paris, França. Plan Voisin (1925), Le Corbusier. Fonte: <https://www.dwell.com/collection/diagrams-that-changed-city-planning-d9b37e40#8>

O planejamento urbano modernista, implantado a partir do século XX nas metrópoles Brasileiras, como o Rio de Janeiro, nortearam a forma urbana que perdura até os dias de hoje. Para Borde (2006), a racionalidade moderna é o marco de nascimento das formações dos vazios projetuais, aqueles que são consequências de intervenções urbanas. O resultado dessa produção urbana, segundo Portzamparc (1992), são cidades descentralizadas e setorizadas com serviços, habitações e funções separadas por longas distâncias, percorridas

muitas das vezes por meios de transportes do tipo rodoviário. Muitas cidades planejadas de acordo com esses moldes setorizados e individualistas se encontram atualmente em constante caos no que se refere à mobilidade urbana, à questão habitacional e à precariedade na qualidade dos espaços públicos destinados ao lazer da população.

Agravando os problemas gerados pela rápida urbanização, existe no Brasil um desequilíbrio entre a população e as áreas verdes que impactam diretamente na qualidade de vida nas cidades. A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda uma área verde de 12 m² por habitante para garantir o bem-estar da população.

“O Rio de Janeiro conta com elevada taxa de área verde por pessoa (aproximadamente 56 m², segundo o levantamento de 2001 da

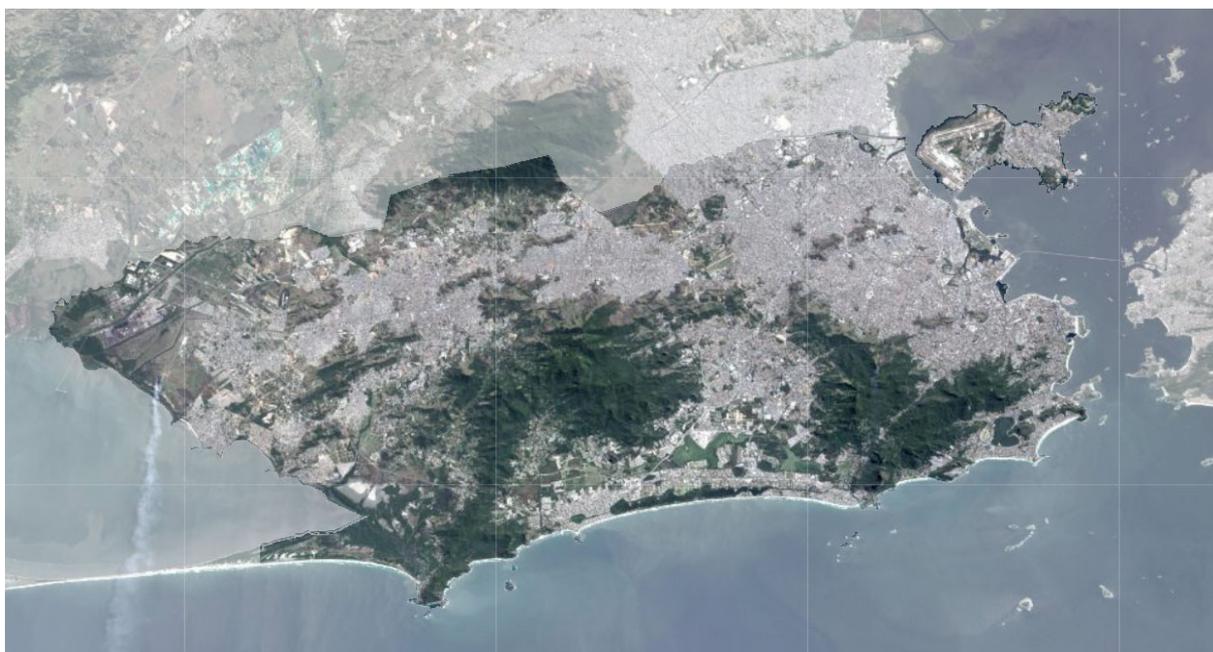


Figura 2 - Remanescentes florestais no município do Rio de Janeiro - Fonte: <https://pcrj.maps.arcgis.com>

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro), porém, essas áreas estão concentradas nas regiões de florestas, onde o índice pode chegar a 145 m² por pessoa, ao mesmo tempo em que pode reduzir a menos de 4 m² nas áreas mais urbanizadas.” (Sansão-Fontes, 2018)

À medida que as cidades crescem e se expandem tornando-se cada vez mais urbanizadas, novas modificações na estrutura urbana são necessárias para comportar a expansão da malha urbana e as novas atividades econômicas que surgem. Esses processos urbanos são gerados por substituição de usos do solo, desindustrialização, perpetuação da economia de serviço e mudanças infraestruturais. Muitas dessas mudanças prejudicam a malha urbana descharacterizando a paisagem da cidade, uma vez que foram projetadas no passado para comportar outros tipos de atividades.

Os processos de urbanização gerados pelo mercado imobiliário, pelas mudanças econômicas e pelas diferentes administrações dos estados, geram cidades heterogêneas e desiguais. Os vazios urbanos contemporâneos são um exemplo de subproduto gerado por essas modificações da estrutura urbana e pela atuação do mercado imobiliário nas metrópoles (Borde, 2006). No Rio de Janeiro, o planejamento urbano seguiu um caminho guiado pelo poder do capital. Segundo Abreu (2013) os focos da produção urbana ficaram a cargo do mercado imobiliário e do estado como agente regulador não neutro.

A cidade se desenvolveu melhor onde havia pessoas de alto poder aquisitivo, enquanto que no restante da cidade as melhorias urbanas foram deixadas de lado, reforçando ainda mais a crescente desigualdade social já existente na maioria do país. No entanto, os vazios urbanos se propagaram por toda a cidade, ora inseridos nas malhas mais tradicionais, como no centro da cidade ou na zona sul², e ora remanescentes da produção do espaço negligenciado pela administração pública e moldado através da expansão descontrolada da cidade.

Borde (2006) nos esclarece sobre a presença dos vazios em todo o tecido urbano da cidade, e que esses vazios “configuram um quadro de desigualdade e injustiças sociais, tendo em vista a infraestrutura instalada nas áreas centrais e o processo de expansão urbana em direção às periferias que caracterizou o crescimento urbano carioca até o final do século XX”. Os vazios podem acontecer em qualquer locação, mas é mais provável que ocorram em corredores

2 Inclui-se aqui os terrenos remanescentes das obras de infraestrutura como as das linhas do Metrô e linhas férreas, além dos remanescentes rodoviários.

de transporte³, em áreas em transição de uso, em zonas de transição entre diferentes padrões morfológicos, nos limites e bordas das cidades e em terrenos individuais ou contíguos nos centros urbanos.

Segundo Joern Langhorst e Jeremy Németh (2014), os vazios urbanos são gerados por diversos motivos, mas em sua maioria os motivos são políticos e econômicos. Atualmente o aumento de vazios urbanos vem acontecendo devido às mudanças econômicas nas cidades: troca da economia industrial para uma economia de serviços, migração para subúrbios, mudanças de ambientes de trabalho, ciclos econômicos instáveis e falta de investimento em novos usos para propriedades e terrenos vazios.

Ao tentar ressignificar esses vazios urbanos, devemos nos ater para novas possibilidades de uso desses locais. Solà-Morales (1996) indaga sobre o termo “vazio urbano” e propõe uma nova nomenclatura que remete a possibilidades positivas quanto aos usos dos terrenos remanescentes nas cidades. O “Terreno Vago” (*terrain vague*) abre novas opções de abordagem para uma questão que é vista como um problema urbano. Terrenos vazios são espaços que podem gerar muitas possibilidades de apropriação pela população, promovendo integração social, participação coletiva e vida urbana. Para que os vazios sejam ressignificados, estes devem ser considerados como um recurso que pode prover oportunidades para transformação social e ecológica nas cidades. Para tanto, os planejadores urbanos deveriam pensar na possibilidade de usar esses espaços para melhorar a vida cotidiana nas cidades, assim como melhorar a paisagem urbana, permitindo conexão entre a cidade e o habitante no sentido de representar os locais onde esses vazios estão inseridos com características das pessoas que os usam.

A cidade do Rio de Janeiro possui muitos terrenos vazios⁴, em sua maioria de caráter projetual, ou seja, gerados por intervenções urbanas. Atualmente,

3 “Em 1979 um novo plano (PITMETRO), desta vez de transportes, produziria grandes impactos na formação dos vazios urbanos com a criação de vazios projetuais insolúveis, uma vez que a área sobre as estações do metrô é considerada não edificável” (BORDE, 2006, p.141)

4 Na lei Complementar nº 98 de 22 de julho de 2009 que dispõe sobre os terrenos remanescentes das desapropriações para implantação da linha 1 do sistema metroviário declarados “áreas de especial interesse urbanístico”, de acordo com a lei nº 2.396, de 16 de janeiro de 1996, e dá outras providências. Existe na lei um anexo que identifica todos esses terrenos.

muitos desses terrenos não cumprem papel social, ecológico ou econômico e estão disponíveis, no sentido de não possuírem atualmente função alguma. A função social da propriedade urbana é atendida quando a propriedade atende às exigências fundamentais de ordenação da cidade expressas no plano diretor. A propriedade urbana deve atender às necessidades dos cidadãos no que se refere “à qualidade de vida, à justiça social e ao desenvolvimento das atividades econômicas (...)”⁵.

Muitos desses terrenos vazios são de propriedade do Estado e estão fechados sem o devido cuidado e manutenção. Ao mesmo tempo, as grandes cidades sofrem com a falta de áreas verdes inseridas na malha urbana. Espaços que hoje estão subutilizados podem vir a ser áreas de respiros urbanos ou até mesmo compor um sistema de infraestrutura verde que colabore com processos ecológicos interligados aos processos urbanos (Metzger, 2001).

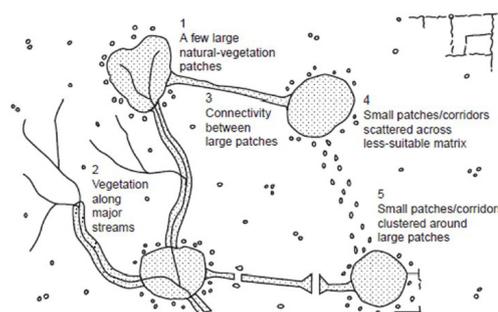


Figura 3 - Forman RTT. “Urban regions: ecology and planning beyond the city”. Cambridge, UK; New York: Cambridge University Press. 2008. P.38

Um exemplo (figura 4) desenvolvido para a disciplina de Ecologia da Paisagem (MPAP, PROURB/FAU - UFRJ) mostra a formação de um sistema “Mancha-Corredor-Matriz”: Vazios urbanos transformados em manchas verdes interligados aos corredores verdes e se conectando à matriz da Floresta da Tijuca.



Figura 4 - Imagem elaborada para disciplina Ecologia da Paisagem, PROURB -MPAP - FAU - UFRJ (1º semestre de 2019) - Proposta de implantação do sistema “Mancha-Corredor-Matriz” nos vazios urbanos do Bairro da Tijuca. Imagem: desenvolvido pela autora

5 Lei Nº 10.257, de 10 de Julho de 2001, Art. 39.

A proposta da dissertação é discutir sobre os usos desses vazios, suas funções sociais relativas a novos usos do solo urbano, a sociabilidade⁶, funções econômicas, e ambientais nas cidades e as possíveis apropriações que poderiam ser introduzidas nessas áreas com ações de urbanismo tático, abordagem que lida com testes de soluções factíveis e rápidas de melhorias urbanas.

A dissertação trará como possibilidade de atuação na paisagem urbana uma cartilha de ações e ferramentas táticas que ajudarão a promover diferentes formas de intervenção em vazios urbanos com a participação ativa da população. A cartilha tem a intenção de funcionar como um elo que une diversos atores sociais, permitindo que o arquiteto paisagista forneça uma assistência técnica orientando com seus conhecimentos a população interessada em transformar o espaço urbano. Serão elaborados alguns exemplos de praças temporárias com temas diversos para demonstrar as opções de apropriação do espaço público através das ferramentas desenvolvidas para a âmbito da cidade do Rio de Janeiro. As táticas podem ser aplicadas em um sistema de praças, ou individualmente em qualquer espaço público disponível. A ideia é que os temas das praças sejam definidos pelos próprios usuários, e que a cartilha sirva como um cardápio de opções de intervenções e atividades para serem feitas no novo espaço.

A dissertação articulará 5 temáticas: paisagem como produto da cultura local e da sociedade, vazios urbanos, usos temporários e urbanismo tático e processos colaborativos na produção de espaços públicos.

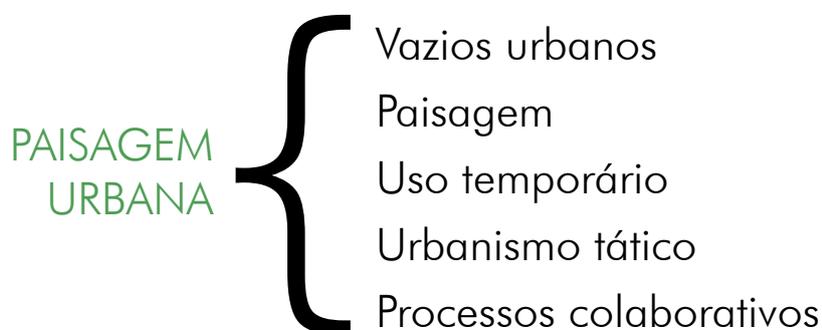


Figura 5 - Conceitos conectados à paisagem.

⁶ Tendência para a vida em sociedade; Maneiras de quem vive em sociedade. Definição do Dicionário Aurélio. Fonte: desenvolvido pela autora

Objeto

O adensamento urbano sem o devido planejamento, a escassez de vegetação, a falta de recursos econômicos para implementação de projetos formais de melhorias urbanas e a falta de inclusão da sociedade no planejamento são alguns dos problemas que as grandes cidades enfrentam na atualidade. Como citado anteriormente, a maior parte da população se encontra em áreas urbanizadas, e junto desse novo modo de vida há consequências tanto positivas, quanto negativas para o cotidiano da sociedade. A falta de espaços de lazer, principalmente de caráter público, é um dos fatores que prejudica a qualidade de vida nos grandes centros urbanos.

O conceito urbanístico de espaço livre está intimamente ligado à vida das cidades; estas são sentidas por suas ruas, praças e parques, que caracterizam a paisagem urbana (Kliass e Magnoli, 2006).

Dessa forma, aproveitar terrenos vazios sem função ou uso, gerados por processos de esvaziamento⁷ e que já estão inseridos na malha urbana das cidades como forma de ativar novos espaços públicos de convivência é, consequentemente, uma forma de dar uma função social à propriedade urbana e dessa forma reduzir o desequilíbrio entre o extenso uso do solo com habitação, indústrias, vias, shoppings, comércios, equipamentos urbanos entre outros, e a oferta de espaços públicos de uso coletivo, promovendo melhorias urbanas e benefícios para a comunidade.

Tratando-se de bairros já infraestruturados e densos, como a Tijuca, onde já não há mais grandes espaços para implantação de parques urbanos ou grandes praças, ressignificar pequenos espaços vazios remanescentes de obras de infraestrutura pode ser uma solução para transformar positivamente a paisagem urbana, envolvendo os moradores no processo de produção da cidade e melhorando a vivência da comunidade e do bairro.

7 “Esses vazios resultantes de um processo de esvaziamento, da criação de vazios sobre cheios, são, portanto, vazio social e fisicamente produzidos. Vazios que terão um estatuto diferenciado dos vazios integrantes do sistema de espaços livres”(Borde, 2006, p6).

OS 10 BAIROS MAIS POPULOSOS DO BRASIL							
Ranking	Bairro Oficial	Município	UF	População 2015	Área (km²)	Densidade Demográfica (2015) (hab /km²)	Renda Média (2015) (R\$)
1	Campo Grande	Rio de Janeiro	RJ	336.484	104,9	3.206	4.245,73
2	Bangu	Rio de Janeiro	RJ	249.133	37,8	6.584	3.462,38
3	Cidade Tiradentes	São Paulo	SP	224.926	14,9	15.080	2.313,35
4	Santa Cruz	Rio de Janeiro	RJ	222.704	123,1	1.809	2.829,88
5	Cocaia	São Paulo	SP	220.271	23,2	9.494	2.344,57
6	Cidade Ariston (COHAB)	Carapicuíba	SP	204.308	11,5	17.691	3.196,27
7	Cidade Industrial De Curitiba	Curitiba	PR	185.230	44,1	4.194	3.774,86
8	Realengo	Rio de Janeiro	RJ	184.574	25,9	7.125	3.675,02
9	Pimentas	Guarulhos	SP	169.935	14,9	11.383	2.701,53
10	Tijuca	Rio de Janeiro	RJ	167.853	9,9	16.880	14.783,34

Figura 6 - Imagem mostrando a posição do bairro da Tijuca em relação aos bairros mais densos do município do Rio de Janeiro. Fonte: <https://www.geofusion.com.br/blog/mar-de-gente-veja-os-10-bairros-com-maior-populacao-no-brasil/>

“O espaço aberto da vida coletiva apresenta-se, pois, para nós, como um órgão da vida democrática e o primeiro instrumento urbano para a tomada de consciência social tão necessária para a dinâmica civilizatória.” (Kliass e Magnoli, 2006)

Ao mesmo tempo que existem esses espaços sem uso pela cidade, faltam por diversos motivos econômicos, políticos e sociais, recursos para implementação de planos e projetos de melhorias urbanas convencionais com obras, desapropriações e grandes modificações na malha urbana já consolidada que perduram por longos períodos de tempo e que são em sua maioria caros e de difícil implementação. O uso temporário desses espaços pode desencadear, de maneira rápida e econômica, o potencial de um local experimentando as possibilidades de usos em um curto período de tempo (Bishop e Williams, 2012).

O urbanismo tático é uma reação ao modo lento e convencional de se construir cidades. Para os cidadãos é uma maneira imediata de retomar o controle do espaço público de forma prática e inteligente (Lydon e Garcia, 2015). Essa abordagem permite o planejamento conjunto entre população e poder público, possibilitando novas maneiras de apropriação da cidade pelo cidadão. A implementação de ações táticas de melhorias urbanas podem surgir de “baixo para cima” (Bottom-up) com diálogos e interação, invertendo o modo de operação das práticas de planejamento urbano que normalmente são feitos de “cima para baixo” (Top-down).



Figura 7 - "Tactical Urbanism". Diagrama mostrando as ações "top-down" e "bottom-up". Fonte: TAC.TI. CAL (1) for relating to small scale actions serving a large purpose. 2015

Para Mike Lydon e Anthony Garcia, a ação tática precisa de uma ligação entre os cidadãos ativistas, associações de moradores, grupos comunitários, prefeitos e políticos para permitir que as decisões urbanas sejam direcionadas pelas necessidades da sociedade e para que tenha garantia de execução pelas instituições públicas. O processo participativo no urbanismo tático é a forma de obter sucesso e de se buscar equidade no planejamento urbano das cidades.

Objetivo geral

O trabalho tem como objetivo geral desenvolver a temática do urbanismo tático e novas formas de planejamento das cidades no que compete aos vazios urbanos gerados pelas intervenções urbanas de caráter infraestrutural, abrindo a discussão sobre a função social da propriedade urbana e novas finalidades para esses espaços esquecidos pelo planejamento urbano. Busca também discutir a importância da participação coletiva da sociedade na produção de uma paisagem urbana mais articulada com as necessidades sociais e com os processos ambientais, interligando esses novos locais de convívio aos funcionamento da cidade do Rio de Janeiro.

Objetivos específicos

- Estudar o Urbanismo Tático como abordagem para ressignificar os vazios urbanos;
- Avaliar os usos temporários como possibilidades de ocupação dos vazios;
- Analisar ações de conversão de vazios em praças em alguns contextos mundiais;
- Discutir sobre os processos participativos como forma de envolvimento comunitário para criação de praças temporárias;
- Elaborar uma “cartilha” de ferramentas para facilitar a atuação da população na produção urbana local;
- Com a ajuda da cartilha, criar exemplos de praças nos vazios remanescentes no bairro da Tijuca, incorporando no bairro novas áreas verdes de lazer para a população;

Metodologia

O tema “Praças Temporárias” será desenvolvido no contexto de novos usos para terrenos subutilizados no município do Rio de Janeiro. O incentivo ao uso de terrenos públicos vazios pela comunidade para atividades sociais, econômicas e de lazer foi abordado através do seguinte método:

O primeiro passo foi realizar a construção da base teórica da dissertação que fundamenta a concepção da proposta de trabalho. Como já exposto, foram articuladas cinco temáticas: paisagem como produto de uma cultura, vazios urbanos, processos colaborativos na produção de espaços públicos, usos temporários e urbanismo tático.



Figura 8 - Conceitos e autores. Fonte: desenvolvido pela autora

Foram analisados a paisagem e os vazios urbanos projetuais gerados por processos de intervenções urbanas. A intenção dessa análise foi entender o papel desses vazios na paisagem da cidade e as possibilidades de uso desses remanescentes como espaços de lazer para a população.

Em seguida, foi feita uma análise sobre a importância das praças públicas no contexto da cidade do Rio de Janeiro, buscando entender a importância desses espaços no planejamento urbano, na paisagem e no âmbito social e ambiental da cidade.

O ano de 2020 foi marcado pela pandemia do novo coronavírus que afetou a humanidade de diversas formas. Em relação a vida nas cidades, a pandemia impôs distanciamento físico e reclusão, transformando o espaço urbano em um local de ausência de vida e de atividades. Nesse contexto, foram analisadas as novas soluções táticas de adaptação das cidades e novas formas de usar o espaço público, tanto para a mobilidade quanto para o descanso e lazer.

O segundo passo foi estudar possíveis soluções para esses espaços, debatendo sobre a cidade cotidiana e os espaços públicos de pequena escala. Foram abordados o urbanismo tático como instrumento de ativação e experimentações nos terrenos públicos vazios do Rio de Janeiro e o uso temporário foi discutido como possibilidade de atuação nesses vazios urbanos funcionando como ação catalisadora para dar função social e ambiental a esses espaços públicos subutilizados na cidade do Rio de Janeiro.

O terceiro passo foi estudar ações de urbanismo tático com exemplos tais como o projeto das *Plazas de Bolsillo* na cidade de Santiago, no Chile, em que a prefeitura buscou soluções de urbanismo tático para melhorar áreas consideradas abandonadas e violentas da cidade, o projeto “Centro Aberto”, do novo plano diretor de São Paulo, que propõe uso para as áreas vazias como respiros de metrô, praças abandonadas e terrenos sem usos em São Paulo, e o *Espai Germanetes*, que consiste em um projeto de praça para um terreno que durante anos ficou vazio no Bairro Esquerda de L’Eixample, em Barcelona, Espanha.

Analisar os estudos de caso foi essencial para ajudar a entender os processos de implantação de projetos elaborados pela sociedade em conjunto com atores da administração pública, associações de moradores entre outros, e entender os efeitos dessas ações para população e a configuração da paisagem urbana das cidades. A análise desses casos foi feita levando em consideração os processos colaborativos que ocorreram na produção do espaço, para dessa forma compreender o funcionamento das etapas que são necessárias a implantação de melhorias urbanas através de iniciativas “de baixo para cima”, iniciativas privadas e iniciativas propostas pelo poder público (de cima para baixo, “top-down”)

Esses estudos permitiram compreender a importância das ações comunitárias e privadas além das políticas públicas na produção de um espaço urbano mais democrático e inclusivo, abrindo espaço para novas possibilidades de apropriação social do espaço. Essa análise procura entender como as políticas podem interferir com o uso e apropriação de espaços públicos ociosos, e as condições legais de implantação de projetos que levem em consideração a ambiência local, o lazer, a as dinâmicas urbanas, sociais e econômicas do bairro.

Por fim, foram elaborados alguns ensaios para os vazios urbanos localizados no bairro da Tijuca com o auxílio da cartilha com ferramentas desenvolvidas especialmente para ações de urbanismo tático que visam facilitar e guiar a população nas intervenções no meio urbano local. A escolha do bairro se deu pela marcante presença de terrenos vazios que foram gerados pela implantação da linha 1 do metrô. Foram feitas análises biofísicas e socioculturais do bairro e a identificação dos terrenos remanescentes das obras de implantação da linha. Essas reflexões foram feitas com apoio em legislações, histórico do local, análises de fotos aéreas, cartografias, entrevistas e observações *in loco*. Essa etapa foi de grande importância para a compreensão do local analisado, permitindo uma familiaridade com o bairro.

Os usos propostos para esses vazios buscam transformar áreas que hoje são abandonadas e negligenciadas em áreas de apropriação para o uso coletivo, modificando de forma positiva não somente o ambiente físico com o projeto

urbano e paisagístico, como também o meio cultural, social e econômico do bairro. Ficam aqui algumas perguntas que busco responder com a projeto: É possível transformar um espaço vazio em um lugar através de melhorias em pequena escala do espaço físico urbano? Com modificações projetuais de pequena escala é possível transformar um espaço vazio em um lugar pertencente à comunidade local?

Devido às circunstâncias atuais da Pandemia gerada pelo novo coronavírus, não foi possível realizar uma oficina prática de produção do projeto de maneira participativa com os alunos da Escola municipal Francisco Cabrita, localizada na Rua Dr. Satamini, no bairro da Tijuca. A proposta inicial da dissertação era fazer oficinas interativas através de iniciativas colaborativas e diálogo aberto entre a escola, a população e poder público⁸. Por esse motivo o produto final da dissertação foi modificado.

O produto final da dissertação será uma cartilha com proposições de ferramentas práticas para realização de intervenções urbanas com diversas sugestões de atividades que poderão ser escolhidas pela própria população. A participação popular na elaboração e execução dos projetos das praças é importante para que haja apropriação do espaço urbano pelos moradores, criando o sentimento de pertencimento do usuário ao espaço. A “caixa de ferramentas” busca facilitar a execução das praças pelos usuários, possibilitando diversos experimentos de produção do local com objetos comuns e fáceis de se conseguir para a produção de mobiliário urbano, atividades comunitárias e coletivas, entre outros.

Foram propostas três intervenções nos terrenos remanescentes com o propósito de criar uma visualização das modificações na paisagem urbana com a implantação dessas praças temporárias. Além de proporcionar a visualização, buscou-se criar um passo a passo a ser seguido para que a população junto a atores sociais e do poder público, possa iniciar os processos de mudanças em

8 Devido às condições globais da pandemia com o vírus da Covid-19 não foi possível realizar em tempo hábil essas oficinas participativas. Atualmente vivemos em isolamento físico e social por recomendações da OMS (organização mundial de saúde) e as aulas das escolas municipais, estaduais e particulares estão suspensas por tempo indeterminado, como todas as atividades que não são essenciais para o funcionamento das cidades. Por esse motivo, foi necessário mudar o foco do produto final do trabalho.

seus bairros e vizinhanças. O projeto final visa facilitar e orientar o processo de criação de espaços públicos de lazer em vazios urbanos com orientação de processos dinâmicos e participativos.

1. Rio de Janeiro: A cidade contemporânea e os espaços públicos

A cidade do Rio de Janeiro é fisicamente moldada por diversas camadas de processos de organização social e urbana acumuladas durante o tempo. Essas camadas com diferentes formações morfológicas, sobrepostas por novas conformações, modificaram o uso do solo, a mobilidade urbana, as infraestruturas e equipamentos sociais e os seus habitantes. Para Abreu (2013) o espaço urbano reflete as características da organização de uma sociedade, e portanto a sua estrutura física é resultado dessa sociedade. Com isso temos nos dias de hoje uma diversidade de malhas urbanas conectadas entre si por sistemas viários saturados, que muitas vezes não cumprem seu papel de mobilidade urbana, e muitos serviços e equipamentos urbanos concentrados em apenas algumas regiões das cidades, e escassos em outras.

A paisagem contemporânea da cidade brasileira representa visualmente e morfológicamente os contrastes sociais existentes⁹. Bairros bem planejados usufruem de infraestrutura de qualidade e serviços à disposição da população, todos bem localizados e valorizados pelo mercado imobiliário, enquanto bairros periféricos imediatos e intermediários¹⁰ possuem infraestrutura precária, mobilidade urbana pública reduzida ou também precária, poucos serviços culturais, sociais e de lazer e com pouco ou nenhum planejamento urbano formal. Para Seldin e Vaz (2017), a cidade do Rio de Janeiro é “um grande desequilíbrio no acesso e na distribuição dos equipamentos culturais, dos serviços públicos e das infraestruturas urbanas.”

A necessidade e o desejo de áreas públicas coletivas como praças e parques, principalmente com existência de vegetação, estão presentes em todas as camadas sociais das cidades. Tais espaços são importantes para o bem-estar da sociedade, tanto mentalmente quanto fisicamente. Todavia, o que vemos na cidade do Rio de Janeiro é uma má distribuição dos espaços públicos, prin-

9 Macedo, Silvio Soares, Quadro do Paisagismo no Brasil: 1783-2000 – 2ª ed – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 111

10 Segundo Abreu, periferia imediata é aquela região de moradia com serviços e importância regional hierarquicamente abaixo aos do núcleo principal de uma cidade. A periferia intermediária é a área na qual a metrópole se expande, onde os serviços e infraestrutura urbana são precários.

principalmente espaços de qualidade com vegetação inseridos nas malhas urbanas adensadas. Nos bairros e regiões menos infraestruturados, onde faltam espaços especialmente dedicados ao lazer público, a rua mantém-se como o principal espaço livre público.

Há uma escassez de espaços verdes inseridos nos bairros menos valorizados na cidade do Rio de Janeiro. Apesar da cidade possuir muitos remanescentes florestais, eles se encontram pontualmente em alguns bairros da cidade, principalmente onde há uma grande valorização imobiliária. Para aproveitar esses espaços verdes, muitos dos moradores do município do Rio precisam enfrentar horas e quilômetros de trânsito para chegar a eles. O aproveitamento dos vazios urbanos já inseridos na malha urbana como possíveis locais de lazer e de contato com a natureza é uma forma de distribuir o espaço urbano com uniformidade e democraticamente, permitindo que a propriedade urbana tenha mais função social. Isto é, usar os vazios ociosos que estão espalhados pelo município do Rio de Janeiro como praças para promover o bem-estar da sociedade, descentralizando os espaços públicos, e distribuindo-os de maneira mais equilibrada pela cidade.

Ao utilizar espaços ociosos da cidade como possíveis núcleos ativadores do espaço urbano, promovemos também modificações e melhorias na paisagem urbana, restabelecendo uma conexão entre o vazio (pertencente ou não à malha urbana) e a cidade. Inserindo esses espaços no conjunto urbano cria-se junto da população uma nova percepção do lugar, transformando o que antes era um espaço, em seu sentido físico, em um lugar que pertence ao cotidiano das pessoas, atribuindo-lhe sentido de vivência e pertencimento.

O projeto de praças temporárias propõe ativar espaços urbanos através do uso de vazios urbanos já inseridos na malha urbana estabelecida, e dotada de infraestrutura, para promover espaços ativos com trocas sociais, lazer e convívio coletivo.

1.1. A paisagem Urbana: Conceitos

O conceito de paisagem é geralmente interpretado em nossa mente com imagens de campos e prados pitorescos, florestas selvagens rodeadas de árvores e plantas, ambientes naturais que não incorporam em seu conjunto de componentes a presença do homem e suas criações. Quando pensamos em paisagem, automaticamente eliminamos a imagem da cidade urbanizada de cena, e a consideramos como algo que está totalmente desconectado do ambiente urbano. Na contramão do que geralmente pensamos sobre a paisagem, James Corner (1999) nos mostra em alguns de seus textos, que não existe paisagem sem a presença do ser humano e o que foi construído pela humanidade ao longo das civilizações. As camadas da sociedade desenvolvidas fisicamente ao longo dos anos fazem parte importante da paisagem urbana. São modificações, implantações e construções que refletem a civilização que ali esteve, e que hoje marcam e se mostram através das formas urbanas presente nas cidades. Para Corner, "(...) as possibilidades de uma natureza sem a cultura permanecem desconhecidas e inimagináveis. Infelizmente, os defensores do meio ambiente continuam acreditando que a natureza é externa à cultura" (Corner, 1999).

Anne Cauquelin, em seu livro "A invenção da paisagem" nos fala sobre o conceito tão abrangente que é a paisagem. Para ela, a paisagem pode ser interpretada como a materialização dos laços entre as características e valores de uma cultura em um tempo, indicando que a paisagem além de ambientes criados em nossas mentes com histórias, lembranças e imaginação, é também a percepção de mundo de uma respectiva sociedade. Cada sociedade é capaz de criar de maneira particular um tipo de paisagem que representa a história, as influências e os acontecimentos marcantes do desenvolvimento civilizatório. São as camadas da história impressas no território urbano que desenvolvem o que conhecemos como cidades.

Atualmente, quando nos referimos à paisagem, principalmente quando a relacionamos à preservação e conservação do meio ambiente, costumamos não incorporar nos debates a presença do ser humano. Muitos ambientalistas ao analisarem os problemas relacionados ao meio ambiente, ignoram a sua

relação com o meio urbano. Os fatores culturais e sociais presentes na paisagem urbana não são levados em consideração nas análises, no entanto fica a cargo desses fatores a culpabilidade da raiz de quase todos os problemas ambientais que encontramos nas grandes cidades. De acordo com Corner, recuperar uma paisagem requer foco em projetos que sirvam de meios para intervir criticamente nos hábitos culturais e convenções, mudando a ênfase da paisagem como produto de uma cultura, para uma paisagem como um agente produtor e enriquecedor da cultura.

Alex Wall, arquiteto paisagista (1999) fala em seu texto *“Programming the Urban Surface”* sobre uma nova paisagem que incorpora diversas atividades e funções: uma paisagem que é ativa como uma superfície, estruturando as condições para novas relações e interações, entre outras atividades. Ela é a base, a superfície da cidade contemporânea que estrutura, organiza e suporta variedades de atividades fixas e não fixas. Para isso, a paisagem precisa ser dinâmica e suportar diferentes funções. A capacidade de suportar múltiplas atividades é o que confere ao espaço uma dinâmica de interações e conexões, permitindo diversidade, dinâmica e o uso democrático do espaço urbano por diferentes grupos de pessoas. Wall aborda a cidade contemporânea como um palco de sistemas com movimentação de pessoas, veículos, bens e informação. Esse cenário ilustra um urbanismo dinâmico e temporal, onde diversas atividades podem acontecer ao mesmo tempo, sem um local definido para tal. Esse cenário proposto acolhe mais pessoas justamente por permitir uma maior diversidade e mais possibilidades de interação.

A paisagem precisa ser pensada como um conjunto de espaços em que possa acontecer apropriação e definição de usos pelos moradores e frequentadores. James Corner, no texto *“Terra Fluxus”* (2006) fortalece a ideia de um urbanismo mais livre, que vai mais de acordo com a complexidade das cidades. Ele argumenta que a cidade deveria ser planejada com alternativas aos mecanismos rígidos do planejamento centralizado e estático. Assim como Wall defende a possibilidade de múltiplos usos para a superfície urbana, Corner sugere que a paisagem deve comportar a natureza e o ser humano, e os projetos de arquitetura da paisagem precisam ser aprimorados para exercer todas as atividades humanas e ambientais de modo que as relações entre essas atividades

sejam dinâmicas.

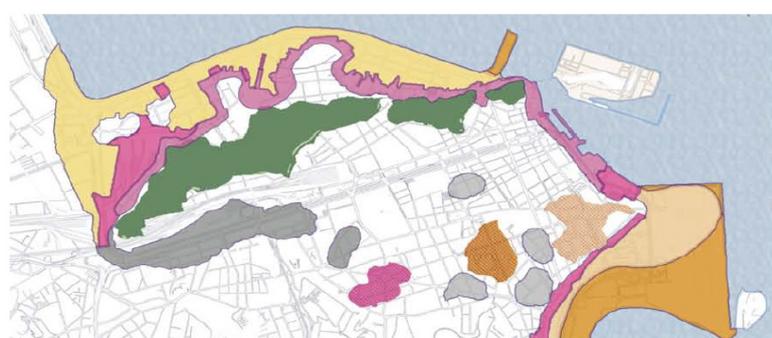
“Dada a complexidade das metrópoles em acelerado processo de urbanização, a insistência nestas oposições entre natureza e cultura, paisagem e cidade (...) representa um risco de total fracasso das artes arquiteturais e de planejamento em contribuir de forma prática ou significativas para futuras formações urbanas” (Corner, 2006).

O próprio nome do texto do Corner, *terra fluxus*, indica que a terra e os processos (naturais e humanos) que acontecem na sua superfície estão em movimento, não são estáticos, muito menos permanentes, mas sim fluxos que de tempos em tempos vão se transformando e se modificando, ou seja, acontecimentos que são temporários.

1.1.1. Rio de Janeiro e os vazios: uma paisagem fragmentada

As alterações derivadas de processos de reformas urbanas, principalmente as reformas do fim do século XIX e início do século XX (reforma de aberturas de novas vias, largas e arejadas, saneamento e de melhorias da salubridade das moradias), modificaram radicalmente diversos bairros da cidade do Rio de Janeiro. As grandes reformas no centro da cidade são exemplos de intervenções urbanas que descaracterizaram a cidade do Rio de Janeiro, fazendo uma transição urbana da antiga cidade colonial, para a uma cidade com características própria de uma capital com uma nova malha urbana.

Muitas reformas acontecerem ao longo do tempo, logo, muitos dos vazios que



Aterros de lagoas	Aterros ao mar	Desmontes
● 1770	● 1870-90	● 1908 - Morro do Senado
● 1870-90	● 1928	● 1922 - Morro do castelo
● Morros	● 1948	● 1950 - Morro Sto. Antônio
	● 1904	
	● 1922	
	● 1962	

Figura 9 - Aterros e desmontes na região central do Rio de Janeiro ao longo do tempo. Fonte: Tese de doutorado “Vazios Urbanos: perspectivas contemporâneas. Andréa de Lacerda Pessôa Borde, 2006.

vemos na cidade foram criados nesses períodos de intervenções urbanas e nos meados do século XX, como a abertura da avenida Presidente Vargas (1944), no centro do Rio de Janeiro, adaptado de projetos desenvolvidos pelo plano Agache.

Até os dias de hoje muitos desses vazios gerados por intervenções urbanas permeiam a paisagem da cidade, principalmente em áreas mais densas como centro, zona sul e algumas regiões da zona norte. Para Borde “A racionalidade moderna está, portanto, na gênese da formação dos vazios projetuais (Borde, 2006, p. 9)”. As reformas tinham como pressuposto a impossibilidade de conviver com a cidade do passado, essa ruptura do novo com o velho caracterizou a dinâmica urbana a partir de 1960 na maioria das cidades contemporâneas.

Segundo Borde, existem tipos de vazios que são subprodutos da produção do espaço urbano contemporâneo: vazios projetuais, que são consequências de intervenções urbanas, vazios estruturais, consequências de transformações nas funções urbanas, ou vazios conjunturais, relacionado a conjunturas sociais, econômicas e jurídicas específicas (Borde, 2006). A dissertação em curso discute os usos de vazios urbanos projetuais, que são vazios gerados por intervenções urbanísticas que ocorrem sobre a malha consolidada como é o caso das intervenções de mobilidade urbana da linha 1 do metrô, caso a ser tratado no item 1.1.2, a seguir.

“O ritmo de produção dos vazios projetuais/vazios socialmente definidos se intensificaria com o urbanismo modernista e o rodoviarismo” (Borde, 2006). As renovações urbanas no Rio de Janeiro tiveram o papel principal nas modificações e rupturas das malhas consolidadas até então. As implantações feitas através dos projetos modernistas negavam o tecido urbano e social existentes na cidade. Muitos dos vazios gerados por essas obras de infraestrutura criam um “vazio socialmente definido” que Borde (2006) estabelece como uma das consequências do esvaziamento do espaço antes habitado, com convivência coletiva, criando o deslocamento, rupturas e descontinuidades no local que não podem e não conseguem ser automaticamente preenchidas com novas funções.

Para Borde (2006), em algumas situações, a proximidade a um vazio urbano faz com que a sua área circundante seja também submetida a uma forma de esvaziamento, o que pode ser relacionado com impactos morfológicos dos vazios sobre a área do entorno. Toda a dinâmica dos vazios urbanos impacta diretamente na percepção da paisagem provocando desequilíbrio na dinâmica urbana e aumentando a fragilidade das desconexões entre a vida urbana e a cidade em si. Essa desconexão aumenta o descontentamento da população com a cidade.

No entanto, com o passar dos tempos os vazios passaram a ser o foco das principais linhas de atuação dos projetos urbanos pelo poder público e pela sociedade civil. No Rio de Janeiro temos o exemplo do parque Madureira. O parque se encontra hoje em um espaço que era destinado a torres de alta-tensão ao lado da linha ferroviária. Um vazio gerado por obras de infraestrutura ao lado de um sistema de transporte da cidade.

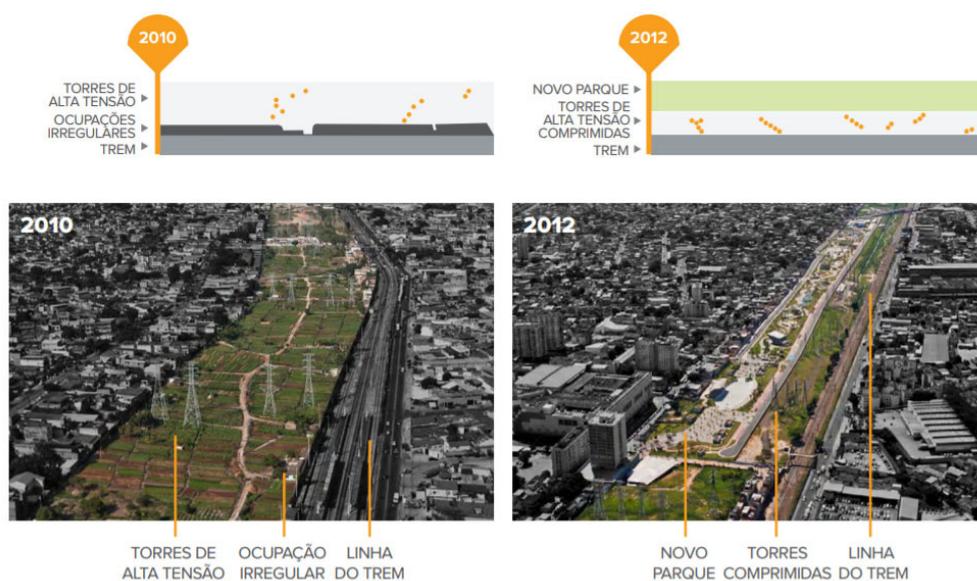


Figura 10 - Parque Madureira. Fonte: <https://mail.camara.rj.gov.br/>

Para o mercado, as transformações implantadas nos vazios são consideradas como oportunidade para o desenvolvimento de uma nova cidade. Essas mudanças de fato promovem uma nova simbologia para os vazios: o que antes era ligado à degradação e especulação, agora passa a ser possibilidades. Todavia, a maneira como esses vazios são moldados cria cidades desconectadas do cidadão, usuário do espaço. São em sua maioria grandes projetos que não dialogam e não interagem com o entorno, pensados “de cima para baixo” a

partir da administração municipal ou estadual em conjunto com o mercado imobiliário, sem a participação da comunidade.

Os vazios inseridos no tecido urbano devem ser considerados não como fragmentos desconectados da cidade, mas como elementos pertencentes e articulados ao tecido urbano ao longo do tempo, por isso devem ser reativados com o cuidado de interligar essas diferentes camadas do tempo rompidas por alterações urbanas, tentando recompor o antigo, o projetado o inconcluso e o imaginado (Borde, 2006).

As rupturas geradas através de reformas urbanas (ações de caráter projetual) das antigas cidades geraram conflitos de funções e uso do solo estabelecido, criando grandes quantidades de vazios não planejados distribuídos pela malha da cidade do Rio de Janeiro. Na Avenida Presidente Vargas, localizada no centro do Rio, diversos aterros, mudanças estruturais entre outras reformas foram responsáveis por grandes áreas subutilizadas geradoras de rupturas que colaboram ainda hoje para a especulação do solo urbano e para a desigualdade socioespacial.

Segundo Joern Langhorst e Jeremy Németh (2014), existem 2 fatores que fazem a mediação dos vazios urbanos: o proprietário do terreno e a capacidade de desenvolvimento do local. Ou seja, a vacância desses terrenos é mediada pelos proprietários e pelo desenvolvimento urbano local. Em qualquer momento a vacância é uma condição temporária. Na cidade do Rio de Janeiro é perceptível a quantidade de espaços ociosos que poderiam servir de espaços de lazer para a população. Algumas soluções no campo do urbanismo tático podem preencher lacunas de demandas sociais e urbanas que estão em aberto, mesmo que por um período de tempo com soluções pontuais e locais.



Figura 11 - Comparação das mudanças urbanas do centro da cidade do Rio de Janeiro entre 1928 e 1950 após a abertura da Avenida presidente Vargas. Fonte: desenvolvido pela autora

No Brasil, um dos fatores que mais contribuem para a permanência dos vazios urbanos nas metrópoles é o econômico. Muitos vazios permanecem vazios apenas para aumentar o valor da terra, esse fenômeno se chama especulação imobiliária.

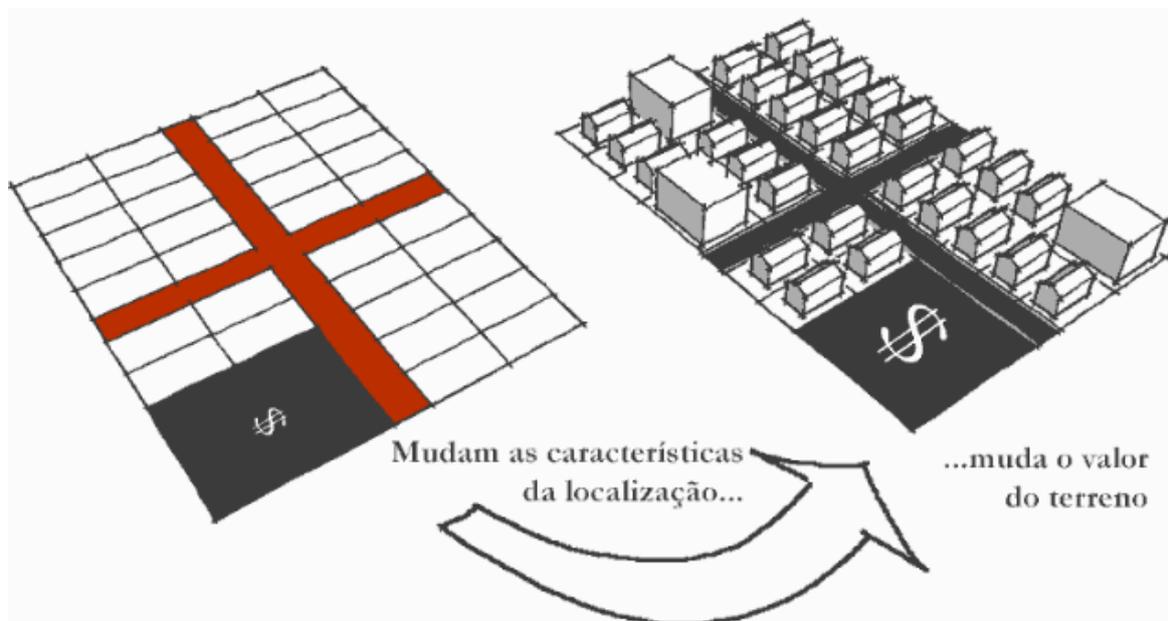


Figura 12 - Esquema básico de funcionamento da especulação imobiliária. Elaboração: Renato Saboya. Fonte: <https://urbanidades.arq.br/2008/09/21/o-que-e-especulacao-imobiliaria/>

Esses espaços permanecem vazios em busca de uma valorização que pode chegar através de investimentos públicos ou privados nos arredores dos terrenos. As políticas relativas aos terrenos ociosos são poucas e somente a partir de 2001 com a aprovação do Estatuto da Cidade (Lei federal nº 10.257/2001) que alguns poucos municípios começaram a implantar em seus planos diretores os instrumentos de regulamentação desses vazios urbanos.

Para Solà-Morales (1996) devemos tentar compreender a natureza desses espaços subutilizados na cidade contemporânea. Para isso precisamos preencher esses vazios com valores que signifiquem algo para a sociedade, diferente do que já foi proposto até então para espaços públicos, como soluções que são desenvolvidas de cima para baixo (uma prefeitura por exemplo), sempre orientadas de acordo com os especialistas, mas nunca discutido realmente com a população que usa esses espaços no cotidiano. O processo de produção é o que importa de fato para que o terreno vazio passe de um espaço sem vida e sem utilidade para um lugar que pertence e faz parte da vida da

comunidade. Os projetos propostos para os vazios urbanos devem incorporar temas atuais que dialoguem com a comunidade e a cidade, como a função social da propriedade urbana, sustentabilidade ambiental, cultura local e o uso do solo em si, e serem de acordo com as especificidades do território onde ele está inserido.

Para compreender esses vazios busco incorporar no trabalho o conceito de “terreno vago” ou *terrain vague*, de Solà-Morales (1996), conceito esse que é colocado pelo autor como um questionamento sobre o termo vazio urbano e o significado que ele implica. Dessa reflexão, ele propõe uma nova nomenclatura que remete a possibilidades positivas quanto aos usos dos terrenos urbanos remanescentes, “áreas de ausência e oportunidade, de memória e transformação.”¹¹ O questionamento permeia constantemente a intenção de proporcionar para esses espaços inutilizados funções que enriqueçam o convívio coletivo e urbano com a permanência de pessoas em locais públicos, questionando indiretamente o poder público e as responsabilidades quanto às atribuições relacionadas a esses espaços e a falta de planejamento para o solo urbano subutilizado.

11 Fontes, Adriana Sansão. *Intervenções temporárias, marcas permanentes: a amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades* / Adriana Sansão Fontes. Rio de Janeiro: UFRJ / FAU, 2011. p.66

1.1.2. Vazio projetual: A escala do lote

A cidade do Rio de Janeiro possui quatro sistemas de transportes públicos ferroviários na região metropolitana, sendo o Metrô um dos deles. A linha 01 do Metrô do Rio iniciou seu funcionamento no ano de 1979 com 5 estações em operação. “Praça Onze”, “Central”, “Presidente Vargas”, “Cinelândia” e “Glória”. A linha funcionava com horário reduzido, mas mesmo com as limitações o metrô logo se transformou em uma opção de locomoção muito eficiente para a população da região na qual ele atendia.

Nos anos 80, a linha 01 iniciou sua expansão em direção a zona Norte da cidade com mais duas estações: a “Uruguiana” e “Estácio”. A quantidade de passageiros aumentou e foi aos poucos demandando maior número de trens para comportar os usuários. Um ano depois, em 1981 as estações “Carioca”, “Catete”, “Flamengo” e “Botafogo” são inauguradas. No final do ano de 81 é inaugurada a Linha 02, contando com duas estações: “São Cristóvão” e “Maracanã”, e o trecho sul da linha 01 se completou com a estação “Largo do Machado”. Entre 1981 e 1988 foram inauguradas a estação “Afonso Pena”, “São Francisco Xavier”, “Saens Peña”, “Maria da Graça” e “Triagem” (essas duas últimas pertencentes à linha 02), expandindo e democratizando ainda mais o transporte urbano em diferentes regiões da cidade do Rio. Em 2014 a estação “Uruguai” é inaugurada, fechando até então as obras de infraestrutura metroviária no bairro da Tijuca.

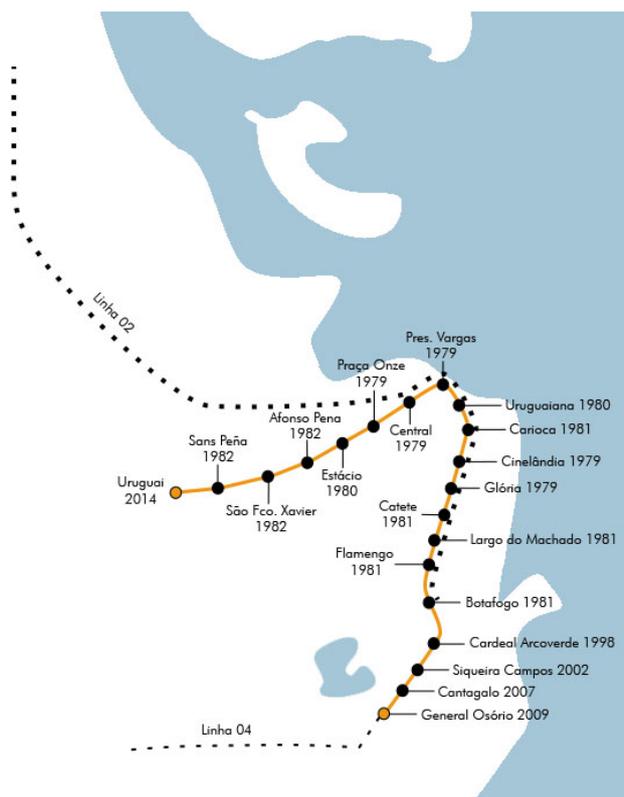


Figura 13 - Linha Cronológica do Metrô do Rio de Janeiro. Fonte: Desenvolvido pela autora com base do mapa tirada do site www.metrorio.com.br

Os vazios da linha 01 do Metrô do Rio de Janeiro localizados no bairro da Tijuca são datados desde a origem da linha, final da década de 1970. Eles possuem características de vazios projetuais, gerados por intervenções de infraestrutura em malhas urbanas já consolidadas.



Figura 14 - Mapa de um trecho do bairro da Tijuca em 1920, antes da implantação da linha do metrô. Fonte: desenvolvido pela autora com modificação da imagem com base no mapa do site <<https://www.imagerio.org/map>>

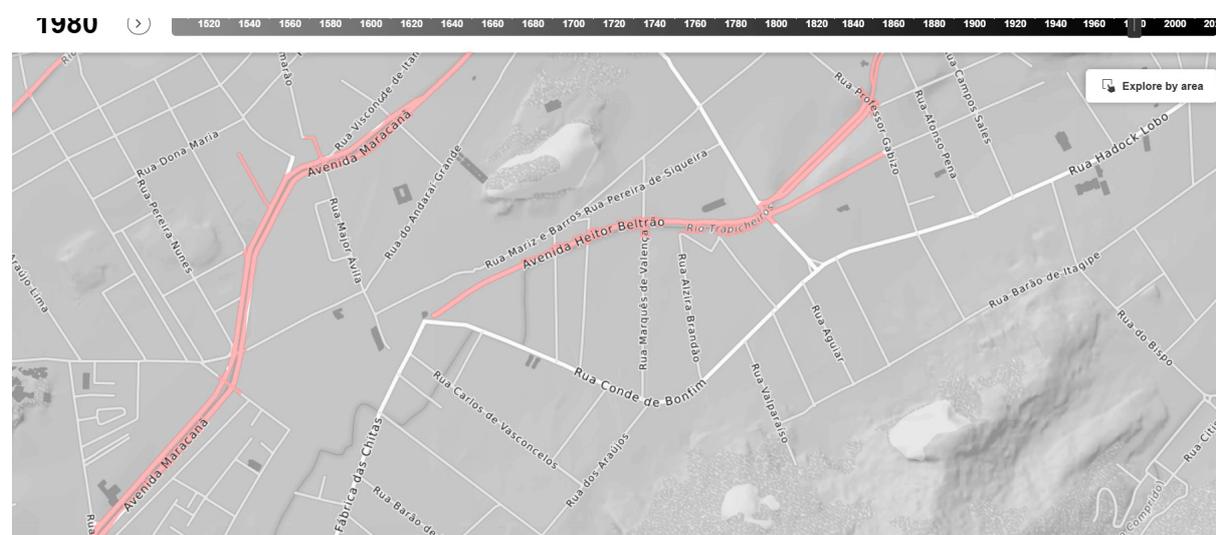


Figura 15 - Mapa de um trecho do bairro da Tijuca em 1980. A pintura em rosa mostra algumas novas vias abertas depois da implantação da linha do metrô. Fonte: desenvolvido pela autora com modificação da imagem com base no mapa do site <<https://www.imagerio.org/map>>

Para Ferrara (2000), esses vazios urbanos são espaços residuais, de pequenas dimensões, que conformam cicatrizes por onde são gerados, descontinuando a malha e modificando o ambiente já construído. São novos espaços a se preencher com novos usos e novas funcionalidades. Borde classifica esses tipos de vazios como vazios intersticiais¹².

¹² Definição do dicionário Aurélio: Interstício - Espaço entre uma coisa e outra ou entre aquilo que está junto, ligado.

Interpreto esses vazios como um tipo de vazio projetual, que também é gerado a partir de intervenções na malha urbana mas de escala visível ao habitante, e que é vivida e percebida no cotidiano das pessoas.

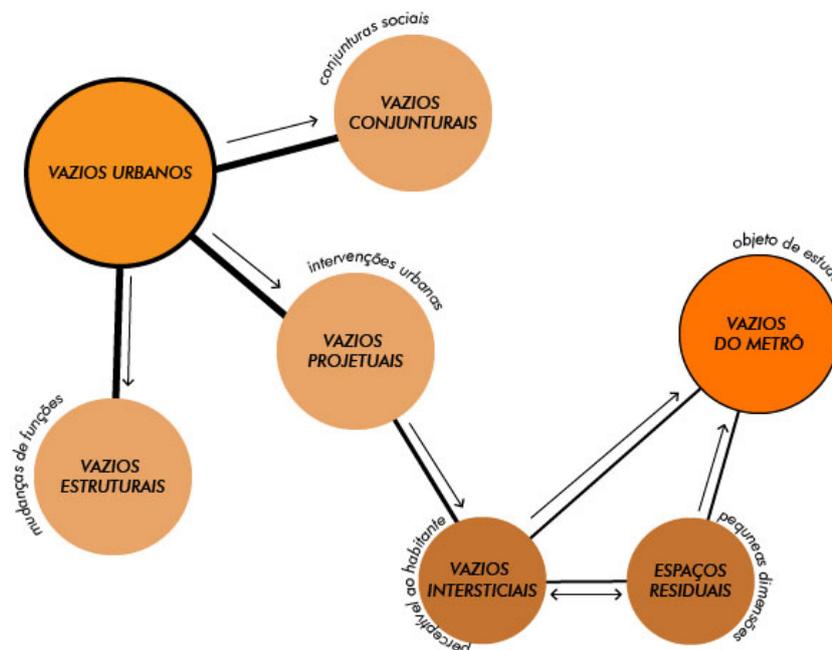


Figura 16 - Tipos de vazios urbanos. Fonte: Diagrama feito pela autora com interpretação da tese da Dra. Andrea Borde

Muitos desses terrenos remanescentes foram desapropriados pelo poder público para a implantação da linha metropolitana. Atualmente, esses terrenos pertencem à empresa RioTrilhos (Companhia de Transportes Sobre Trilhos do Estado do Rio de Janeiro - RioTrilhos, integrante da Administração Indireta do Estado do Rio de Janeiro, vinculada à Secretaria de Estado de Transportes). O Estado classificou esses terrenos remanescentes através da lei complementar nº 98, de 22 de julho 2009¹³. Cada um deles foi identificado como áreas próprias ou não para edificação, dependendo de sua estrutura, posição e tamanho.

A lei classifica os terrenos como:

- I - áreas non ædificandi;
- II - áreas edificáveis;
- III - áreas destinadas a projetos paisagísticos e implantação de equipamentos urbanos de uso coletivo.

13 <https://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contlei.nsf/2ed241833abd7a5b8325787100687ec-c/72a38aacb9286567032577220075c7d7?OpenDocument>

A maioria dos terrenos foi classificada como área edificável, e os que não foram classificados como tal foram destinados a projetos paisagísticos e implantação de equipamentos coletivos. Para a lei, as áreas *non ædificandi* são: “Art. 2º São consideradas *non ædificandi* as áreas remanescentes atingidas por projetos de alinhamento ou situadas sobre a Faixa *non ædificandi* - FNA do Rio Trapicheiros, bem como, os terrenos destinados às faixas de domínios de outros rios e as áreas onde a própria estrutura do metrô impeça a edificação.”



Figura 17 - Mapeamento dos 44 terrenos remanescentes inseridos na LC nº98 de 2009. Fonte: imagem produzida pela autora.

Por diversos motivos, até os dias de hoje muitos desses terrenos remanescentes continuam sem função alguma. Em uma reportagem feita pelo jornal EXTRA em 2018, muitos moradores citam a insegurança que esses espaços vazios e abandonados remetem às ruas. A RioTrilhos quando questionada, alegou que diversas áreas ociosas estão penhoradas¹⁴ por passivos (dívidas) trabalhistas, mas não explica porque os terrenos destinados a uso público continuam sem uso¹⁵. Segundo o Jornal, em 2009, o estado do Rio fez uma primeira tentativa de vender as áreas remanescentes do metrô com a ajuda da prefeitura.

14 Penhora: apreensão dos bens de devedor, por mandado judicial, para pagamento da dívida ou da obrigação executada.

15 <<https://extra.globo.com/noticias/rio/terrenos-do-estado-abandonados-sao-avos-de-criticas-da-populacao-22501148.html>>

Por motivos judiciais os leilões só aconteceram em dezembro de 2010 e em junho de 2011. Na época a RioTrilhos informou que foram vendidos 10 dos 80 terrenos localizados ao longo das Linhas 1 e 2 do metrô.

Em setembro de 2019 outra reportagem chamou atenção para a questão dos terrenos no bairro da Tijuca. A manchete “Ociosos há 40 anos, terrenos da Rio Trilhos na Tijuca abrigarão unidades da Polícia Militar”¹⁶ reflete com clareza as condições de abandono das áreas ociosas. A notícia relata que dois terrenos remanescentes das obras do metrô receberão duas novas unidades da polícia militar. São terrenos classificados como *non ædificandi* pois estão localizados sobre galerias subterrâneas de passagem de trens, o que limita ou impede construções na sua superfície. Para o jornal, essa característica é uma das causas que afastaram possíveis compradores de realizar negócios com os terrenos. Ao mesmo tempo, o governo do estado também não se interessou em implantar equipamentos públicos de lazer e culturais.



Figura 18 - Comparação entre o mapa da lei complementar nº 98 de 22 de Julho de 2009 com uma mapa do “Google maps” no ano de 2021. Ainda hoje o terreno permanece vazio. Fonte: imagem produzida com a LC nº 98 e base do mapa à direita do site Google maps e desenho feito pela autora.

16 Reportagem: <<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/ociosos-ha-40-anos-terrenos-da-rio-trilhos-na-tijuca-abrigarao-unidades-da-policia-militar-23931101>>

Moradores entre outros que convivem no bairro elogiaram os novos usos para os terrenos, e comentaram sobre a insegurança que esses espaços vazios trazem para os pedestres e moradores locais. Para os moradores, a implantação de unidade da polícia trará mais segurança para a região do bairro. Na reportagem, o arquiteto e urbanista Gerônimo Leitão, da Universidade Federal Fluminense (UFF), elogia a ideia e acrescenta que a Av. Heitor Beltrão deveria ser rodeada de espaços com atividade de lazer e cultura que promovessem atividades e movimento ao longo do dia, tornando o local mais seguro através do movimento de gente e de atividades. Existem diversas questões que circundam os usos dos vazios urbanos. Em sua tese de Doutorado, Borde faz uma pergunta que reflete o centro da questão sobre novos usos para os vazios urbanos. “Por que o preenchimento muitas vezes não preenche?”. A pergunta coloca em questão os diversos problemas que envolvem como as cidades são moldadas e planejadas.

O sistema econômico capitalista e neoliberal que vivemos impõem sobre o solo urbano um valor comercial, materializando o capital através do espaço construído. A situação de vazio urbano representa, nas grandes cidades contemporâneas, a especulação e valorização do solo urbano. Existem instrumentos previstos pelo Estatuto da Cidade para evitar esses tipos de ocorrências, no entanto, vazios urbanos inseridos na malha urbana são muitas das vezes terrenos de propriedade privada esperando momentos econômicos de valorização do solo. Os poderes municipais atuam em vazios urbanos destinados ao lazer público com projetos que procuram preencher esses espaços, mas que não levam em consideração a relação afetiva e simbólica que esses locais transmitem para os moradores das regiões vizinhas a esses espaços. Muitas das vezes, esses vazios são ocupados com praças genéricas e com equipamentos urbanos que não suprem as necessidades reais dos usuários. Existem diversos fatores relacionados ao vínculo entre o espaço e os frequentadores, que os planejadores urbanos acabam por relevar ao projetar funções para esses espaços vazios.

Intervenções urbanas que valorizam a participação da população na produção urbana são possibilidades que permitem interpretar o espaço público com a visão dos usuários permitindo uma maior conexão entre o local e as pessoas. O espaço urbano segundo Castells (2002) é a expressão da sociedade e por isso essa relação “sociedade e espaço” é muito complexa. As formas e processos espaciais são produzidos por toda a dinâmica da estrutura social. Olhando do ponto de vista da teoria social, onde o “espaço é o suporte material de práticas sociais de tempo compartilhado”(Castells, 2002) a inclusão das demandas e necessidades da sociedade ao se planejar novos usos para vazios urbanos inseridos na malha é importante para o sucesso dos espaços públicos e para a sociabilidade do bairro. Faltam nas grandes cidades lugares ambientados com características de comunidades que interagem e convivem em um espaço em comum.

A possibilidade de criar ambientes com

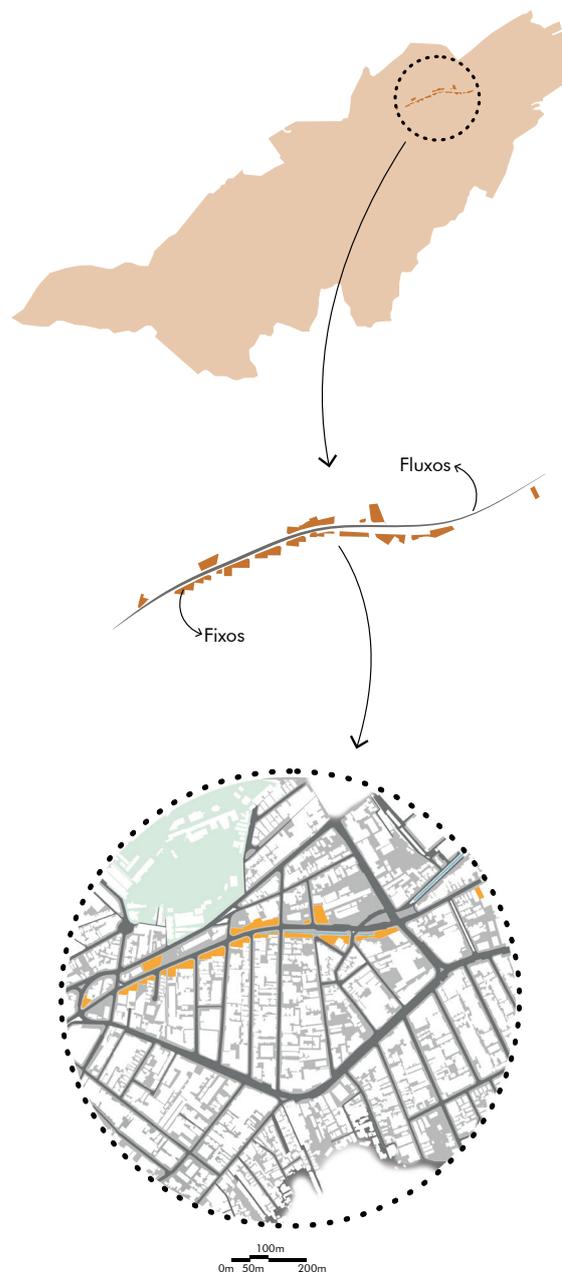


Figura 19 - Ilustração demonstrando os terrenos vazios como os “fixos” e os “fluxos” que moldam o espaço através do movimento do capital. Fonte: desenvolvido pela autora

características próprias e personalizadas nos vazios urbanos distribuídos pelos bairros das cidades pode ser um grande passo no desenvolvimento de espaços urbanos mais funcionais, dinâmicos e democráticos. Para Castells, a forma espacial urbana funciona com espaços de fluxos e espaço de lugares. Espaços de fluxos são espaços criados pela economia neoliberal capitalista que produz lugares que movimentam a economia, ou seja, são interligados aos fluxos de capital que se movimentam no espaço físico, enquanto que es-

paço de lugares são locais gerados a partir da apropriação das pessoas pela cidade, com a cultura da sociedade refletida fisicamente no espaço.

A visão que a economia neoliberal projeta sobre os vazios é exatamente o oposto do que é na realidade. A retenção especulativa dos vazios urbanos passa a ser visto como oportunidade de produção de fluxos de capitais para uma economia dinâmica. Com essa lógica de produção da cidade a noção do espaço urbano como lugar de encontro, de diversidade e demandas sociais acaba sendo colocado de lado, e o que se produz são espaços de fluxos para produção de uma cidade que movimenta a economia ao invés de uma cidade com espaço de lugares voltados para as comunidades locais.

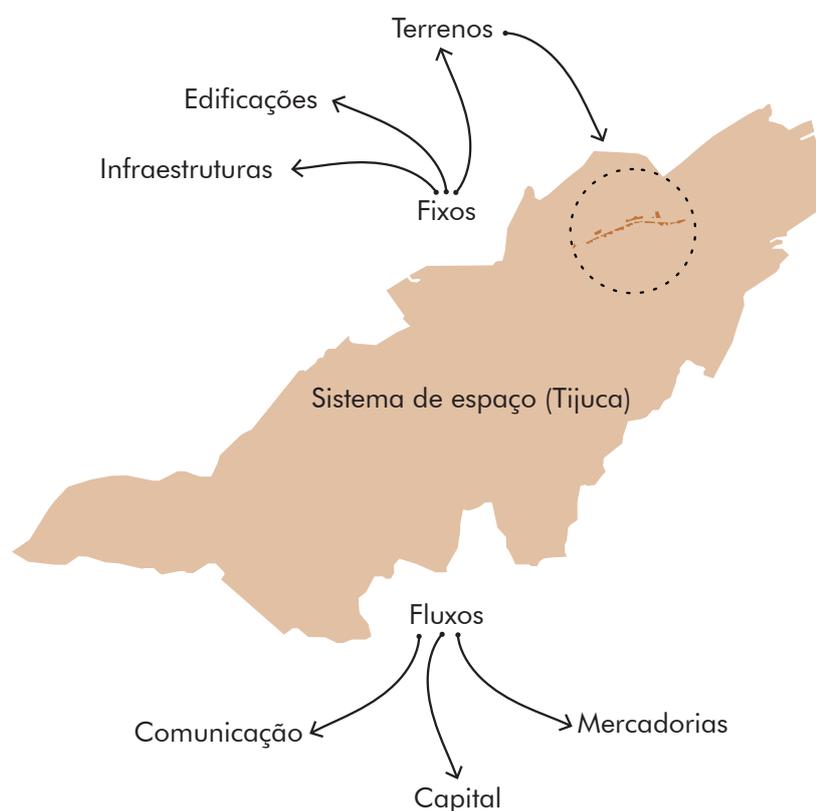


Figura 20 - Ilustração elaborada para interpretar o conceito de fixos e fluxos do artigo "Fixos e fluxos: revisitando um par conceitual." Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía 29 (2): 493-504. Barros, José D'Assunção. 2020. Fonte: desenvolvido pela autora

1.2. Praças, uma tipologia urbana

No Brasil, os grandes centros urbanos são caracterizados por diversos problemas relacionados à organização e ocupação do espaço: poluição, falta de saneamento, mobilidade precária, falta de moradia adequada, infraestrutura urbana ultrapassada e sem manutenção, entre outros. São tantas adversidades que enfrentamos no dia a dia, que o espaço público (calçadas, praças, vias, recuos etc) acaba repelindo a presença da população. O que era para ser um espaço de trocas, convivência e conexão da população, hoje é visto por muitos como um espaço hostil, poluído, sem cuidados, sem vida e sem atrativos.

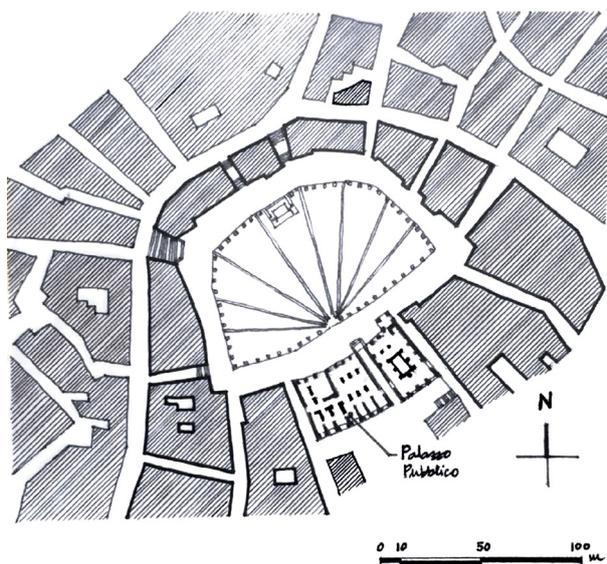


Figura 21 - Piazza Del Campo, Siena, Itália. “Tinha proporções amplas não apenas para poder incluir o mercado, mas também abrigar reuniões e cerimônias públicas”. Fonte : Alex, Sun (2011).

A praça, uma tipologia essencialmente urbana, formada através de aberturas no tecido urbano ao longo do tempo, se desenvolveu para ser espaço de encontro e convívio dentro das cidades. É “simultaneamente uma construção e um vazio, a praça não é apenas um espaço físico aberto, mas também um centro social integrado ao tecido urbano” (Alex, 2011). Ela nasce em sua essência como um lugar público.

É um espaço livre, de caráter social e urbano onde acontecem importantes atividades sociais, é moldado através da evolução morfológica das cidades e configura a paisagem urbana através de suas definições não edificadas.

Lynch (1981) descreve a praça como um modelo de espaço aberto, com suas origens nas cidades européias. Está localizada em locais de grande movimento, é um local de foco em atividades, geralmente pavimentada, circundada por edificações e ruas. Possui elementos que atraem pessoas e facilita o en-

contro entre elas: fontes, bancos, abrigos entre outros tipos de mobiliário. Pode ou não ter vegetação. A Piazza Italiana é o tipo mais comum. Podemos pensar nas praças e nos espaços públicos, livres de edificações, como vazios nas cidades. Cullen (2008) chama esses vazios de espaços estruturados pelos cheios das edificações (delimitações). Esses vazios não são somente praças, são também ruas e espaços coletivos. São nesses remanescentes livres de edificações onde acontece boa parte da vida urbana.

O espaço público, a área que comporta toda a vida urbana e o cotidiano dos cidadãos, é muito mais que ruas, praças e parques, segundo Alex (2008)

“o espaço público na cidade assume inúmeras formas e tamanhos, compreendendo desde uma calçada até a paisagem vista da janela. A palavra “público” indica que os locais que concretizam esse espaço são abertos e acessíveis, sem exceção, a todas as pessoas. Mas essa determinação geral, embora diminuída ou prejudicada em muitos casos, é insuficiente: atualmente, o espaço pluri-funcional – praças, cafés, pontos de encontro – constitui uma opção em uma vasta rede de possibilidades de lugares, tornando-se difícil prever com exatidão seu uso urbano. Espaços adaptáveis redesenham-se dentro da própria transformação da cidade (Alex, 2008).”

A qualidade do espaço público possui a capacidade de alterar a percepção e o comportamento das pessoas nas grandes cidades, modificando o modo de vida e as atividades que acontecem no ambiente urbano. O modo como a paisagem é moldada através das decisões projetuais, como, por exemplo, poucas áreas livres de lazer, ou o contrário pode interferir negativamente ou positivamente nas nossas vidas e conseqüentemente, no nosso bem estar¹⁷. Um espaço público com fácil acesso, com diversas atividades, bonito e bem cuidado certamente irá convidar os passantes a entrar e aproveitar o espaço, enquanto que uma local escuro, com obstáculos, sujo e mal cuidado irá repe-
lir quem passa por perto.

17 Artigo: Praças temporárias para ativação de vazios: o caso das Plazas de Bolsillo de Santiago. Adriana Sansão Fontes, Fernando Espósito, Fernanda Schwarc Mary e Lara Liberatto Nunes Alves



Figura 22 - Fazendinha: de lixão a parque: projeto de parque em local de despejo de lixo em comunidade. Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/941633/fazendinha-de-lixao-a-parque?ad_source=myarchdaily&ad_medium=bookmark-show&ad_content=current-user

Richard Sennet (2018) classifica as cidades em 2 tipos: *Ville* e *Cité*. A *ville* é a cidade física, o que vemos construído e materializado, enquanto que a *cit * significa o modo de vida em um bairro, as relações dos vizinhos com os estranhos, e a vinculação que as pessoas têm com o lugar. Para ele, a *cit * está mais próxima de um conceito que entendemos como cidadania. As cidades contemporâneas normalmente não têm esses dois tipos em harmonia, ou seja, o ambiente físico construído não possui a forma que exterioriza e a maneira de como as pessoas vivem ou desejam viver. O espaço público deveria ser então, o reflexo da vivência cotidiana das pessoas, e moldado através desses fluxos e conexões. Todavia, essa conversão de espaço em lugar, como uma área onde habitamos e vivemos, que é diferente do conceito de espaço, local físico por onde passamos (Sennet, 2018) normalmente não   vista nas grandes cidades brasileiras. O que vemos no cotidiano é um distanciamento entre o “fora” (rua, calçadas, praças etc) e o “dentro” (espaços privados, residências, comércios etc). A separação entre os diversos ambientes urbanos (o fora e o dentro) gera conflitos que são evidenciados no modo como as cidades são projetadas atualmente.

Dos espaços públicos, a praça é a tipologia onde podemos identificar a apropriação do espaço urbano pela população. Nesse sentido, o ambiente público, aberto e acessível, sem exceção, a todas as pessoas, é o local onde o indivíduo pode exercer sua cidadania¹⁸ (aqui interpreto cidadania como o direito de participar ativamente na construção de políticas e ações para melhorias da vida no meio urbano) e participar ativamente dos fluxos e trocas no ambiente urbano. Para Sun Alex (2011), a praça como espaço público é um local que se molda através das práticas sociais, ela é resultado da cultura, do modo de viver coletivo de cada local, específico de cada cidade.

“Trata-se, portanto, essencialmente de uma área em que se processa a mistura social. Diferentes segmentos, com diferentes expectativas e interesses, nutrem-se da co-presença, ultrapassando suas diversidades concretas e transcendendo o particularismo, em uma prática recorrente de civilidade e do diálogo (Gomes, 2002)¹⁹.”

O diálogo a qual Paulo Gomes se refere pode ser interpretado como as trocas sociais e conflitos gerados pelos diversos interesses dos atores sociais e cidadãos. O diálogo tem o papel de mediar as pessoas presentes no espaço. Para Mark Francis (1989), as pessoas deveriam ter o direito de controlar a forma como elas usarão o espaço público. Para ele, o espaço público são paisagens participativas, moldadas pelos seus usuários, e podendo ser esse um dos ingredientes mais importantes para um espaço urbano de sucesso.

Kevin Lynch traz em seu livro “Good city form” conceitos sobre cinco dimensões de controle da paisagem pelo usuário para a construção de bons ambientes: Presença, uso e ação, apropriação, modificação e disposição.

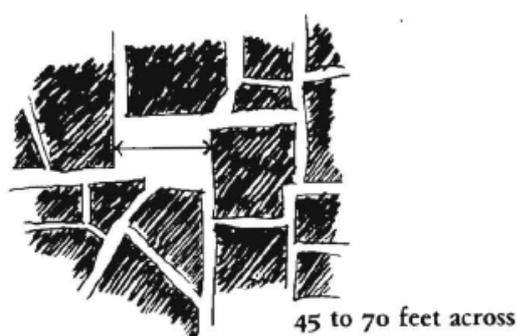
“A presença é o direito de acesso a um lugar, sem ela o uso e a ação não são possíveis. O uso e ação referem-se às habilidades das pessoas de utilizar o espaço. Com a apropriação, os usuários to-

18 Capacidade política que tem o indivíduo para influir na formação do governo, seja na forma ativa, pelo exercício do sufrágio, seja na condição passiva, como exercente de funções eletivas ou a elas candidato. Sidou, J. M. Othon. Dicionário jurídico: Academia Brasileira de Letras Jurídicas – 9ª Edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

mam posse de um lugar, simbolicamente ou de fato. Modificação é o direito de alterar um espaço para facilitar o seu uso, e disposição é a possibilidade de desfazer-se de um espaço público (Alex, 2008).”

Nesse sentido, os espaços públicos, em especial, as praças, são lugares que ao serem idealizados e projetados coletivamente, acomodarão diversos nichos e diferentes necessidades demandadas pela população. Quanto mais diversidade de uso desses espaços, mais completo e satisfatório será esse local para seus usuários.

Para Alexander (1977), a praça (*small public squares*) são lugares importantes pois através deles é possível gerar uma identificação do bairro e comporta atividades sociais, no entanto, as praças não devem ser muito grandes:



“A cidade precisa de praças urbanas; elas são as maiores salas públicas de encontro que uma cidade possui. No entanto, quando são muito grandes ela aparentam e passam a percepção de estarem vazias”. (Christopher Alexander, Murray Silverstein, Sara Ishikawa, 1977).

Figura 23 - Tamanho ideal de uma praça segundo os autores do livro *A Pattern Language: Towns, Buildings, Construction*.

A preocupação com o bem-estar dos moradores das cidades, principalmente em relação ao uso do espaço coletivo nos momentos de lazer, pode e deve ser somado à políticas públicas de incentivos a espaços urbanos de qualidade. Nos Estados Unidos, a cidade de Nova York promoveu políticas públicas com diferentes soluções espaciais, que culminaram em uma paisagem urbana de qualidade para a população.

O programa *New York’s Privately Owned Public Space (POPS Program, 1961)* é uma política que se baseia na oferta de bônus de densidade em troca da adição de espaço público no interior ou ao redor dos edifícios comerciais privados, permitindo um aumento de áreas públicas de lazer na cidade pela

conversão de partes de terrenos privados. Esse instrumento urbanístico foi uma das primeiras tentativas de parceria público-privada para a geração de espaços públicos em Nova York (Barata, 2018).

No Brasil temos alguns instrumentos urbanos que auxiliam o controle do uso do solo, e que são previstos no Estatuto da Cidade²⁰. Esses instrumentos foram criados para garantir que a propriedade urbana pudesse cumprir com a sua função social, atendendo às exigências fundamentais de ordenação da cidade. Esses instrumentos devem constar nos planos diretores dos municípios de modo a ser implementados e aplicados mais rigorosamente, colaborando, assim, com melhorias qualitativas na produção da cidade.

Mais políticas públicas são necessárias de modo a incentivarem a produção do espaço público de qualidade, não somente levando em consideração as características físicas projetuais e arquitetônicas do espaço, mas também entendendo que o espaço público é articulado ao espaço privado e que desempenham funções de ordenamento nas cidades. Quando o espaço de lazer, por exemplo, está presente na vida de todo cidadão, a cidade se mostra mais dinâmica, com mais qualidade de vida e mais igualitária. Criar espaços que conversem com as pessoas também é projetar uma cidade mais democrática e receptiva a todos os usuários que a habitam.

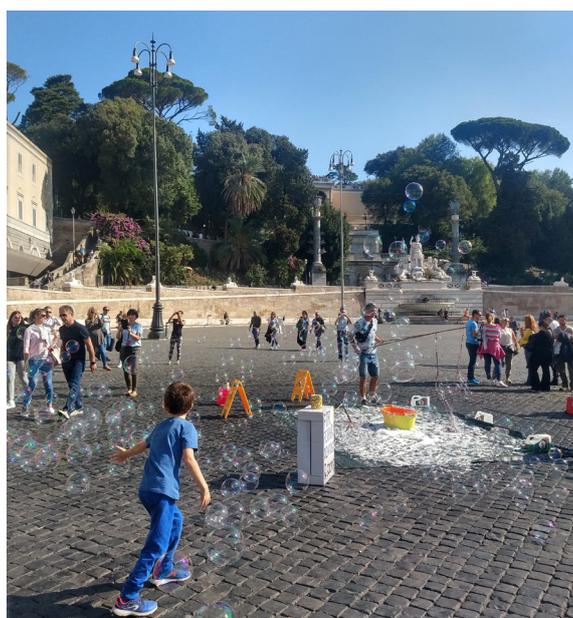


Figura 24 - Piazza del Popolo, Roma, Itália. Foto: Acervo pessoal

20 Estatuto da Cidade é Lei no 10.257, de 10 de Julho de 2001. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências.

1.2.1. *Pocket Parks: Transformação em lotes urbanos*

O *POPS Programs* (ver item 1.2) foi um dos principais incentivos à criação dos *pocket parks* nos EUA. A política ajudou a criar pequenos parques urbanos inseridos na malha urbana e no cotidiano dos moradores da cidade de Nova York.

“O conceito de *pocket park* foi desenvolvido na década de 1960 pelo então comissário do departamento de Parques de Nova York, Thomas Hoving. Parte da ideia da adequação do conceito do parque urbano a pequenas áreas livres e de transição da cidade (“*pocket*” em inglês ou “de bolso” em português), adaptando a proposta de lazer vinculada ao controle social e à separação simbólica da cidade, mediante o controle de acesso e regras explícitas de uso, originária dos parques urbanos do século XIX (Fontes et al., 2020).”

Assim como Hoving, Frederick Law Olmsted, jornalista que marcou a história do paisagismo moderno no final do século XIX e início do século XX, também acreditava que as cidades deveriam ter mais espaços abertos e com ofertas de recreação e lazer para a comunidade, de forma a fornecerem um espaço urbano mais agradável para todos. Para ele, esses espaços eram os locais onde diversas classes sociais poderiam conviver. Para Hoving, todos os terrenos vazios da cidade de Nova York deveriam virar espaços de lazer e convivência entre as pessoas. Dessa maneira, em uma cidade densa as “praças de bolso” poderiam criar respiros urbanos, incorporando em pequenos áreas mais vegetação, locais para sentar, espaços onde comer e/ ou conversar com os amigos.

“Utopia would mean a park - some large, some small - every four or five blocks²¹” (Hoving)

“Utopia significaria um parque - alguns grandes, outros pequenos - a cada 4 ou 5 quarteirões” (tradução da autora)

21 <<https://www.nytimes.com/2009/12/13/opinion/13prochnik.html>>

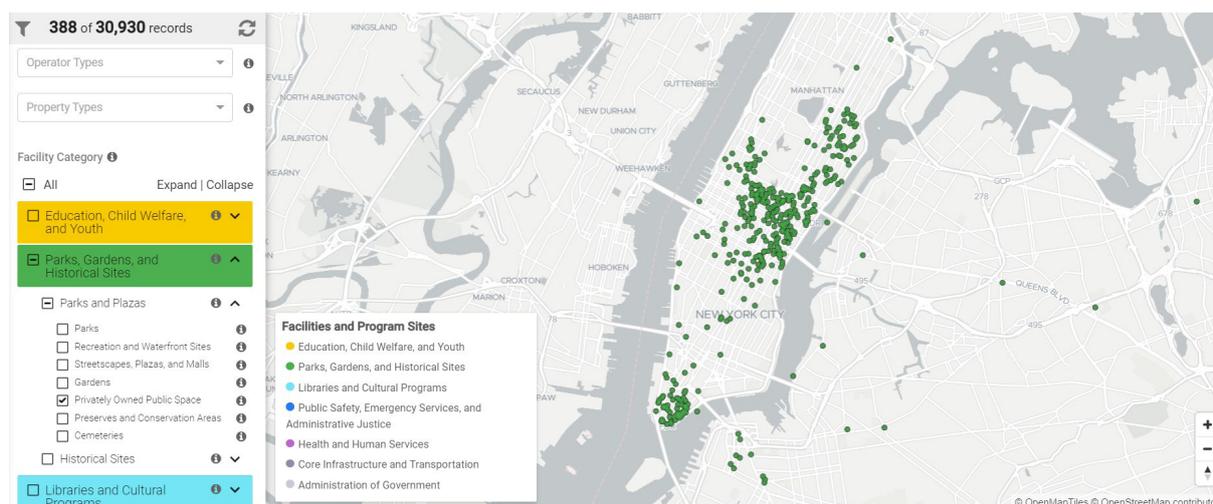


Figura 25 - Site interativo com mapeamento dos espaços públicos criados com a política pública do Departamento de Planejamento urbano de Nova York. Fonte: <https://www1.nyc.gov/site/planning/plans/pops/pops.page>

Ao criar o conceito dos *pocket parks*, Hoving também desenvolveu alguns princípios sobre localização, premissas projetuais e implantação que os projetos deveriam seguir:

“Os princípios básicos sugerem que o novo espaço de lazer esteja localizado em ruas movimentadas, atraindo um maior número de pessoas; que ofereça opções de alimentação a preços acessíveis a todos; que ofereça cadeiras e mesas soltas para que as pessoas possam configurar o espaço de acordo com seus desejos, permitindo assim uma maior interação com o espaço; que contenha queda d’água para proporcionar um foco e um bom motivo para visitação, além de um ambiente tranquilo e de privacidade criado pelo som da água; que contenha sombra de árvores no verão, sem que sua estrutura seja tão densa a ponto de evitar a passagem de luz; e, finalmente, que forneça iluminação que produza calor em dias frios (no caso de lugares com clima temperado). (Fontes et al., 2020)”

Em seus estudos na década de 1980 em Nova York, William H. Whyte constatou que ao contrário do que arquitetos e políticos afirmavam, mais do que a forma do espaço, o sucesso dos espaços públicos vinha do acesso ao local, do movimento de pessoas (“pessoas atraem pessoas”) e pelas opções de lugares para se sentar: Sociabilidade, múltiplos usos e atividades, fácil acesso e conectividade, e boa imagem e conforto²².

22 How to turn a place around. A placemaking Handbook. Project for Public Spaces. (site: www.pps.org)

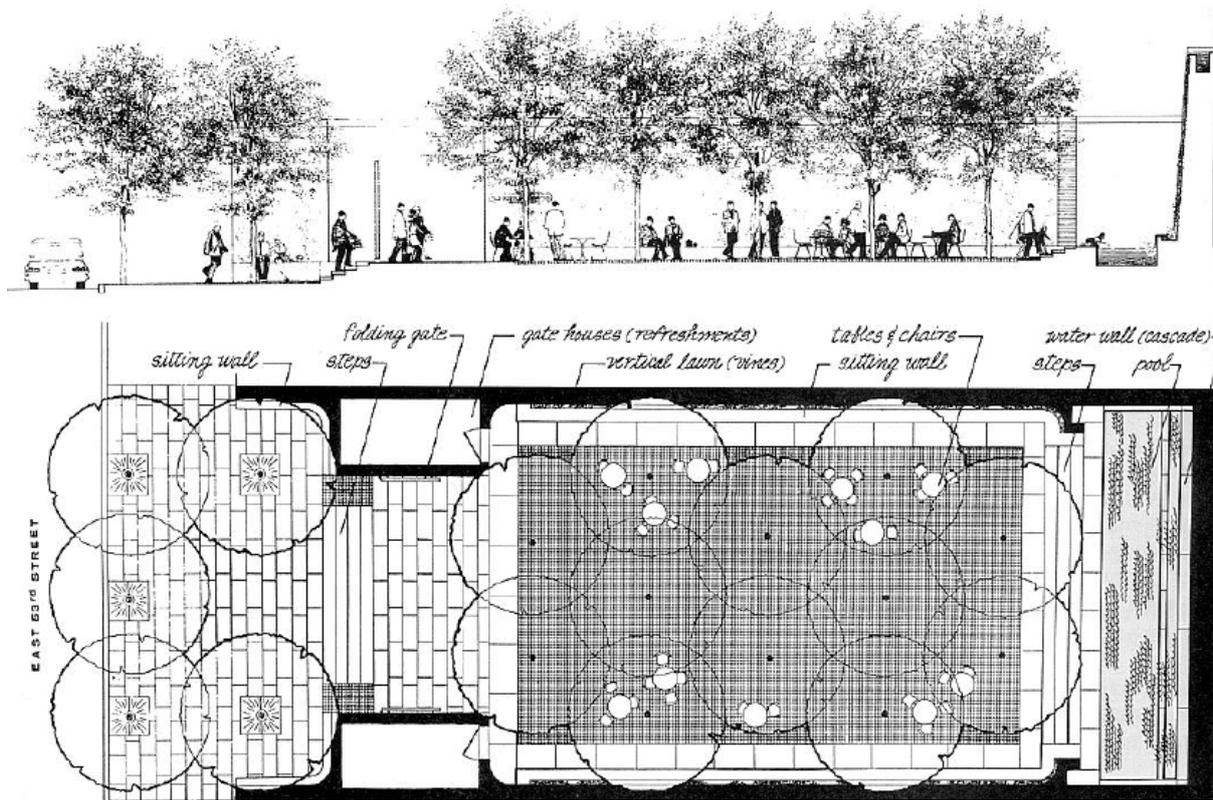


Figura 27 - Planta baixa do Paley Park, NY. Fonte: http://Isa496696.weebly.com/uploads/2/9/4/5/29457247/05.12_monday_paley_park.pdf

Em um único projeto, os princípios básicos de Hoving e as características que Whyte julgava necessárias para um espaço público bem sucedido fizeram do Paley Park (primeiro pocket park criado) um grande sucesso.



Figura 26 - Paley Park, primeiro pocket park nova iorquino. Fonte: acervo pessoal

O principal fator responsável pela grande quantidade de espaços públicos de qualidade na cidade de Nova York foi a política pública desenvolvida para melhorar a cidade de uma maneira que funcionasse para todas as pessoas envolvidas na sociedade, contribuindo positivamente para a vida no espaço urbano.

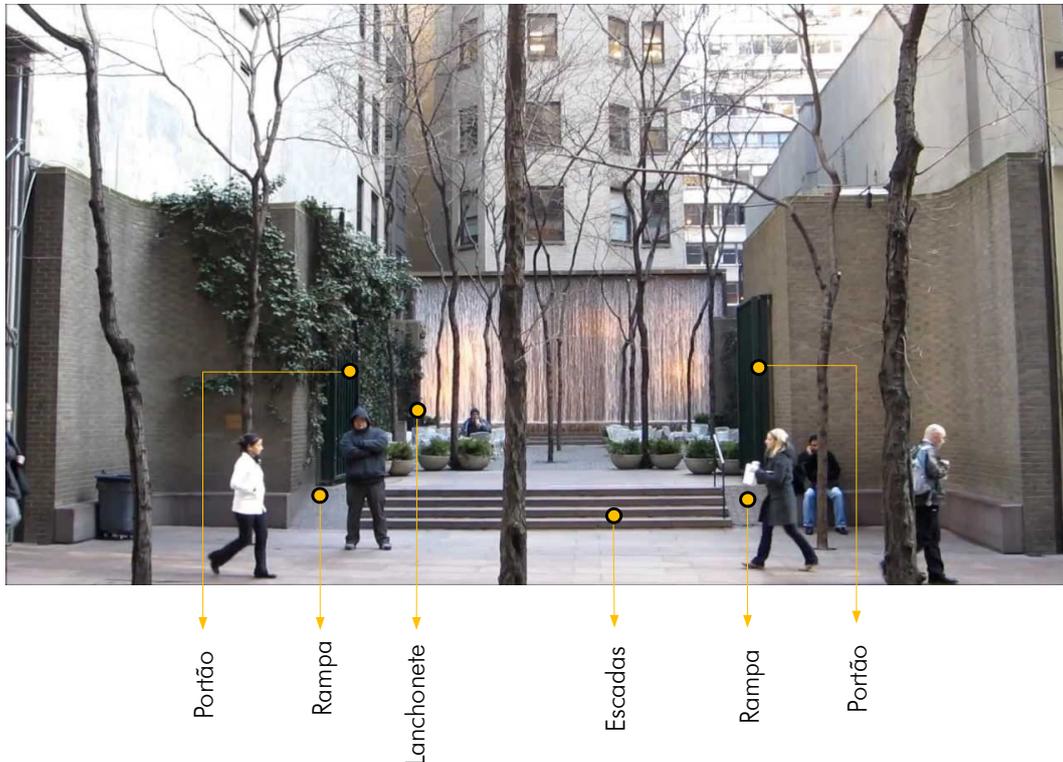


Figura 29 - Imagem desenvolvida para disciplina de Teoria de Arquitetura Paisagística do curso do Mestrado profissional em Arquitetura Paisagística, PROURB-FAU-UFRJ em 2018.

O Paley Park, consegue manter um conforto climático no local para os seus usuários²⁵. No calor no verão a praça consegue amenizar a temperatura e no inverso, manter o espaço protegido dos ventos frios, tudo com ajuda das árvores bem especificadas para o local e alguns elementos arquitetônicos compostos com água e vegetação que enriquecem o ambiente do pequeno parque de bolso.

Esses pequenos “parques de bolso” podem ser base de um grande projeto interligando espaços vazios com novas possibilidades de usos distribuídos por diversos bairros da cidade do Rio de Janeiro, proporcionando espaços de lazer e cidadania ao alcance de todos os cidadãos. Através de novos usos para vazios urbanos presentes pela cidade é possível criar espaços urbanos

25 Spirn, Anne Whiston. O jardim de Granito: A Natureza no Desenho da Cidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. (p.78)

mais democráticos com diferentes funções e usos definidos pela população junto da administração pública para proporcionar aos cidadãos cidades mais saudáveis, funcionais e dinâmicas.

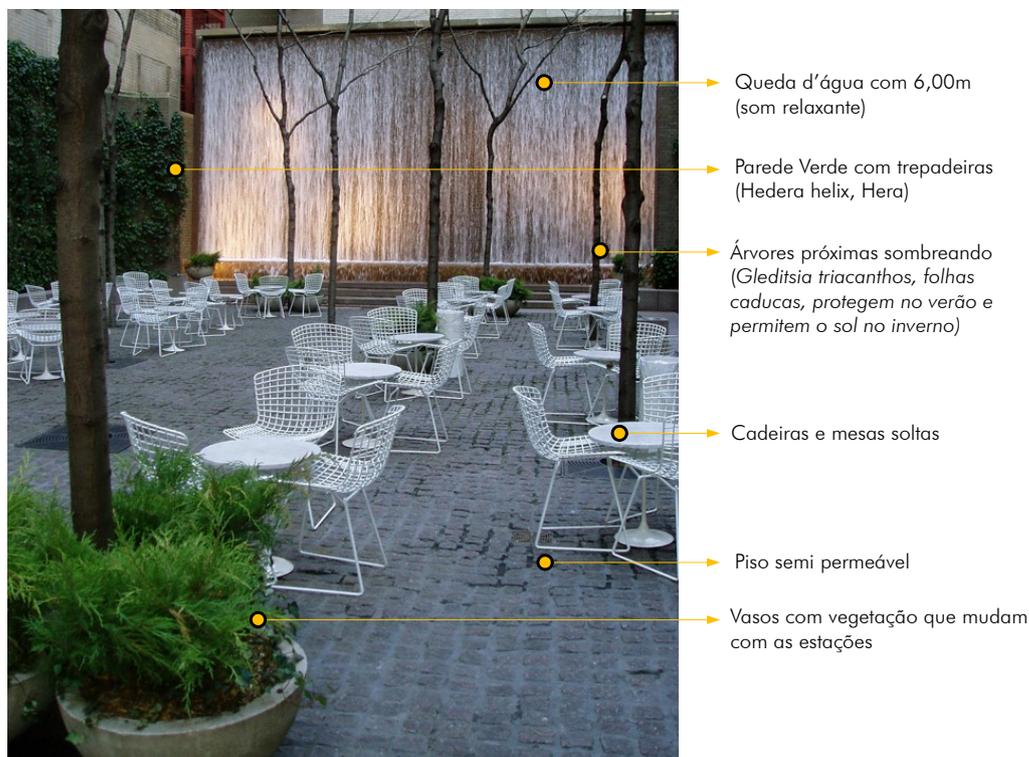


Figura 30 - Imagem desenvolvida para disciplina de Teoria de Arquitetura Paisagística do curso de Mestrado profissional em Arquitetura Paisagística, PROURB-FAU-UFRJ em 2018.

Aspectos ecológicos podem ser desenvolvidos com novas dinâmicas de usos de espaços livres e meios de implementação de benefícios ambientais com infraestruturas verdes que podem ser aplicadas em pequena escala, criando um sistema urbano integrado com a natureza. Além de benefícios no campo da infraestrutura, espaços verdes são benéficos para o bem-estar²⁶ da população, além de serem lugares visualmente mais atraentes para os pedestres e moradores do entorno. A presença de mobiliário urbano junto da vegetação proporciona uma paisagem urbana mais atraente e convidativa para o uso do espaço. As áreas públicas com plantas e árvores cumprem um papel importante para a população e para a cidade: por exemplo, as árvores são capazes de criar microclimas que amenizam a temperatura em dias de muito

26 "A qualidade de vida urbana está diretamente atrelada a vários fatores que estão reunidos na infra-estrutura, no desenvolvimento econômico-social e àqueles ligados à questão ambiental. No caso do ambiente, as áreas verdes públicas constituem-se elementos imprescindíveis para o bem estar da população, pois influencia diretamente a saúde física e mental da população. LOBODA e DE ANGELIS, Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções, 2005. p.131

calor, fazem também barreiras sonoras protegendo as pessoas dos sons intensos vindos das vias além de purificar o ar, capturando a poeira suspensa no ambiente e filtrando o ar.

1.3. Cenário atual: A pandemia e a imposição de novas condições urbanas

O ano de 2020 foi marcado por uma condição peculiar mundial. No final de 2019 e início de 2020 a humanidade foi alertada sobre uma possível pandemia: foi identificado na população da cidade de Wuhan, na China, um novo e desconhecido vírus que possui um grande índice de transmissibilidade, e por isso, muito contagioso entre a população mundial. O novo coronavírus (SARS-CoV-2) iniciou a rota de propagação com grande velocidade, contaminando a população de Wuhan e as cidades vizinhas, até se alastrar rapidamente por todo o mundo.



Fonte: Universidade Johns Hopkins (Baltimore, EUA), autoridades locais
Números atualizados pela última vez em 9 de julho de 2020 10:29 GMT

Figura 31 - Casos mapeados do novo coronavírus Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51718755>

Repentinamente as principais cidades mundiais e os líderes globais tomaram providências com orientações da OMS (organização Mundial da Saúde) para tentar reduzir a propagação do vírus. Uma das medidas mais eficazes para evitar o contágio com o novo coronavírus foi o distanciamento físico entre as pessoas. Para diminuir a propagação do vírus, muitas cidades implantaram

regimes de quarentena. A Itália foi o país que, durante o mês de março e abril de 2020, mais sofreu com o novo coronavírus. A quarentena foi aplicada em diversas cidades para tentar conter o vírus e manter o sistema de saúde do país em funcionamento sem chegar ao colapso. Países vizinhos como Espanha e França também sofreram com a pandemia. O distanciamento físico imposto pelas condições de saúde mundial criaram cenários de um novo modo de vida nas cidades. A cidade, criada para desenvolver trocas e relações entre as pessoas, se transformou em um grande espaço vazio. Muitas empresas se adequaram ao sistema de “home office”, e muitos dos comércios fecharam nessas cidades europeias. Assim como os vazios criados por projetos urbanos, o vazio atual das cidades foi impulsionado por condições externas.

No Brasil não foi diferente. Diversas cidades decretaram quarentena para conter o vírus, e muitas empresas privadas e serviços públicos transferiram seus funcionários para o regime de “home office”, deixando uma boa parte da infraestrutura urbana voltada para a mobilidade sem grande uso. Os serviços essenciais continuaram funcionando normalmente, mas o comércio em geral foi fechado. Até o momento (Novembro de 2021) as cidades brasileiras estão em transição com aberturas graduais do comércio e serviços não essenciais.

Logo surgiram diversos questionamentos quanto os modelos de cidades existentes. A principal questão gerada por essa nova condição urbana foi da grande quantidade de espaço público destinado aos veículos de transporte privados. Com muitas ruas vazias, foi possível analisar e visualizar o desequilíbrio na proporção de espaço destinado ao pedestre²⁷. Com as frotas de ônibus reduzidas na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, muitas pessoas começaram a usar o espaço para caminhar, se locomover com bicicletas, patins e outros meios de transportes ativos.

“Grandes cidades, como Barcelona e Nova Iorque, por exemplo, bloquearam ruas ao trânsito de automóveis para ampliar a oferta de áreas livres para os moradores fazerem caminhadas, ginástica, andar de bicicleta, praticarem exercícios e pegarem sol” (Barra, 2020)

27 <https://capitalmundialdaarquitectura.rio/rio-capital-mundial-da-arquitetura/a-importancia-das-areas-verdes-publicas-e-privadas-para-o-novo-normal/> (acesso em Julho de 2020)

A necessidade de espaços urbanos ao ar livre se tornou o foco das cidades nas condições pandêmicas. A segurança ao praticar esportes, ou nos momentos de lazer em espaços abertos estão sendo analisados por especialistas e diversos profissionais da saúde já se posicionaram em relação à prática de exercício ao ar livre para melhorar o bem-estar e a saúde física das pessoas que estão vivendo em quarentena. No entanto, o distanciamento físico deve permanecer mesmo em espaços abertos, de forma a dificultar a propagação do vírus²⁸.

Manter-se distante de pessoas nas ruas parece uma tarefa fácil, mas devido a anos de valorização do espaço urbano em benefício dos automóveis e edificações particulares, acaba se tornando um desafio. Para solucionar alguns problemas de aproveitamento do espaço urbano, muitas intervenções urbanas baseadas no urbanismo tático estão sendo realizadas em diversas cidades do mundo.

A prefeitura de Barcelona implantou em suas ruas diversas modificações temporárias baseadas no urbanismo tático. As adaptações buscam permitir um retorno das pessoas à vida urbana com distanciamento físico necessário



Figura 32 - Plano de retomada de Barcelona vai alargar calçadas, fechar ruas e criar ciclovias temporárias. Foto: Ayuntamiento de Barcelona. Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/tag/urbanismo-tatico>

para evitar grandes ondas de contágio do vírus. Até então foram um total de 12Km de calçadas, 21Km de Ciclovias e 30.000m² de espaço público para que as pessoas possam se locomover e usar a cidade de maneira mais segura.

28 <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/question-and-answers-hub/q-a-detail/be-active-during-covid-19> (Acesso em 10/07/2020)
<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-04-12/fazer-exercicios-fisicos-ao-ar-livre-em-meio-a-pandemia-e-seguro-os-riscos-e-cuidados-necessarios.html> (Acesso em 10/07/2020)
<https://www.bbc.com/portuguese/geral-52170288> (Acesso em 10/07/2020)

Em Berlim, a prefeitura providenciou mudanças de caráter temporário nas vias do distrito de Kreuzberg após reclamações dos cidadãos a respeito da necessidade de distanciamento físico para conter a pandemia. Pinturas de faixas para delimitar novos espaços destinados às ciclovias foram feitas para permitir a locomoção dos moradores com o devido distanciamento para tentar conter a propagação do vírus²⁹.



Figura 33 - Imagem das novas faixas temporárias em Berlim. Fonte: www.theguardian.com



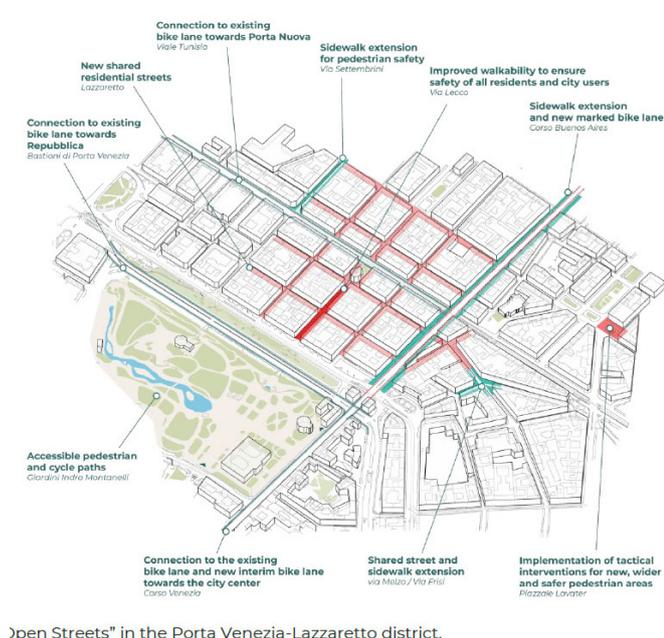
Figura 34 - Corso Buenos Aires, Milão. Itália Fonte: <https://www.pri.org/stories/2020-06-09/after-lockdown-milan-rolls-out-plan-open-more-streets-cyclists-and-pedestrians>

Milão é outra cidade na Europa que também aplicou as ações de urbanismo tático para melhoria da mobilidade e da vivência nas ruas. A cidade criou um plano de estratégias chamado “Open Streets” de adaptação das ruas para a retomada das atividades urbanas:

29 Acesso 03/08/2020 <<https://www.theguardian.com/world/2020/apr/13/pop-up-bike-lanes-help-with-coronavirus-social-distancing-in-germany>>

A cidade já havia iniciado uma intervenção urbana no projeto “Piazze aperte³⁰”, porém a pandemia deu uma acelerada em alguns planos, na sua maioria envolvendo a mobilidade dentro dos bairros e com os centros urbanos da cidade de Milão.

Extensão de calçadas, transformação de vias de carros em ciclovias para bicicletas, definição e demarcações de espaços de esperas em estabelecimentos entre outras estratégias estão sendo elaboradas em diversas cidades do mundo para melhorar os espaços públicos, focando nas pessoas e ao mesmo tempo tentando diminuir o contágio pelo novo coronavírus.



"Open Streets" in the Porta Venezia-Lazzaretto district.



"Open Streets" in the Isola district, Via Minniti.

Figura 35 - Projetos do plano “Open streets” - Milão 2020. Adaptation strategy Fonte: <https://www.comune.milano.it/aree-tematiche/quartieri/piano-quartieri/piazze-aperte>

Um grande questionamento sobre o futuro das cidades se destacou com a pandemia do novo Coronavírus: O espaço público e sua distribuição física. Produzimos, até então, cidades com áreas livres mal distribuídas pela malha urbana, com pouca disponibilidade de espaços de lazer e descanso em áreas mais desvalorizadas da cidade, e com grande concentração e investimentos em áreas mais ricas.

30 <https://www.comune.milano.it/aree-tematiche/quartieri/piano-quartieri/piazze-aperte> (acesso em 03/08/2020)

Muitas prefeituras optaram por fechar os parques e praças para evitar aglomeração de pessoas nos períodos de quarentena. Todavia, devido o confinamento, diversas pessoas sentiram a necessidade de usar os espaços públicos para prática de exercício físico e para descontração da angústia provocada pela situação sanitária. A pandemia evidenciou o fato de que existe uma grande desigualdade na distribuição de espaços livres destinados ao lazer de caráter público pelas cidades de modo geral. Em alguns bairros menos densos do Rio de Janeiro, as pessoas conseguiram de forma mais segura, continuar aproveitando o espaço ao ar livre. Essas regiões mais privilegiadas, por possuir diversos espaços de lazer de qualidade para o uso seguro dos cidadãos e com a possibilidade de cumprimento das medidas do distanciamento físico entre as pessoas, conseguiram manter uma taxa de contaminação mais baixa que outros bairros mais densos e/ou com poucos espaços livres disponíveis. Bairros e regiões mais adensadas e/ou menos favorecidas de infraestrutura e qualidade urbana ficaram sem alternativas, fazendo com que o vírus se propagasse mais rápido por causa das condições estruturais e físicas dessas áreas.

Pelo mapa anterior, vemos que nem sempre a presença de muitos espaços livres quer dizer que vá haver menor taxa de contaminação pelo vírus. A Barra da Tijuca, por exemplo, é um bairro com muitas áreas livres, No entanto, mesmo assim foi um dos bairros com o maior índice de pessoas contaminadas no município do Rio de Janeiro.

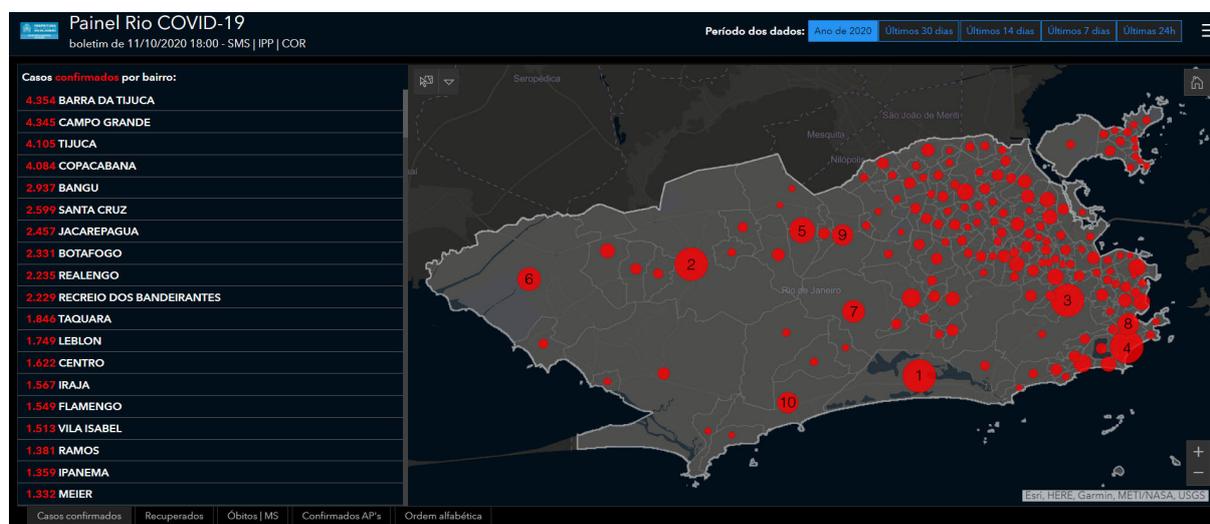


Figura 36 - Rio COVID-19, casos por bairros. Outubro de 2020. Fonte: <https://www.data.rio/>

A questão que trago para debate é a distribuição equilibrada e igualitária dos espaços públicos na cidade. Na Barra, existem de fato muitos espaços livres, mas nem todos eles são acessíveis à população em geral. Devemos sempre levar em consideração as medidas tomadas pelas sub-prefeituras das regiões e as políticas públicas aplicadas durante a pandemia nas cidades para se interpretar os dados. Além disso, temos que levar em consideração os estilos de vida das regiões que mudam de acordo com as rendas das famílias. Na Barra, as atividades se concentram em sua maioria não em espaços públicos, mas em lugares privados e em sua maioria fechados, como shoppings, cinemas, centros comerciais etc.

Em São Paulo (capital), a prefeitura iniciou com o escritório de arquitetura “Metro Arquitetos” e estabelecimentos de serviços gastronômicos uma proposta de intervenção chamada “OCUPA RUA” para que os restaurantes do centro da cidade pudessem funcionar de maneira segura servindo ao público e mantendo o comércio aberto durante a pandemia.

“As vagas de estacionamento foram transformadas em espaços com mesas de atendimento que podem receber de duas a seis pessoas, respeitando uma distância mínima de 1,5 metro de distância e com recepção ao ar livre.”(Jornal “o Globo” de 17.09.2020)

A iniciativa permitiu que diversos restaurantes não ficassem sem receita durante esse período difícil que o mundo está vivendo e fez com que mais pessoas usassem espaços antes destinados a carros e ônibus, ou seja, mais uso do espaço urbano. O urbanismo tático é uma forma transformar a cidade em um ambiente voltado para as pessoas na escala de uso da cidade. O projeto “OCUPA RUA” foi composto por pinturas coloridas nas esquinas das ruas, delimitações com vasos de concreto e plantas para criar ambientes agradáveis, móveis leves para realizar refeições e lanches e alguns *ombrelones* (guarda-sol) para proteger as pessoas do sol forte ou de eventuais chuvas.



Figura 37 - Planejamento da intervenção nas ruas do centro. Imagens: Metro Arquitetos (retirada do site da revista Projeto). Fonte: <https://revistaprojeto.com.br/noticias/projeto-ocupa-rua-auxilia-a-reabertura-de-comercios-em-sao-paulo/> e <https://metroarquitetos.com.br/home/ocupa-rua-sao-paulo-2020/>

A pandemia pôde abrir nossos olhos mostrando como estamos produzindo nossas cidades de uma maneira desigual, oferecendo mais espaço para os meios de transportes individuais ao invés do coletivo, valorizando os espaços fechados e privados de lazer ao invés de valorizar o espaço coletivo e público ao livre, além da desigualdade na distribuição do espaço urbano. O urbanismo tático é uma forma muito eficiente de se atuar nas cidades, e durante a pandemia foi possível constatar que com a atuação tática podemos melhorar o espaço público com rapidez e dessa forma criar espaços de maior qualidade para a população com intervenções pontuais de baixo custo, servido assim como experimentos urbanos para futuras modificações.

2. Transformando vazios urbanos em praças temporárias

As cidades são o palco da vida de grande parte da população mundial. Compartilhamos em um mesmo ambiente diversas atividades cotidianas que envolvem pessoas, serviços, espaços públicos, privados, culturais, educacionais, econômicos etc. É espaço do cotidiano e na pequena escala que acontece a vida, entretanto, raramente ela é objeto de atuação do planejamento urbano por parte da administração pública. É nesse espaço do dia a dia que acontecem inúmeras atividades sociais e é ele que conecta nossas casas, nossos trabalhos, as instituições e que permite a vivência e trocas sociais, atividades essenciais para o funcionamento das cidades. Para Lefebvre (1991), o cotidiano constitui a base de toda experiência social e o verdadeiro local da contestação política, ou seja, o local de exercer a cidadania.

O projeto e planejamento urbano deve permitir espaços com possibilidade de apropriações espontâneas pela população, aceitando que a paisagem seja fluida, mutável e dinâmica, ou seja, para Wall (1999) a cidade precisa ser capaz de se transformar em um palco para as mais diversas atividades e usos temporários. A arquiteta Laura Peters (2016) argumenta que esse tipo de planejamento gera apropriação da cidade pelo usuário, criando de maneira democrática um ambiente propício para interações sociais e culturais

Para Netto (2012) o modo como as cidades se desenvolveram com a racionalização moderna e controlada pelo mercado/capital implicou de forma negativa o potencial social e político do espaço público: (a) o enfraquecimento do senso de “público” do espaço urbano como cenário de apropriação e de participação da produção urbana; (b) a valorização do espaço urbano através da privatização em detrimento do desenvolvimento do espaço público; (c) a desvalorização e enfraquecimento da esfera pública e científica/acadêmica na produção do espaço, incentivando projetos que movimentam a economia ao invés de projetos que privilegiem os usuários do espaço e o bem estar da sociedade; (d) o enfraquecimento da academia gerando ausência de conhecimentos para o entendimento da urbanização das cidades, ausência de debates técnicos e tomadas de decisões projetuais que levam em consideração

fatores econômicos em detrimento de fatores sociais; (e) e finalmente, a forma de racionalização do espaço urbano reproduzida pelo mercado privado gerando cidades desiguais demarcadas com divisões de espaço urbano por classes sociais e afastamento da vida cotidiana da rua. Através dessas diretrizes, as cidades projetadas com separação de usos e funções parcelaram as experiências cotidianas e negaram as diferenças entre as pessoas. Uma cidade que propicia e sustenta as atividades sociais e políticas do ser urbano é um espaço que possibilita que a cidadania seja exercida através do espaço público: é um espaço acolhe e incentiva diversas e múltiplas atividades .

A exposição “Uneven Growth: Tactical Urbanisms for Expanding Megacities” no MOMA (Nova York, Novembro de 2014 a Maio de 2015) demonstrou através de exercícios projetuais, possibilidade e alternativas para diversos problemas urbanos presentes nas megacidades do mundo. Projetos de intervenções táticas marcaram temáticas da habitação, planejamento das cidades, lazer urbano, práticas sociais entre outros. O urbanismo tático, Segundo Saskia Sassen³¹, pode ser capaz de dar luz a diferentes espaços que estão escondidos, invisíveis ou sem voz nessas cidades. A “capacidade da cidade de ter voz” é uma importante característica que o planejamento do tipo de “baixo para cima” (Bottom-Up) pode conceber para os habitantes das grandes cidades, permitindo a atuação política sendo o cidadão um ser provido de vontades e presença para reivindicar o direito à cidade.

Nesse sentido, o uso temporário através do urbanismo tático, pode ser capaz de extrair um espaço funcional onde não havia nada, criando presença e participação da população onde ainda não havia nenhuma voz. A participação e o poder do engajamento colaborativo nos processos de produção do espaço urbano possibilitam unir pessoas através de um mesmo ideal ou reivindicação.

Para Crawford (1999), embora haja muitas críticas em relação aos modelos de cidades contemporâneas, é possível buscar enxergar algo de positivo nos subprodutos gerados nos modelos de cidades atuais. Espaços esquecidos, vazios urbanos entre outros, podem ser transformados em lugares de qualidade

31 Complexo e incompleto: o urbanismo tático e seus espaços. Saskia Sassen. Revista PLOT nº 28. Piedra, papel e Tijera, Buenos Aires, Argentina. 2016

através da cooperação entre sociedade e os produtores do espaço urbano. Lefebvre acredita que o “cotidiano constitui a base de toda experiência social e o verdadeira arena da contestação política”, por isso entender as necessidades da sociedade e quais são suas atividades cotidianas é importante para transformação de espaços inutilizados em locais de trocas e interação social que sejam de fato utilizados pelas pessoas.



Figura 38 - Evento “Construir el Vacío”. Projeto de extensão da Faculdade de Arquitetura e urbanismo Nacional de Tucumán, Argentina.

O uso de áreas que possuem significados negativos, como espaços abandonados ou remanescentes de recortes urbanos, gerados através de modificações e obras de infraestrutura ou mudança de função do solo, pode ser um primeiro passo para ativar novos usos através de projetos de pequena escala.

O uso temporário através de pequenas intervenções como uso de mobiliário urbano simples, pinturas, implantação de vegetação e incentivos de atividades é uma forma rápida de dar vida a um vazio urbano. Esse tipo de uso é uma possibilidade de atuação que pode ser iniciado pela população local e que incorporar em sua produção métodos de execução mais ágeis e experimentais apropriados para espaços de escalas menores, mas que estão presentes no dia a dia de muitas pessoas.

2.1. Ativando novos lugares: Terrenos vazios e suas possibilidades

Desde as origens das cidades, terrenos e lotes vazios são usados e apropriados por pessoas que convivem diariamente com esses espaços. Na Alemanha existem pequenos lotes chamados de *Kleingärten* ou *Schrebergärten*, geralmente localizados nas margens das ferrovias, que são destinados para o cultivo de hortas durante a primavera e o verão. São terrenos públicos que são arrendados por valores baixos para que o cidadão possa aproveitar o bom tempo para o cultivo. Essa tradição existe há 200 anos na Alemanha, e foi importante para desenvolver um bem-estar social no país que já percebia os malefícios das cidades operárias geradas pela industrialização a partir do século XIX. O pequeno jardim de cultivo era não apenas um local para possibilitar a subsistência da camada mais pobre da população, mas também um local de saúde, bem-estar e lazer para as crianças. Os jardins em pequenos lotes eram também um local de resistência ao novo modelo econômico que se estabelecia junto da industrialização e uma reivindicação para o uso dos espaços urbanos pela população excluída da sociedade. Hoje a tradição continua, mas apenas como um local de lazer.

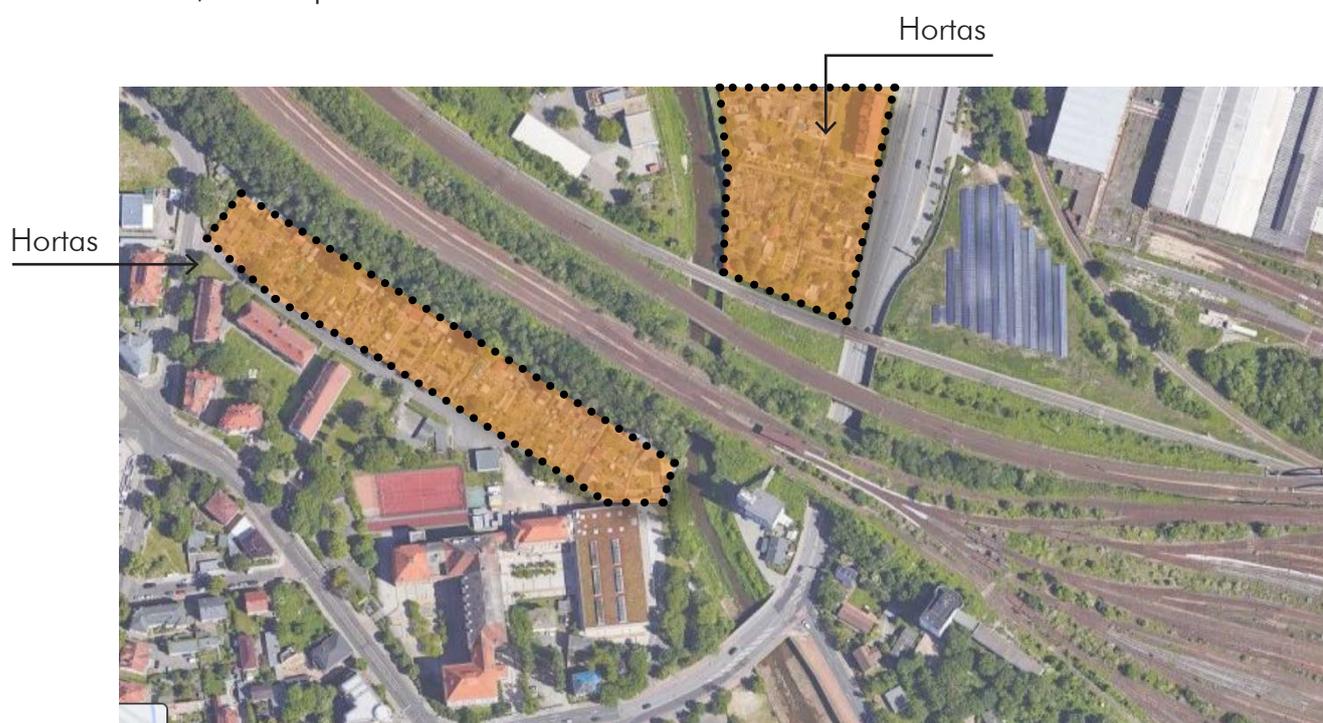


Figura 39 - Cidade de Dresden. Linha de trem e os lotes arrendados para cultivo de hortas urbanas. Imagem: Google Maps

Esses espaços são organizados por Associações de Hortas e Loteamentos, as *Kaingärtenverein*. A associação é responsável pela manutenção das atividades agrícolas onde existem esses espaços disponíveis para a população utilizar. O tipo de uso do espaço público é regulamentado por legislação nacional, assegurando valores de arrendamento justos para garantir o direito à cidade. O uso desses espaços desenvolve e fortalece laços entre a vizinhança, criando novas relações com o espaço urbano e seus ocupantes através de ações coletivas que proporcionam novos usos ao espaço subutilizado nas cidades.

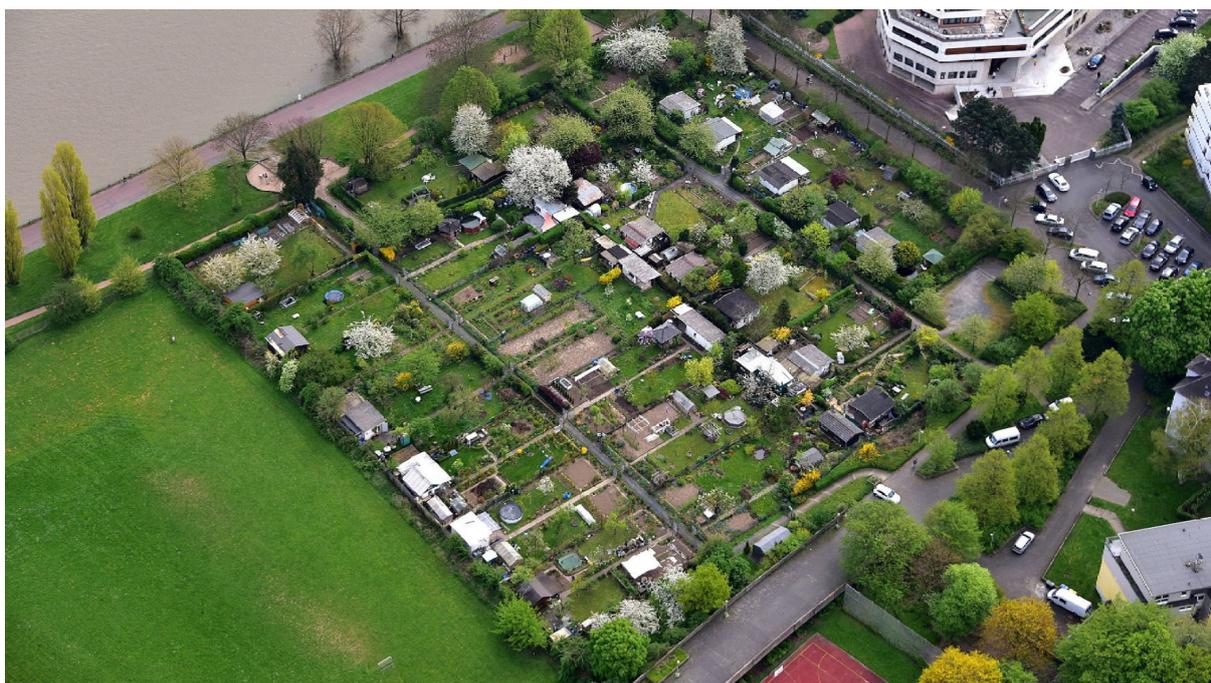


Figura 40 - Kleingärten, Bonn (Alemanha). Foto: Wolkenkratzer Site: <<https://de.wikipedia.org/wiki/Kleingarten>>

O uso de vazios remanescentes para atividades transitórias sempre esteve presente na vida cotidiana das cidades: feiras livres, mercados, festas culturais, festivais de música e gastronômicos. Todos esses acontecimentos e eventos são parte importante da vida econômica e social do meio urbano. Com atividades do cotidiano os espaços vazios são preenchidos com vida social e atividades diversas durante períodos finitos de tempo.

Na Holanda pós-guerra (1947), o arquiteto e urbanista Aldo Von Eyck iniciou um processo de reurbanização dos bairros centrais e abandonados de Amsterdã utilizando os terrenos vazios remanescentes dos bombardeios como novos

espaços de playground para as crianças geradas nessa época (baby boom³²). Contrário às diretrizes do CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura), Van Eyck incorporou em seus projetos diretrizes de “baixo para cima” sem hierarquização de usos dos espaços, promovendo uma arquitetura e urbanismo que facilitava a atividade dos cidadãos e a interação social.

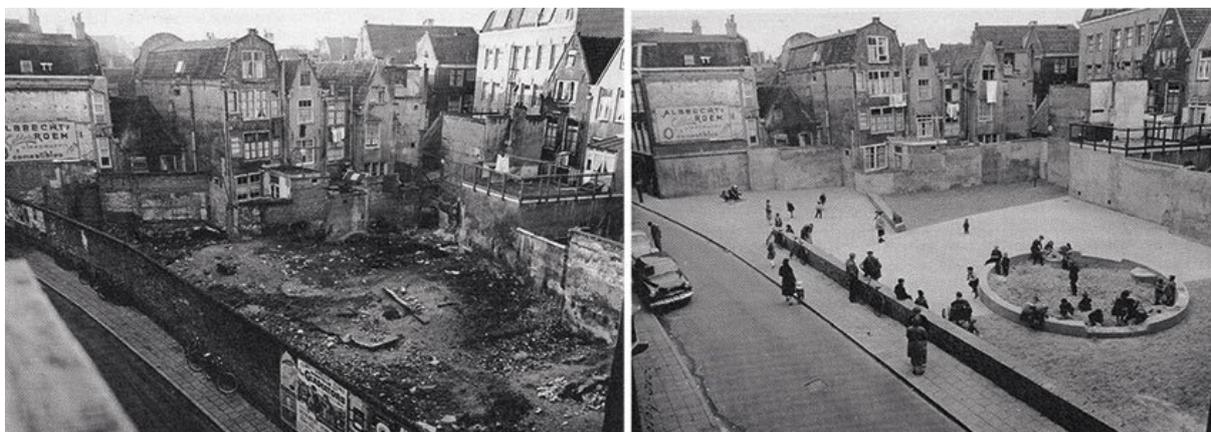


Figura 41 - Bertelmanplain, primeiro playground de Aldo Van Eyck. Fonte: <https://piseagrama.org/a-cidade-como-playground/>

Os playgrounds eram pensados e projetados com o mínimo de intervenção física, deixando a imaginação dos usuários mais livre para interpretações. Os elementos desenhados eram modulares para serem recombinados de diferentes formas e composições dependendo da função de cada lugar, além dessas concepções mais livres, os espaços de brincadeiras buscavam a conexão aos bairros onde estavam localizados, sendo pensados para os usuários locais. As construções dos espaços eram planejadas pelos Departamento de Desenvolvimento Urbano da cidade em colaboração com as associações de moradores locais, tornando o processo participativo desde o início.

As intervenções de Van Eyck foram importantes para inspirar movimentos de lutas contra a modernização hierárquica e genérica nos bairros holandeses. Um desses movimentos foi o *bouwen voor de buurt*, “construir para o bairro” (tradução de Merijn Oudenampsen³³), maneira participativa de intervir em bairros e projetos locais de pequena escala.

32 Pico de natalidade no pós segunda guerra mundial.

33 OUDENAMPSEN, Merijn. A cidade como playground. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 03, página 52 - 55, 2011.



Figura 43 - Mapa com a localização dos Playgrounds intersticiais em Amsterdam. Fonte: DöLL, Henk (Org.). LEFAIVRE, Liane. Ground-up city. Play as a design tool. 1st edition, Rotterdam, 010 Publishers, 2007. Site: <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1667#prettyPhoto>

A possibilidade de usar um espaço subutilizado de uma vizinhança para alguma atividade que beneficie a comunidade local é importante para desencadear diversos tipos de interações entre as pessoas e o espaço em si.

Vivenciar o cotidiano da cidade nas proximidades de onde se vive permite que o cidadão tenha uma conexão com o bairro e com os outros moradores da região. A iniciativa “estonoesunsolar” (tradução do site ArchDaily: Isso não é um terreno baldio) em Zaragoza, Espanha partiu da identificação de muitos lotes vazios no centro histórico da cidade. A falta de espaço para convívio era considerado um grande problema para os moradores da região, portanto, o uso desses vazios para locais de lazer e permanência foi importante para o sucesso da iniciativa para a revitalização da área.

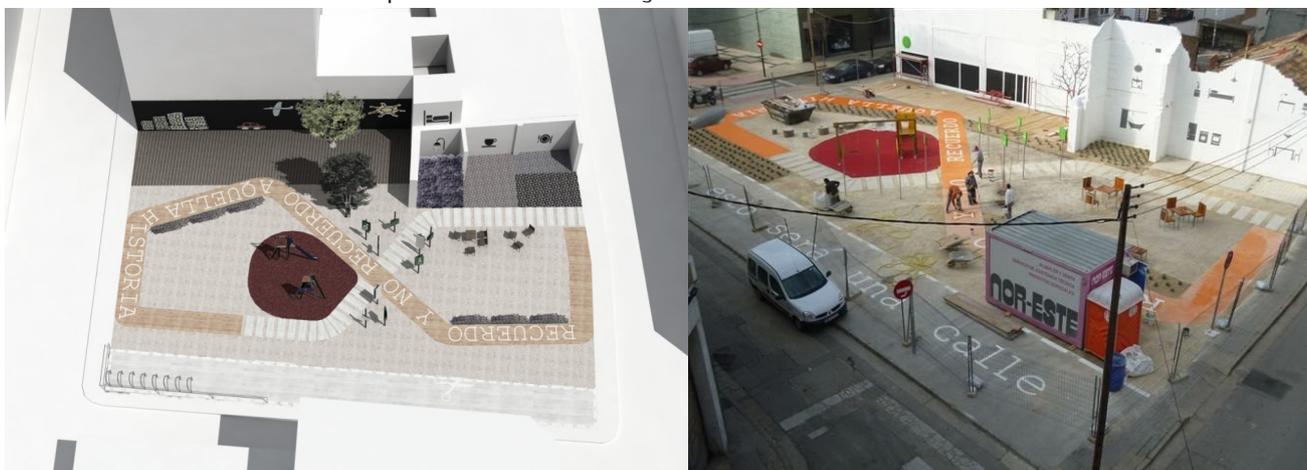


Figura 42 - Projeto para um vazio urbano em Zaragoza, Espanha. Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-189032/isso-nao-e-um-terreno-baldio-reconvertendo-lugares-vazios-do-espaço-publico-parte-i>

Os projetos levam em consideração as demandas e necessidades da população residente e cada vazio foi preenchido com atividades apontadas pelos futuros usuários dos espaços. A todo momento vemos nas cidades os espaços indefinidos sendo usados por atividades informais que fazem parte da vida urbana. Essas atividades acrescentam vida e movimento às cidades transformando espaços físicos em lugares com diversas funções e serviços que podem ou não ser transitórias. Hortas comunitárias, cinema de rua, jogos, festas e eventos culturais criam ambientes amigáveis e convidativos ao uso. No mundo, principalmente nas grandes metrópoles, diversos projetos de hortas urbanas vêm surgindo: cidades da Alemanha, França, Espanha entre outras, estão incorporando o cultivo de alimento dentro do espaço de vivência urbana para aproveitar espaços subutilizados e melhorar as condições de vida. As hortas beneficiam a saúde mental, melhoram a alimentação dos integrantes dos projetos e ajudam a melhorar o microclima dos bairros incorporando áreas verdes e diversificando a fauna e flora.

Na América do Sul, a cidade do Rio de Janeiro possui o projeto “Hortas Cariocas” que além de ser um projeto para aproveitar terrenos públicos subutilizados também é um projeto social que habilita os cidadãos cariocas ensinando o manejo de verduras e legumes orgânicos de maneira comunitária. A iniciativa ajuda a gerar uma renda extra aos participantes do projeto, proporciona educação através de atividades que acontecem dentro das hortas, funcionando como laboratórios de educação ambiental e garante a segurança alimentar a comunidade local.



Figura 44 - Horta comunitária no Morro da Formiga, na Tijuca, bairro da zona norte do Rio de Janeiro, faz parte do Projeto Hortas Cariocas. Foto: Tomaz Silva/Agência Brasil. Site: <https://www.ecodebate.com.br/2019/10/22/o-programa-hortas-cariocas-e-a-importancia-socioambiental-da-agricultura-urbana-artigo-de-carlos-favoreto/>

O Laboratório de Intervenções Temporárias e Urbanismo Tático (LabIT, PROURB-FAU/UFRJ) teve a oportunidade nos anos 2020/2021 de realizar um projeto de intervenção de praça temporária no bairro do Flamengo, Rio de Janeiro. A equipe do LabIT foi procurada pela empresa Opportunity investimentos imobiliários para desenvolver um projeto de praça em um terreno vizinho ao empreendimento. O projeto “OCUPA VAZIO” foi desenvolvido pela equipe de coordenadores, professores, bolsistas e pesquisadores do laboratório junto à iniciativa privada.

O terreno em questão também é um dos lotes remanescentes das obras de implantação da linha 01 do metrô, sendo ele uma propriedade da Rio Trilhos. Regulado pela Lei Complementar nº 98 de 2009, o terreno é hoje classificado com edificável, no entanto, desde sua desapropriação ele não teve nenhum uso. O lote está localizado na quadra das ruas R. Machado de Assis, Rua pinheiro e Rua 2 de Dezembro, em um bairro nobre da cidade do Rio de Janeiro.

Foi elaborado um processo participativo para a realização do projeto através de oficinas virtuais com ajuda de plataformas digitais por conta da pandemia do novo Coronavírus. O laboratório se distribuiu em grupos de tarefas e elaborou pesquisas relacionadas ao terreno, análise do entorno, métodos participativos para aplicar no projeto e busca de referências para a intervenção divulgação do trabalho e chamadas de pessoas para participar do projeto.



Figura 45 - Imagens das análises feitas sobre o terreno. Fonte: LabIT PROURB-FAU/UFRJ



Figura 46 - Banner de divulgação do processo participativo. Fonte: LabIT

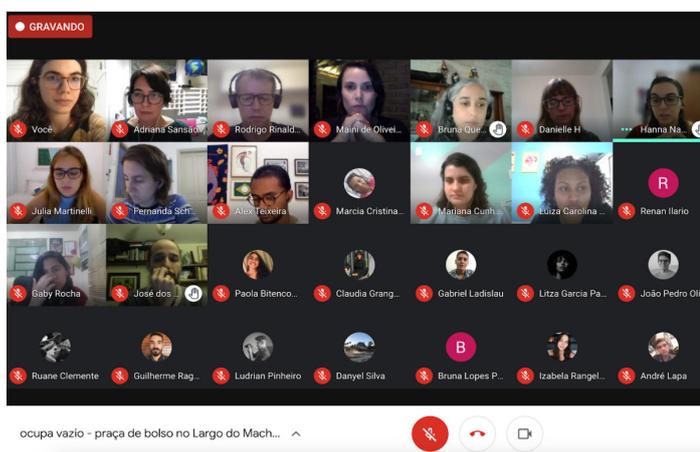


Figura 47 - Imagem da reunião online do processo participativo do projeto "OCUPA VAZIO". Fonte: LabIT

O processo participativo teve bastante engajamento de diversos atores sociais e vizinhança local, e através de uma oficina foi possível identificar algumas necessidades dos moradores da região para implantar na etapa de desenvolvimento do produto.

O produto final foi elaborado pela equipe do LabIT de e se baseou nas diretrizes e premissas de projeto levantadas pela oficina participativa que aconteceu no dia 8 de julho de 2021.



Figura 48 - Imagem de etapa da oficina. Fonte: LabIT

A iniciativa hoje se encontra em pausa devido a grande dificuldade de comunicação com o proprietário do terreno (RioTrilhos) para implantação do projeto. O laboratório está até hoje (Novembro de 2021) sem conseguir entrar em contato com o presidente da empresa depois de diversas tentativas.



1. Canteiro
2. Trepadeira
3. Brita
4. Deck em madeira
5. Pintura no piso
6. Trave de futsal e basquete
7. Mesas de xadrez
8. Geladoteca
9. Guarda-chuvas
10. Graffiti no muro
11. Parede de azulejos existente
12. Empena existente

Figura 49 - Planta do projeto do "OCUPA VAZIO". Fonte: LabIT



Figura 50 - Perspectivas do projeto "OCUPA VAZIO". Fonte: LabIT

Apesar das dificuldades, o projeto "OCUPA VAZIO" foi um sucesso e o processo projetual foi capaz de interligar diversas instâncias sociais. Foi possível realizar um processo participativo através de uma iniciativa privada junto da Universidade Federal do Rio de Janeiro para solucionar um problema urbano relacionado aos vazios urbanos projetuais.

2.2. Processos colaborativos: práticas urbanas participativas

O processo participativo é uma forma de tomada de decisões que ocorre na esfera do coletivo com a participação de diversos atores sociais. As decisões e ações feitas de forma participativa levam em consideração os desejos e vontades das pessoas interessadas no produto gerado através do processo, seja esse produto um local, uma reforma, um conjunto de diretrizes entre outros.

A participação no planejamento urbano é uma maneira democrática de envolver a população em decisões públicas que afetam suas vidas e que moldam as cidades onde habitam. O planejamento participativo possibilita o diálogo entre o poder público e a população, deixando que o cidadão coloque em prática a mais pura forma de cidadania que existe, discutindo de maneira aberta e pública decisões e atuações que interferem em seu cotidiano.

No Brasil, o estatuto da cidade garante por lei (Lei 10.257 de Julho de 2010) que o planejamento urbano (principalmente no que se refere aos planos diretores dos municípios) deve ser elaborado juntamente da população, com o poder legislativo e executivo garantindo audiências públicas e debates com participação da população e de associações representativas dos vários segmentos da comunidade. Ao implementar essa modalidade de planejamento os municípios devem garantir que haja ambiente para debates e diálogos referentes ao planejamento da cidade. Na esfera local, em uma escala de bairro e vizinhança é preciso que haja incentivo através de políticas públicas para que as associações de moradores e comerciantes tenham um cenário propício de elaboração do planejamento local em parceria com o poder público.

Os tipos de participação usados em planos ou projetos são diversos e com objetivos e propósitos diferentes. Para que o processo participativo seja bem-sucedido o objetivo a ser alcançado deve estar bem estabelecido e relacionado aos interessados no projeto/plano. O importante é permitir que haja uma redistribuição do “poder” de tomadas de decisões, ou seja, que haja diálogo entre as partes participantes. No entanto, o que acontece na maioria dos processos “participativos” é que o foco se delimita nos objetivos de quem iniciou

o processo, e não a quem interessa o produto final.

Sherry R. Arnstein, autora do artigo “A ladder of citizen participation”, desenvolve de maneira didática uma escada esquemática que demonstra as tipologias de participação em processos de planejamento urbano explicando os níveis de engajamento dos cidadãos. Cada degrau (ao todo são 8 degraus) exemplifica o nível de poder e inclusão que o cidadão possui na tomada de decisões relacionadas a um certo projeto.

As tipologias identificadas na escada são referentes aos receptores do processo participativo, ou seja, quem participa do evento/projeto. Jules Pretty, outra autora que fala sobre os processos participativos identifica algumas tipologias que representam as pessoas que aplicam o método participativo. São 7 tipologias: (1) Participação manipulada, (2) Participação passiva, (3) Participação por consulta, (4) Participação por incentivo material, (5) Participação funcional, (6) Participação interativa e (7) Auto-mobilização;

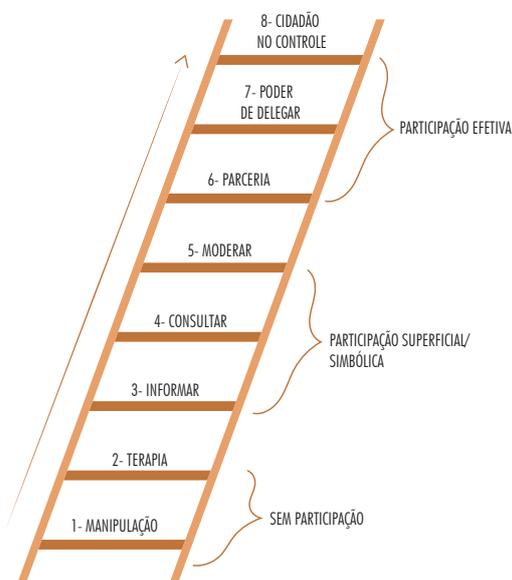


Figura 51 - Escada da participação. Fonte: Ilustração feita pela autora a partir do desenho encontrado no texto “A ladder of citizen participation”, Sherry R. Arnstein.



Figura 52 - Imagem do poster criado por alunos franceses. Poster produzido em Maio ou Junho de 1968 no atelier Populaire em Sorbonne’s École des Beaux Art and École des Arts Decoratifs.

Para Cornwall (2008), para que a participação seja efetiva e genuína ela deve provocar uma mudança no controle das tomadas de decisão. A administração local passa de autoridade de tomada de decisões para uma entidade facili-

tadora, alterando o poder de escolha e de decisões para a comunidade interessada no projeto/intervenção local. Nesse sentido, o estado não se abstém de suas obrigações como instância política, planejadora e concretizadora das melhorias urbanas, mas permite de maneira democrática que as melhorias sejam feitas a partir das necessidades e demandas locais identificadas pela própria população e por agentes locais.

Levando em consideração a discussão feita sobre os processos participativos, a presente dissertação teria como uma etapa prática uma oficina dinâmica que aconteceria na escola municipal Francisco Cabrita, no bairro da Tijuca na cidade do Rio de Janeiro. A pandemia do novo Coronavírus não permitiu que essa etapa fosse concretizada da maneira planejada, portanto, a dissertação teve que tomar outro rumo. O método que seria utilizado para realizar a oficina seria o “RSVP Cycles”, criada pelo Arquiteto Paisagista Lawrence Halprin. A metodologia foi criada para estimular processos criativos no âmbito coletivo e participativo. O processo é realizado de forma cíclica e contínua, permitindo pausas durante as fases e novos começos do processo sem que haja prejuízo das dinâmicas já realizadas.

“Os elementos pertencentes aos ciclos RSVP de Halprin definem processos e estão ligados uns aos outros de maneira livre, cíclica e são independentes da sequência R-S-V-P, se conectam de maneira multidimensional e móvel, podendo iniciar a partir de qualquer direção.”(Barata, 2018)

As siglas possuem significados diferentes que representam as fases: R (Resources), S (Score), V (Valuation) e P (Performance). Resources, ou recursos, é o que será trabalhado, que podem ser recursos humanos ou físicos. **O que?** Pode ser um projeto de um espaço de lazer para um local com poucos espaços livres para a população, por exemplo. Os Scores, ou partituras, são os processos que levam à performance, ou seja, as atividades como forma de iniciar os processos. **Como?** Podem ser reuniões dinâmicas onde interessados no projeto podem participar abertamente, oficinas com processos de ideias com desenhos, mapas dinâmicos (brainstorm) ou uma série de questionários

com espaço para receber ideias e opiniões. Valuation são as avaliações das ações que levam à possíveis seleções e decisões. **Quais as opções geradas?** Coleta de soluções geradas a partir das atividades realizadas anteriormente. E Finalmente a Performance, que é o desempenho, o **resultado** das partituras e dos processos aplicados nas etapas do ciclo. (Barata, 2018). Os ciclos RSVP estimulam a participação de diversos atores nos processos e evidenciam a importância de cada fase do ciclo, avaliando os resultados gerados permitindo a tomada de decisões para novos caminhos e novas estratégias de ação.

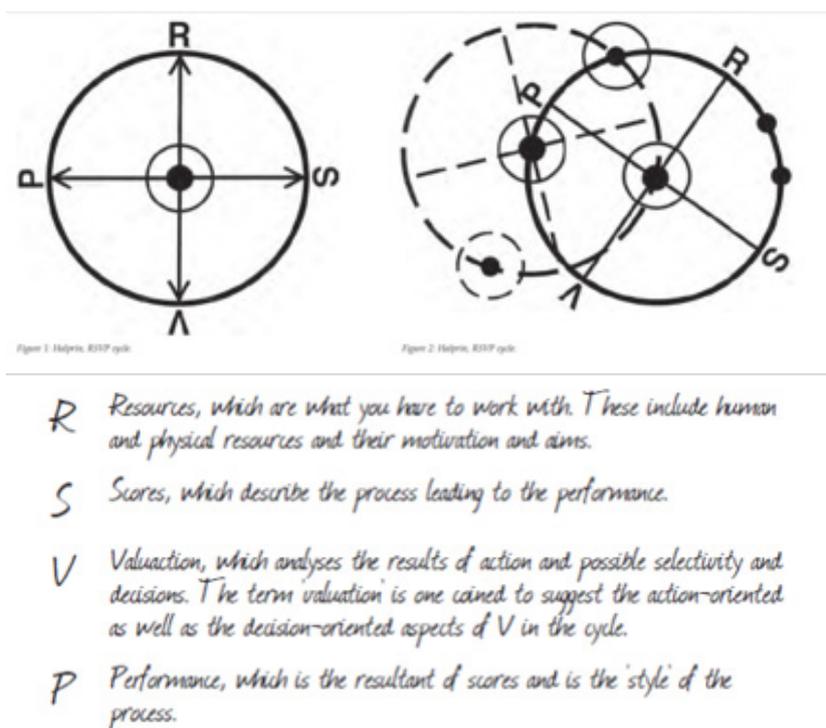


Figura 53 - Imagens representando o ciclo RSVP. Fonte: Lawrence Halprin

“É é nisso que consiste a principal feição tática, a possibilidade de trilhar um caminho baseado em uma estratégia para um determinado contexto (resources), traçar coletivamente táticas que guiarão o processo (scores), testar e avaliar (valuation) em tempo real as dinâmicas e o retorno de sua implementação (performance), podendo sempre voltar à estaca zero caso seja preciso.” (Barata, 2018)

2.3. Usos temporários através do Urbanismo Tático

Para se viver nas grandes cidades é necessário que a forma urbana permita o uso confortável do espaço físico pelos seus habitantes. Serviços, lojas, escolas, parques e postos de trabalho devem ser acessados com facilidade por todos os moradores das cidades, permitindo o uso democrático e igualitário do espaço urbano. As configurações monocêntricas que se estabeleceram nas metrópoles atuais não proporcionam conforto para as atividades cotidianas. Os meios de transporte nos centros urbanos não são eficientes e as grandes distâncias entre as moradias e os serviços dificultam ainda mais o dia a dia das pessoas. Há portanto, muito desgaste físico e econômico para se locomover dentro dos grandes centros urbanos, fator que aumenta a desigualdade no uso da cidade, dificultando e aumentando o custo de vida da população.

Vivemos tempos de crises políticas e econômicas, e já não há na administração pública excedente de recursos financeiros necessários para grandes intervenções urbanas. O uso temporário não substitui a atuação permanente, mas serve como teste para investimentos permanentes sem desperdício de recursos em projetos que não contemplem as necessidades das pessoas. Uma opção que pode ser explorada para melhorar a paisagem e configuração urbana são as intervenções temporárias em espaços disponíveis existentes inseridos na malha urbana das cidades. O uso de terrenos ociosos e subutilizados pode ajudar a transformar os bairros em ambientes mais saudáveis com disponibilidade de pequenas áreas de lazer e polos de desenvolvimento da economia local dentro das vizinhanças. Esses locais destinados ao lazer e trocas sociais ajudam a criar uma unidade de vizinhança e um senso de pertencimento dos habitantes à cidade através do uso mais intenso dos espaços disponíveis.

Os terrenos vazios e subutilizados estão teoricamente disponíveis para o uso em benefício da sociedade. No entanto, faltam incentivos, tanto políticos como privados para usos temporários e menos formais desses locais. Na década de 1980 William Whyte (1988) já chamava atenção para as reservas de espaços não aproveitadas que estão espalhadas pelas cidades, espaços que não precisam de muito dinheiro para se criar um lugar de lazer e agradável para o uso pela população.

Esses espaços esquecidos, “espaços entre os espaços existentes”³⁴ foram essenciais para o sucesso dos *playgrounds* de Aldo Van Eyck em Amsterdã, e podem ser importantes para o desenvolvimento mais democrático e sustentável nas grandes cidades contemporâneas. São oportunidades de projetos que precisam ser olhados com mais atenção pela população, pelos agentes urbanos e pela administração pública.

O uso temporário é definido por Langhorst e Németh (2014) como usos de duração delimitada e que são explicitamente e intencionalmente definidos com uma data de início e uma data de fim para acontecer. Segundo Bishop e Williams (2012) devemos considerar o uso temporário de acordo com intenção do usuário, do produtor imobiliário ou do planejador. O uso temporário do espaço urbano não é algo novo, ao longo da evolução das cidades muitas atividades transitórias fizeram parte do cotidiano das pessoas. Muitas dessas atividades acontecem em resposta às demandas e necessidades das pessoas, portanto, é importante que haja espaço físico propício que ajude a intensificar a diversidade de interações e trocas na sociedade.

O uso temporário permite testes rápidos de implantação de projetos, envolvendo gastos menores quando comparado com soluções mais tradicionais e permanentes de melhorias urbanas. Com esses experimentos de intervenções urbanas com uso de vazios urbanos por tempo determinado é possível proporcionar benefícios locais para os cidadãos, para a administração pública e para a economia da região de atuação. O uso temporário pode desencadear diversos potenciais escondidos de um local abandonado, modificando positivamente o espaço urbano e sua paisagem, além de promover função social, econômica e estética de um local antes esquecido (Bishop e Williams, 2012).

Há sempre muitos questionamentos em volta de projetos definidos como temporários uma vez que muitos interpretam essas atividades/projetos como secundários ou apenas substitutos para o projeto final em si, no entanto, projetos de caráter temporário permitem muito mais possibilidades de execução e menos gastos do que projetos permanentes e de longo prazo. A possibilidade

34 Döll, Henk (Org.). LEFAIVRE, Liane. Ground-up city. Play as a design tool. 1st edition, Rotterdam, 010 Publishers, 2007.

de testes, mudanças e interações ajuda a planejar de forma mais assertiva as diretrizes de atuação nas cidades, dessa forma o temporário aceita maior diversidade de atuação com mais participação da população e de agentes urbanos locais.

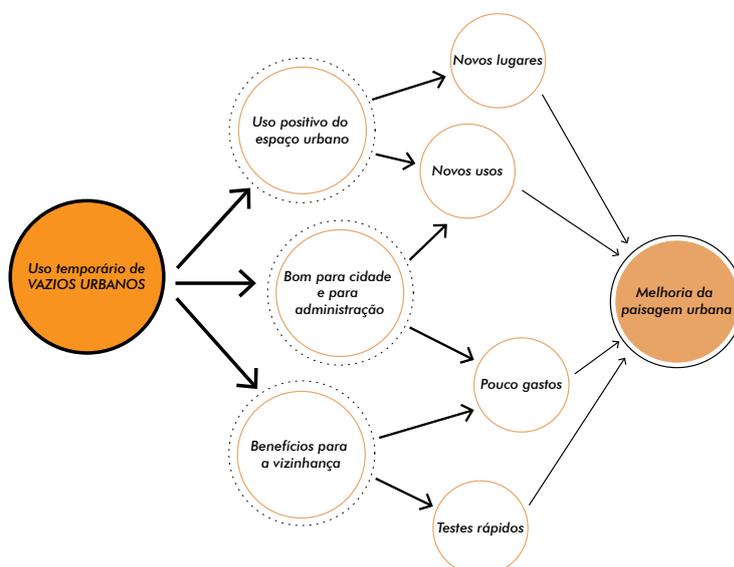


Figura 54 - Ilustração representando o os benefícios do uso temporário de vazios urbanos. Fonte: desenvolvido pela autora

O Urbanismo Tático é definido como ação de pequena escala que serve para um propósito maior, planejamento ou manobra hábil para realizar um propósito (Lydon; Garcia, 2015). A abordagem é usada por uma larga gama de agentes, como governo, empresas e mercado privado, ONG's, associação de moradores ou de comerciantes ou até mesmo por um único indivíduo. O urbanismo tático surge no contexto contemporâneo como resposta para questões urbanas relacionadas a problemas locais gerados pela administração desigual das cidades. Para Gadano (2016) o urbanismo tático é uma resposta da sociedade ao fracasso de um planejamento urbano imposto exclusivamente de cima para baixo.

Ressignificações de espaços existentes, planejamento urbano ineficaz e descontentamento político (Barata, 2018) criaram nos grandes centro urbanos ambientes propícios para intervenções que funcionam como “catalisadores urbanos”. As ações táticas servem como ferramentas para gerar soluções rápidas e eficientes para realização de melhorias urbanas, e podem ser usadas para iniciar e criar lugares antes não aproveitados ou ajudar a reparar lugares já existentes (Lydon; Garcia, 2015), como, por exemplo, vazios urbanos.

O termo Urbanismo Tático é recente e foi designado como tal ainda em 2011 pelos autores Mike Lydon e Anthony Garcia. O termo “tático” é definido como ação, planejamento ou manobra de pequena escala que serve para um propósito maior³⁵. O urbanismo tático usa da abertura e da interatividade no processo de desenvolvimento, empregando o uso eficiente dos recursos e aproveitamento do potencial criativo desenvolvido pela interação social entre os atores em um processo colaborativo (Lydon; Garcia, 2015).

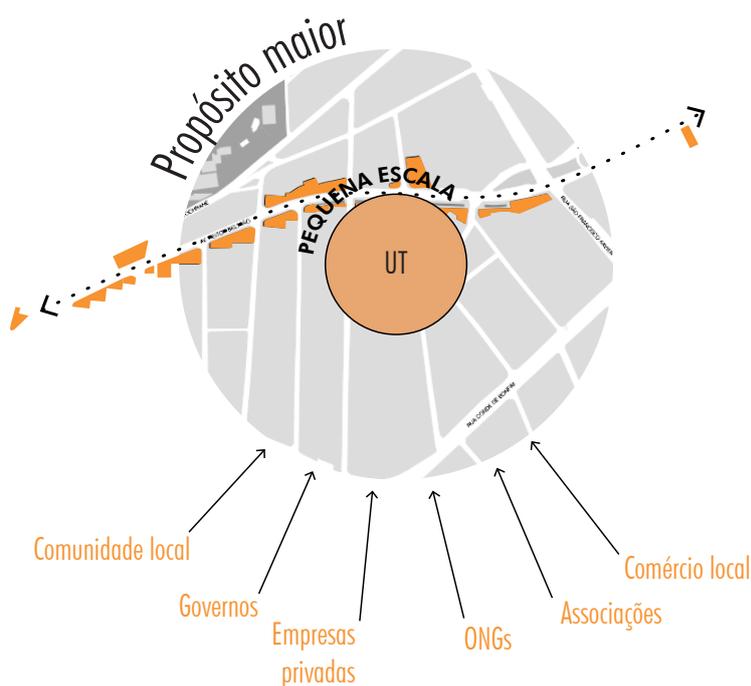


Figura 55 - Ilustração representando os possíveis atores sociais das ações de urbanismo tático. Fonte: desenvolvido pela autora.

Tratando de interagir com o meio urbano e buscar uma nova conexão com o meio natural, as praças temporárias podem desenvolver papéis importantes em aspectos sociais e ecológicos nas cidades. Um aspecto de cunho social é fornecer um ambiente propício para interações entre as comunidades locais e movimentar economias alternativas diversificando o ambiente dos bairros nos quais as praças estão inseridos.

35 TAC.TI.CAL (1) for relating to small scale actions serving a large purpose (2) adroit in planning or maneuvering to accomplish a purpose. (LYDON; GARCIA, 2015, p.3). Tradução de Aline Barata.

2.4. Casos contemporâneos no mundo: uso dos vazios

Como forma de entender as novas formas mais participativas e democráticas de se planejar a cidade, busquei exemplos de produção alternativa de projetos urbanos voltados para os espaços públicos em grandes cidades. Como esse novo tipo de planejamento, que está fora do padrão tradicional, se comporta nas intervenções que usam a abordagem do urbanismo tático como metodologia de aplicação de melhorias urbanas locais? Para entender esse modo de se planejar a cidade, escolhi 3 exemplos de projetos desenvolvidos através do urbanismo tático com experiências de caráter temporário em espaços públicos que transitam entre vazios urbanos e espaços residuais.

Os projetos têm em comum a forma rápida, econômica, experimental e temporal em suas características fundamentais. Por possuírem essas características, esse projetos foram usados pelos seus idealizadores como protótipos de soluções para problemas urbanos encontrados em grandes metrópoles, o que leva para o debate a questão do tempo e custo que o planejamento urbano tradicional necessita para ser aplicado, e muitas vezes sem a possibilidade de se testar as soluções antes de serem implementadas.

Alguns projetos de reuso e reaproveitamento de vazios urbanos, como o programa *Plazas de Bolsillo* em Santiago, Chile, foram realizados de forma “top-down”, ou seja, de cima para baixo. As instituições públicas e privadas iniciaram a movimentação por diversos motivos, como a valorização da terra e das áreas vizinhas, visando melhorias urbanas de curto prazo que atendam projetos futuros, beneficiando ao mesmo tempo a população, a cidade e aos donos dos terrenos que eventualmente não podem construir ou usar o espaço no momento.

Outros projetos possuem uma atuação mais híbrida, como o projeto “Centro Aberto” em São Paulo, com ações projetuais aplicadas de “cima para baixo” e outras ações que são idealizadas pelos cidadãos e pela própria comunidade usuária do espaço, com iniciativas de atuação de “baixo para cima”.

Um último exemplo, o *Espai Germanetes*, em Barcelona, na Espanha, é um experimento urbano de ações iniciadas pela população (“de baixo para cima”), onde a própria população com senso de comunidade decide se apropriar de um terreno vazio para uso público e compartilhado. Esse exemplo, onde a população se auto monitora e auto administra é menos comum, porém é a prova de que é possível planejar e projetar uma cidade mais democrática e de qualidade para o usufruto da população.

2.4.1. Plazas Públicas de Bolsillo, Santiago

O programa das *Plazas de Bolsillo* de Santiago é uma iniciativa de ocupação e ativação de terrenos baldios de caráter público por praças temporárias, com ações de urbanismo tático. As ações foram iniciadas pelo estado (Prefeitura de Santiago, Chile – Gobierno Regional Metropolitano de Santiago e iniciativa do Ministério de Obras Públicas, os municípios e as associações de *foodtrucks* além de outras parcerias com instituições privadas (quatro atores).



Principais atributos de uma praça temporária:

- 1- Permite a recuperação de um espaço para a comunidade em curto prazo;
- 2- Promove a convivência social entre diferentes grupos sociais;
- 3- É um espaço que promove arte e cultura;
- 4- Melhora a qualidade de vida das pessoas que habitam ou passam normalmente por esse lugar;
- 5- Tem caráter transitório. Quando for necessário dar outro uso ao terreno, os equipamentos podem se removidos e reutilizados em outro local;
- 6- Abriga atividades que promovem a ocupação do espaço público, favorecendo o controle social de um espaço abandonado;

Figura 56 - Principais características de uma “praça de bolso”. Fonte: <https://www.gobiernosantiago.cl/descubre-la-guia-replicar-las-plazas-bolsillo/>

O programa tem como objetivo melhorar a qualidade de vida urbana, recuperando os terrenos baldios, abandonados e vazios, convertendo-os em espaços de lazer, recreação e socialização para o desfrute da comunidade³⁶. A questão que deu início às praças foi a relação desproporcional entre áreas verdes públicas no ambiente urbano de Santiago. Levando em consideração

36 <https://www.gobiernosantiago.cl/descubre-la-guia-replicar-las-plazas-bolsillo/>

que essa relação está diretamente conectada à boa qualidade de vida nas cidades, e reconhecendo a importância de espaços mais verdes, o idealizador do projeto Pablo Fuentes propôs aumentar essa quantidade de áreas verdes com praças temporárias em terrenos subutilizados como uma alternativa tática, econômica e rápida para aumentar a relação entre espaços verdes x área urbanizada.



Figura 57 - Praça Santo Domingo (Plaza De Bolsillo), Santiago - Chile. Foto: Adriana Sansão

A proposta da ativação desses pequenos espaços através de quatro atores, busca combater a insegurança gerada pela negligência e falta de manutenção desses espaços presentes na malha urbana da cidade, criando, de forma econômica e rápida, espaços de interação social, florescimento econômico e valorização do espaço e vizinhança de forma a transformar os vazios em espaços funcionais e atrativos ao uso. As praças são produzidas por intervenções físicas simples de obra, instalação de mobiliário, vasos de plantas, bicicletários etc. As instalações e a praça em si são mantidas pelas associações de *food-trucks* (luz, água, lixo, banheiros). O financiamento se dá pelo Governo regional metropolitano de Santiago, além deste realizar a comunicação necessária para conquistar parceiros e apoio. O ministério de obras seleciona os projetos desenvolvidos pelos diversos atores participantes de cada praça (associações de moradores, comerciantes, instituições etc) e artistas para atuar nas praças.

As *plazas de bolsillo* foram desenvolvidas através de parcerias público-privadas que se iniciaram dentro da administração pública da cidade. Foi um projeto criado a partir da busca por soluções de um problema urbano que é recorrente em grandes cidades de maneira participativa. No entanto, não foram demandas populares locais que procuraram o poder público e privado para reivindicar uma nova forma de usar o solo urbano, e sim a própria administração que desenvolveu uma maneira de produzir melhorias urbanas beneficiando os bairros onde esses vazios urbanos estão inseridos, aprimorando o comércio e estrutura social local.



Figura 58 - Praça Santo Domingo (Plaza De Bolsillo), Santiago - Chile. Foto: Adriana Sansão



Figura 59 - Plaza de Bolsillo, Morandé 83. Fonte: <https://thepocket.cl/2016/04/fui-a-conocer-la-plaza-de-bolsillo/>

2.4.2. Centro Aberto, São Paulo

A cidade de São Paulo iniciou em 2013 o processo de revisão do Plano Diretor do Município (PL688/13). O processo procurou avaliar e definir novas diretrizes e planos para a cidade, sempre de modo participativo e em conjunto com a sociedade. Junto desse processo de revisão, novos projetos e experiências foram tomando forma para articular políticas públicas municipais direcionadas as melhorias dos espaços públicos da cidade. O projeto “Centro Aberto” procurou implementar no centro de São Paulo projetos pilotos com caráter experimental para testar novas soluções em escala real para avaliar mudanças urbanas, suas demandas e necessidades.

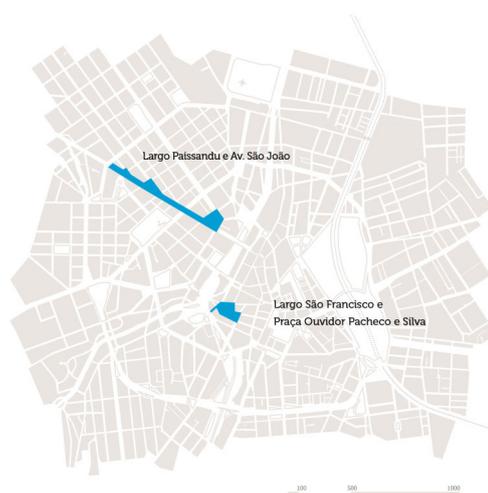


Figura 60 - Mapa das 2 primeiras intervenções do projeto “Centro Aberto”. Fonte: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/urbanismo/urbanismo/>



Figura 61 - Praça temporária no Largo de São Francisco, centro de São Paulo. Fonte: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/urbanismo/urbanismo/>

O projeto desenvolvido pela “São Paulo Urbanismo” (empresa pública responsável pelos projetos urbanos do município) com metodologia colaborativa do “Gehl Architects”, que não procurou construir novos espaços, mas sim transformar espaços já existentes subutilizados em novos espaços públicos funcionais, uma renovação urbana. A atuação experimental se provou uma ótima ferramenta política de tomada de decisões que envolvem diálogo público e a participação da comunidade.

O uso de projetos pilotos temporários do “Centro Aberto” foi e continua sendo uma forma de testar novas soluções para a cidade ao mesmo tempo que dialoga com os usuários do espaço. Esse tipo de abordagem, que é a metodologia do Urbanismo Tático, permite que as prefeituras junto da população e das instituições locais e/ou privadas experimentem novas formas de se usar o espaço urbano, avaliando as ações efetivas e não efetivas de acordo com as necessidades locais de cada espaço urbano.

O programa criou uma “caixa de ferramentas” com elementos de projeto para a renovação e ativação dos espaços públicos. Esses elementos promoveram uma estética visual de unidade e garantiram uma coerência no conjunto de intervenções.



Os elementos foram organizados em conjuntos de (1) Bancos, vasos e balizadores; (2) Sinalização, iluminação e arte pública; (3) Atividades cotidianas; (4) Instalações e serviços públicos; (5) Intervenções lúdicas para todas as idades; e (6) Sinalização horizontal. As estratégias de ativação dos espaços públicos utilizados pela prefeitura de São Paulo foram a (1) Proteção e priorização de pedestres e ciclistas; (2) Suporte à permanência; e (3) Novos usos e atividades.

Figura 62 - Exemplo de alguns elementos pertencentes à caixa de ferramentas do projeto “Centro aberto”. Fonte: <https://www.prefeitura.sp.gov.br>



Figura 63 - Coleta de dados de registro de permanência. Fonte: <https://www.prefeitura.sp.gov.br>

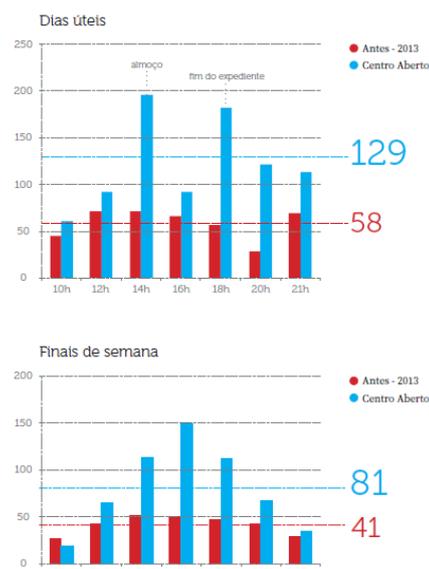


Figura 64 - Média de permanência de pessoas. Fonte: <https://www.prefeitura.sp.gov.br>

O projeto “centro aberto” foi analisado com pesquisa de dados quantitativos e qualitativos pelos participantes da iniciativa. Diversos gráficos foram gerados para analisar a capacidade de melhorias no espaço público através das intervenções temporárias nos terrenos públicos subutilizados e os possíveis desdobramentos gerados através de respostas positivas às mudanças. Esse projeto teve iniciativa do tipo “Top-Down” com algumas etapas “Bottom-up”, ou seja, foi idealizada por parte de um setor da administração pública do município, no entanto o projeto buscou dialogar durante todo o seu processo com a participação da comunidade e de outras entidades.

2.4.3. *Espai Germanetes, Espacio Comunitario de Auto-gestión Vecinal, Barcelona*

O distrito de *Eixample* ocupa a parte central de Barcelona. É um dos distritos mais conhecidos da cidade devido ao seu projeto de urbanização elaborado pelo urbanista Ildefonso Cerdá. As quadras, com traçados em malha ortogonal quadriculada, foram projetadas para serem ocupadas por todo o seu perímetro e com o centro vazio, sendo este destinado a espaço de convívio social e implantação de vegetação. O distrito é um dos mais densos da cidade. A percepção dos pedestres nesse espaço é de fachadas contínuas e homogêneas, no entanto, alguns lotes da quadra se encontram ainda hoje

não ocupados. Um lote em particular, localizado no cruzamento entre as rua *Viladomat* e *Consell de Cent* foi alvo de disputas entre a população vizinha e algumas construtoras.



Figura 65 - Projeto do Espai Germanetes delimitado. Fonte: <http://www.emf.cat/ca/projectes/l/348-jardins-demma-de-barcelona-espai-public-de-ge.html>

Atualmente o lote é propriedade municipal e de uso público através do programa municipal PLA BUITS³⁷. O objetivo do programa municipal é incentivar o uso de terrenos vazios para regeneração e revitalização do tecido urbano com atividades de interesse público, em parceria com entidades públicas e privadas. O uso é de caráter temporário por um ou até 3 anos e as instalações devem ser de rápida instalação e remoção. Dentro dos usos são incentivadas atividades educativas, esportivas, recreativas, culturais, artísticas, sociais, comunitárias, ambientais e paisagísticas. Existem critérios de sustentabilidade, autossuficiência, criatividade e inovação de projeto que são avaliados por um comitê de avaliação. O terreno do projeto *Espai Germanete* possui 585m² de um total de 5500m² de terreno vacante na quadra, e o projeto vencedor para implantação foi o *Recreant Cruille*, um projeto desenvolvido para promover experiências coletivas entre a vizinhança através da transformação do espaço vazio em um hub (concentrador) de atividades comunitárias.

37 <<https://ajuntament.barcelona.cat/ecologiaurbana/ca/pla-buits>> Acesso em 21.10.2020
<<https://www.smartcitiesdive.com/ex/sustainablecitiescollective/espai-germanetes-activing-vacant-space-middle-barcelona/252956/>> Acesso em 21.10.2020

Também com a premissa de aumentar a proporção de áreas verdes (m²) por habitante (OMS recomenda 12m² por habitante), a vizinhança usou dos direitos de cidadãos para reivindicar o espaço para o uso de lazer público e para o bem coletivo e ao se apropriarem do espaço, as pessoas participam da produção do espaço urbano. No espaço há lugares de encontros, pequenos depósitos para guardar equipamentos e ferramentas, jardim comunitário e um palco/domo para eventos entre outras atividades.



Figura 66 - O espaço do Espai Germanete atualmente (Novembro de 2020) - Foto: Adriana Sansão.



Figura 67 - O espaço do Espai Germanete atualmente (Novembro de 2020) - Foto: Adriana Sansão.

Esses espaços criados pela população através de reivindicações de melhorias no espaço público mostram que o urbanismo não precisa ser feito sempre em grande escala e através de projetos complicados com grandes investimentos. Muitos projetos de pequena escala que envolvem a comunidade, o reaproveitamento de espaços e materiais são os que mais interferem na vida das pessoas. A escala do lote, do pedestre, é vivida no cotidiano e faz parte da vida de todos, cria relações entre as pessoas e a própria cidade.

3. Tijuca: um palco para os ensaios

Vimos nos capítulos anteriores como a população junto das instituições públicas e privadas, ou autonomamente, desenvolveram soluções para vazios urbanos subutilizados em diversas cidades. Em alguns casos as iniciativas tomadas para intervir no espaço urbano foram geradas de cima para baixo, através de prefeituras e administrações públicas/privadas, e outras foram iniciadas através de associações de moradores e vizinhança e comércio local. Com ferramentas simples e a abordagem do urbanismo tático foi possível criar novas áreas de convívio social onde a população pôde através da participação criar espaços de interação, gerando melhorias físicas e sociais na cidade.

Na cidade do Rio de Janeiro existem muitos bairros que carecem de espaços abertos públicos projetados de forma participativa e democrática. O que vemos na cidade são muitos espaços com equipamentos e mobiliário genéricos, sem definições ou propostas de usos para o local e com usos esporádicos. Muitos desses espaços poderiam ser oficializados através de incentivos para tal, e usar terrenos vazios é uma opção de validar essa demanda por praças mais personalizadas e desenhadas para atender a população que de fato irá usar.



Figura 68 - Ilustração de localização do bairro da Tijuca. Fonte: desenvolvido pela autora.

O bairro escolhido para o ensaio de praças temporárias é a Tijuca. Localizada na zona norte do município do Rio de Janeiro, a Tijuca possui população de 163.805 habitantes, uma área de 1.006,56 hectares, 29,79 hectares de área não florestal arborizada, ou seja, uma relação de 1,81m² de área verde por habitante (não está incluído a vegetação da floresta da tijuca) e uma densidade habitacional de 150 a 199 habitantes por hectare (dados do IBGE em 2010). Os terrenos vazios do metrô podem ser usados como novos espaços públicos de lazer. As praças temporárias tem como objetivo transformar esses espaços subutilizados, degradados e inseguros em espaços funcionais presentes no cotidiano dos moradores do bairro. Além de ressignificar o local, as praças são uma forma de aumentar a quantidade de espaços verdes no bairro, melhorando a relação de área verde por habitante, qualidade do ar e a qualidade estética do bairro.

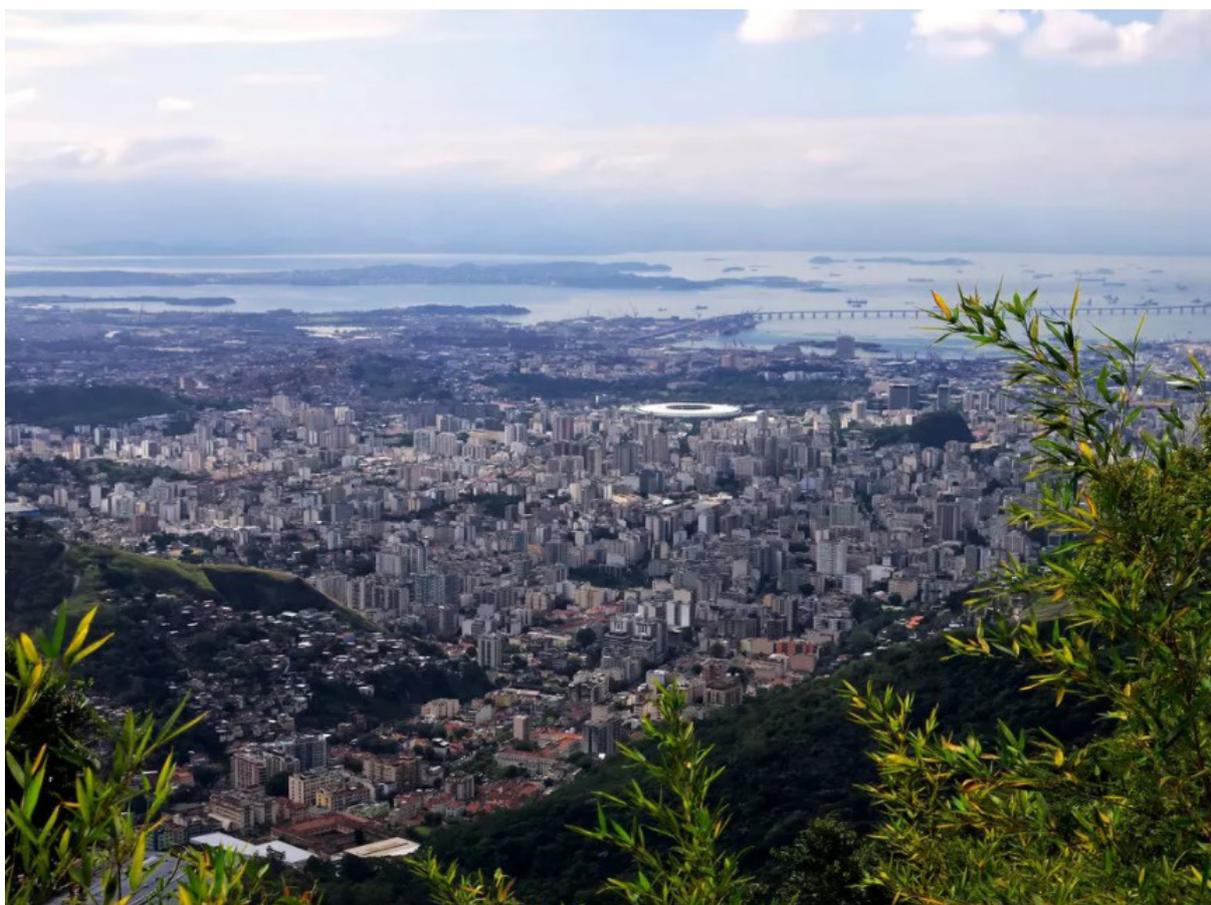


Figura 69 - Imagem do bairro da Tijuca. Fonte: <https://diariodorio.com/8-coisas-que-so-quem-mora-na-tijuca-vai-entender/>

3.1. Entendendo o local

A Tijuca foi entre os séculos XVI, XVII e XVIII uma região de cultivo de cana-de-açúcar e de lavouras de café. As fazendas com o passar dos anos viraram chácaras de senhores ricos (barões do café) e com o plantio do café, muitas áreas foram sendo desmatadas. Em 1859 o primeiro bonde de tração animal é implantado no bairro, fazendo com que a região se tornasse uma área de grande potencial urbano. Em 1861 D. Pedro II determina o replantio da floresta da Tijuca, e logo após, anos depois é implantado o bonde elétrico. Já na época do Brasil república, as grandes reformas de Pereira Passos no centro da cidade expulsam a população mais pobre para os subúrbios da cidade, o bairro fica assim suscetível a uma urbanização descontrolada e precária. Nascem então as favelas da Tijuca, acomodando a parcela da população excluída das áreas mais valorizadas da cidade. Hoje a Tijuca é um bairro de grande densidade urbana, e com grande taxa de habitações.

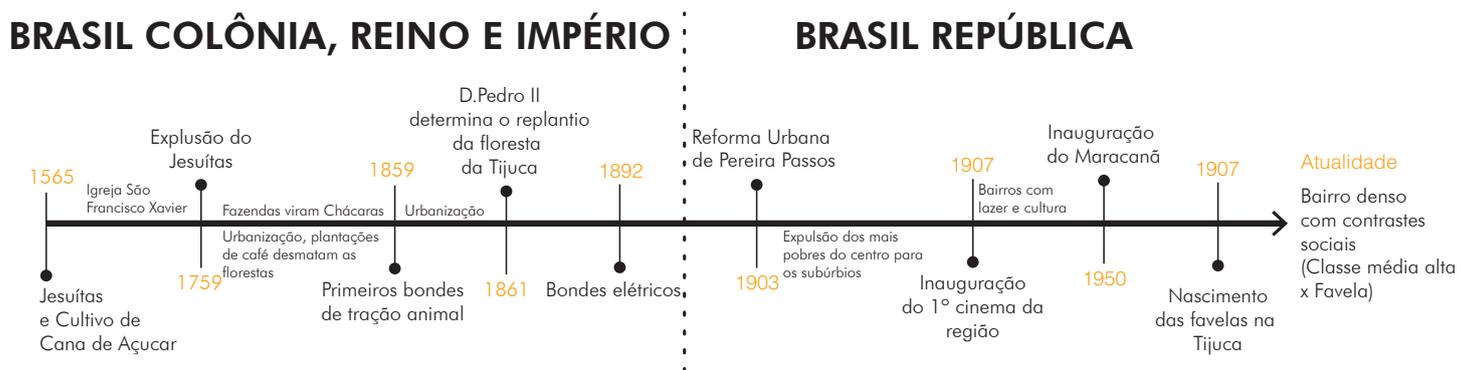


Figura 70 - Linha do tempo do Bairro da Tijuca. Fonte: desenvolvido pela autora

3.1.1. Aspectos biofísicos e socioeconômicos

O bairro possui 3 rios principais, o rio Maracanã, o rio Trapicheiros e o rio Joana (figura 55). Devido a diversas obras de canalização dos rios que aconteceram ao longo do desenvolvimento do bairro, a Tijuca vem sofrendo cada vez mais com grandes enchentes provocadas pela grande quantidade de solo impermeabilizado, tanto por construção de vias, como pela grande produção imobiliária do bairro.

A vegetação do bairro é predominante nas áreas de encostas dos morros, além da floresta da Tijuca que representa um importante atributo biofísico para o bairro e para a região administrativa. Apesar da proximidade com a floresta, o bairro não é exemplo em arborização urbana, fora algumas exceções de ruas bem arborizadas. Isso pode ser representado pela baixa taxa de área verde por habitante comentada anteriormente.

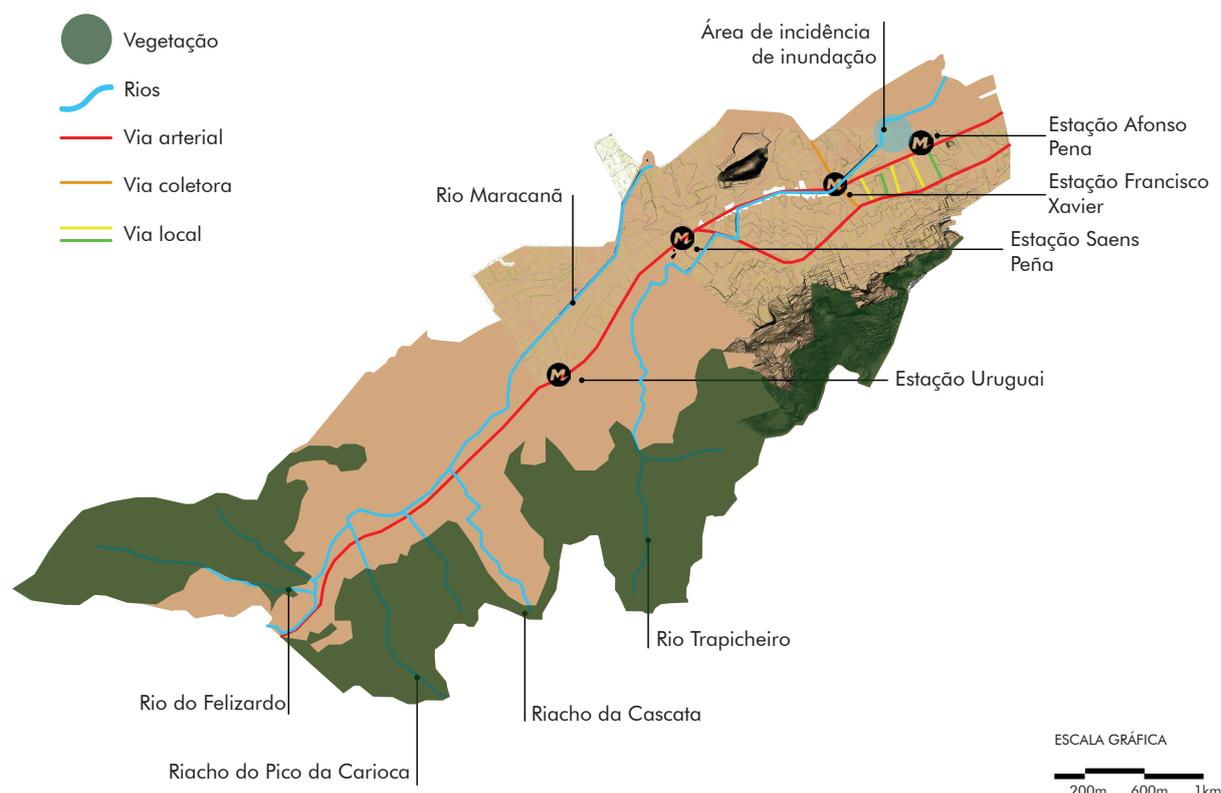


Figura 71 - Mapa síntese da análise biofísica do bairro. Fonte: desenvolvido pela autora.

A mobilidade urbana se dá por meio do metrô, de vias para veículos privados e ônibus e pela mobilidade dos pedestres e ciclistas, esses últimos menos valorizados pois não há muita oferta de ciclovias e ciclofaixas no bairro. A linha 1 do metrô do Rio de Janeiro, inaugurada no final da década de 1970, possui 4 estações no bairro da Tijuca. Essa linha conecta da zona sul do Rio de Janeiro, passando pelo centro e em direção à Tijuca. Das 4 estações, 3 estão localizadas em praças públicas que abrigam pessoas de diversas localidades.

Apesar de possuir uma grande quantidade de praças (ao todo são classificadas pela Prefeitura do Rio de Janeiro 27 praças) muitas delas não são usadas com intensidade que poderiam por falta de equipamentos bem cuidados ou regularidade de atividades e eventos.

Há nesse bairro muitos terrenos remanescentes das obras do metrô, e por possuir esses vazios com características importantes como fácil acesso, proximidades de residências, serviços, transportes e comércio, o bairro é ideal para ensaiar novas possibilidades de usos dos vazios com uma produção participativa do espaço.

Armazém de Dados

Tabela 478 - Área territorial e número de praças, largos, jardins, parques e outros espaços ajardinados e livres segundo bairros, Regiões Administrativas e Áreas de Planejamento - Município do Rio de Janeiro - 2007

VIII Tijuca	4 228 114	50	27	14	8	1	-
Praça da Bandeira	71 991	4	4	-	-	-	-
Tijuca	1 006 556	32	21	11	-	-	-
Alto da Boa Vista	3 149 568	14	2	3	8	1	-

Figura 72 - Número de praças no bairro da Tijuca. Fonte: <https://www.data.rio/documents/>

A Tijuca possui diversos equipamentos culturais e educacionais pertencentes ao município e ao estado. As escolas estão bem distribuídas pela área do bairro, assim como os teatros e centros culturais. Como comentado anteriormente, existem diversas praças no bairro, umas mais significativas em questões de mobilidade e presença de pessoas que outras. Ocorrem também no bairro diversas feiras livres de alimentos e artesanatos, distribuídos entre ruas e praças. A Tijuca possui 163.805 habitantes em uma área de 1.006,56 hectares. Ou seja, uma relação de densidade de mais ou menos 170 habitantes por hectare. É uma densidade bem alta, bem próxima da densidade do bairro de Botafogo que é um bairro com alta densidade (a densidade do Rio é de 55,7 habitantes por hectare).

Equipamentos de educação e culturais municipais

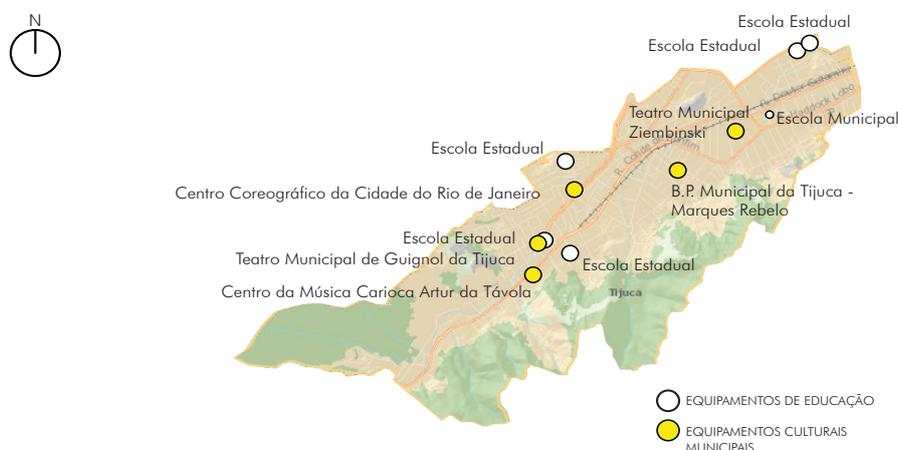


Figura 73 - Mapa de identificação de equipamentos culturais e de educação. Fonte: desenvolvido pela autora

Praças da Tijuca

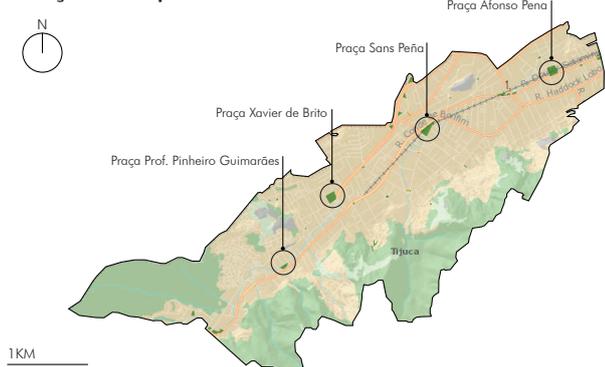


Figura 74 - Mapa com identificação de algumas praças no bairro da Tijuca. Fonte: Base do site <<https://siurb.rio.gov.br/portal/home/gallery>>, ilustração feita pela autora

Feiras livres

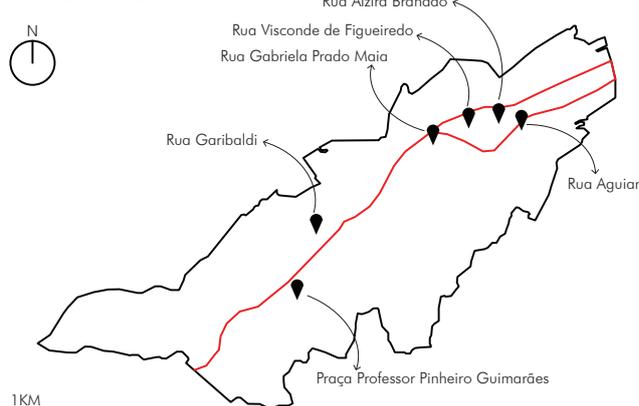


Figura 75 - Mapeamento das feiras livres que acontecem no bairro. Fonte: Relação das feiras livres <<https://www.rio.rj.gov.br/>>, ilustração feita pela autora

O IDH do bairro é considerado alto: 0,885 (quanto mais próximo de 1 melhor), no entanto há 3 grandes comunidades no bairro que se evidenciam por um IDH baixo, fazendo um grande contraste de nível de desenvolvimento humano. Essas comunidades (Borel, Formiga e Salgueiro) possuem IDH de 0,637.

A renda per capita do bairro é de R\$ 2.724, maior que a renda do município que é R\$ 1.492. Nas comunidades da região a renda per capita é de R\$ 449,00. Logo, pode-se concluir que há uma população heterogênea no bairro, por tanto, as atividades de lazer, cultura, serviços deveriam atender a todo esse leque de pessoas.

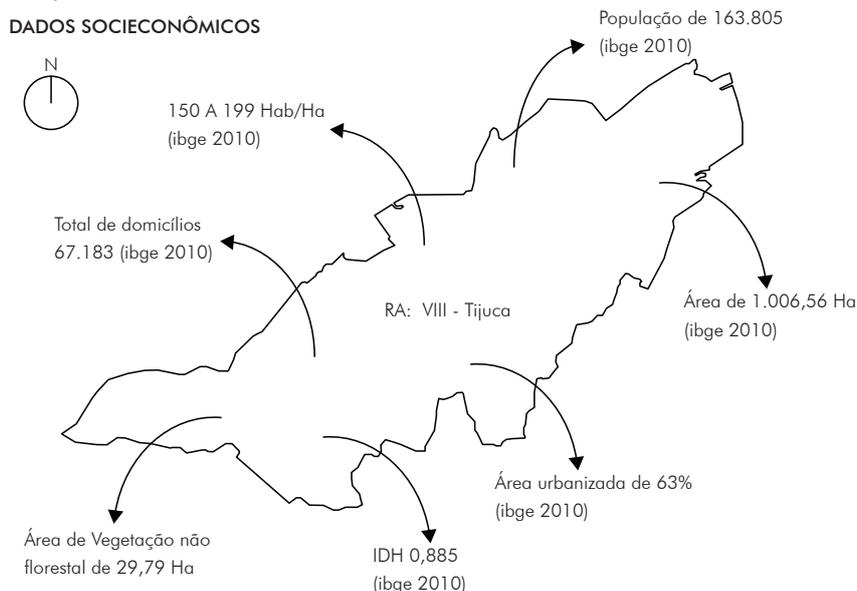


Figura 76 - Mapa síntese dos dados socioeconômicos da Tijuca. Fonte: desenvolvido pelos autores com uso de dados do IBGE

Quanto ao uso do solo, podemos ver que há predominância em área residencial, logo uma grande impermeabilização do solo, excluindo as áreas de vegetação que são em sua maioria encostas. Essa configuração urbana contribui para o problema das enchentes pois há pouca infiltração das águas pluviais no solo e muito acúmulo de água nas regiões próximas às encostas da floresta da Tijuca.

ÍNDICES DE DESENVOLVIMENTO HUMANO E RENDA

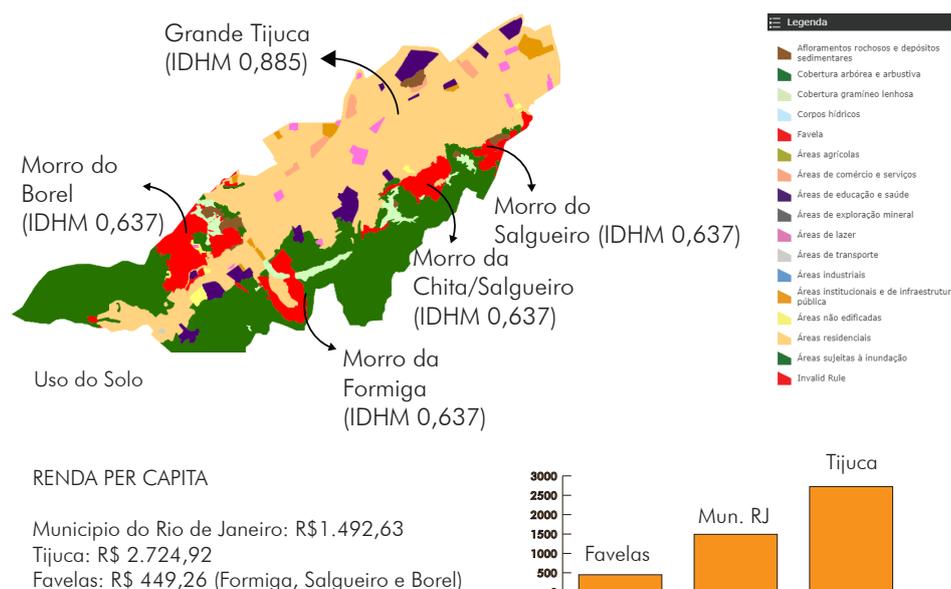


Figura 77 - Índices de desenvolvimento humano e rendas. Fonte: <www.atlasbrasil.org.br e <www.cps.fgv.br/r-renda-capita-população-total-efavelas-municipios-do-rio-de-janeiro, ilustração feita pela autora

3.1.2. Remanescentes do Bairro

Os terrenos remanescentes do bairro da Tijuca estão localizados ao longo do caminho da linha 01 do metrô, como mostra a figura 58. Na Tijuca a Rua Doutor Satamini, a Avenida Heitor Beltrão e a Rua Conde de Bonfim são as vias que direcionam o eixo do sistema de mobilidade do metrô do Rio. As vias são importantes para o funcionamento do bairro pois servem de vias arteriais de locomoção para ônibus, carros particulares e de transporte individual de pessoas (taxis e outros sistemas transportes do tipo “uber”). Ao longo do percurso é possível notar diversos terrenos “abandonados”, ora murados, e ora com apenas grades metálicas que fazem o cercamento dos mesmos para evitar a invasão e apropriação do espaço.

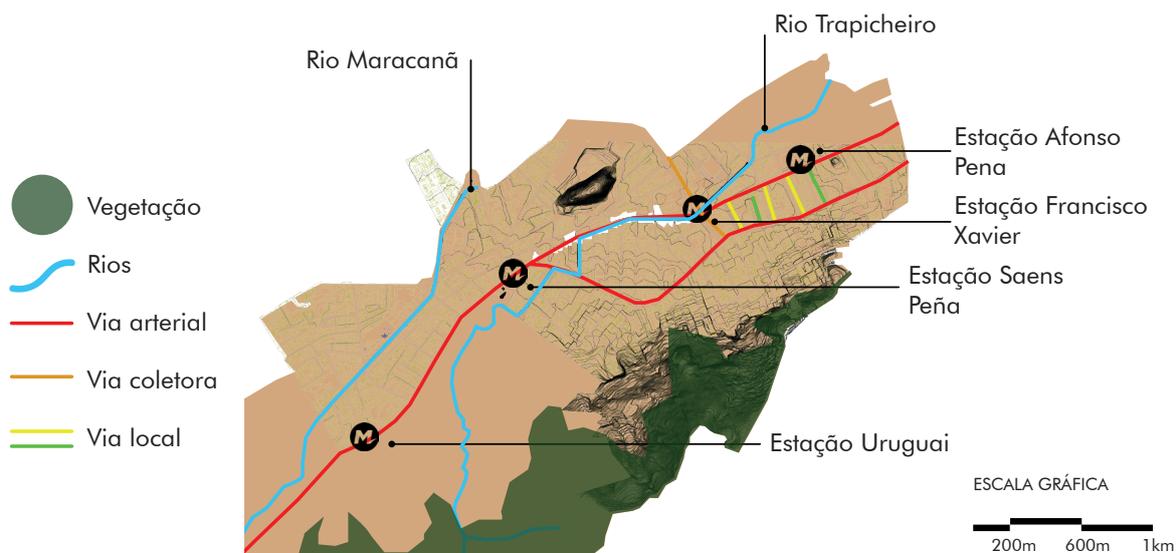


Figura 78 - Imagem aproximada das vias onde passam a linha do Metrô. Fonte: desenvolvido pela autora.

Podemos ver na ilustração abaixo 15 terrenos remanescentes em um trecho das via Doutor Satamini e da Avenida Heitor Beltrão. Nessa região há muitos edifícios residenciais e alguns edifícios comerciais e de serviços (escolas, instituições, mercados etc).

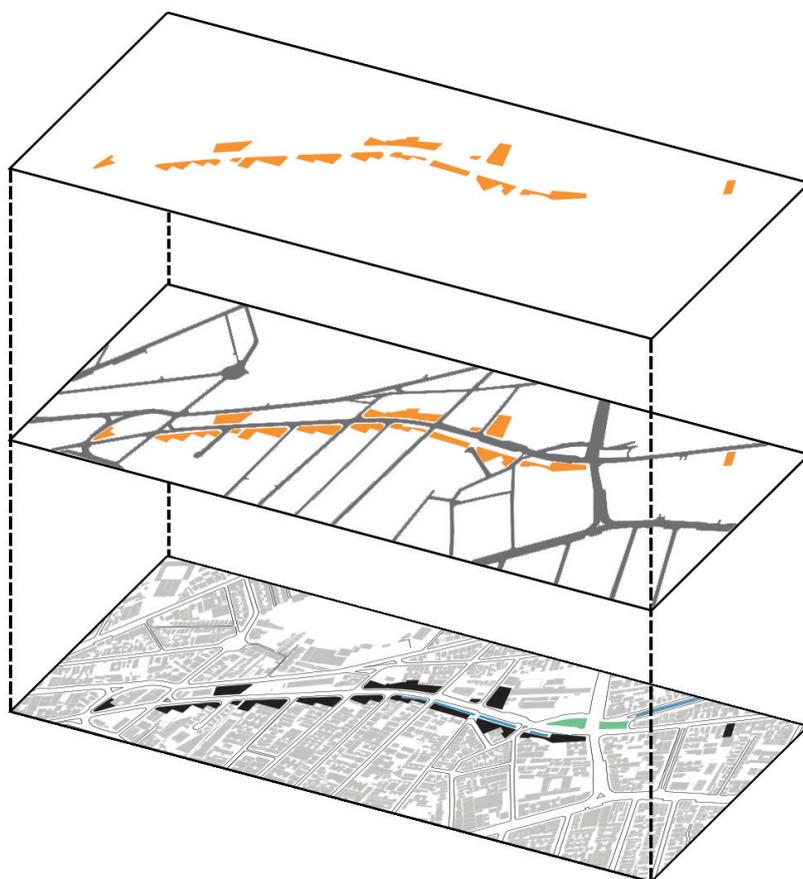


Figura 79 - Perspectiva da área de estudo. Trechos da via Doutor Satamini e Avenida Heitor Beltrão. Fonte: desenvolvido pela autora

Esses vazios presentes em vias importantes do bairro criam interrupções na malha e na visão serial da paisagem urbana, marcando de forma negativa o espaço, e com mais intensidade, o trajeto dos pedestres que estão mais próximos desses locais. O impacto visual dos vazios urbanos gera uma fragmentação física do espaço: onde deveria existir uma sequência de edificações construídas ao longo das vias com espaços pontuais de respiro como praças e espaços de lazer, existem terrenos sem função ou uso.

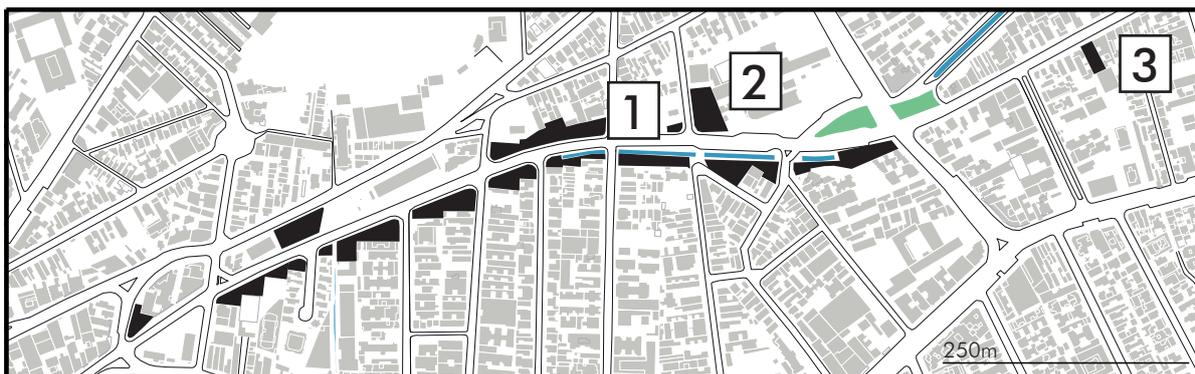


Figura 80 - Mapa da região de estudo com indicação dos terrenos vazios e dos terrenos escolhidos para desenvolvimento das propostas. Fonte: desenvolvido pela autora

Para ilustrar visualmente o ambiente onde esses terrenos estão inseridos foram registradas imagens de 3 terrenos remanescentes que hoje se encontram em situações distintas de uso pelos moradores e frequentadores dos bairros. Esses 3 terrenos são objetos de estudo para a produção de projetos experimentais para as praças temporárias.

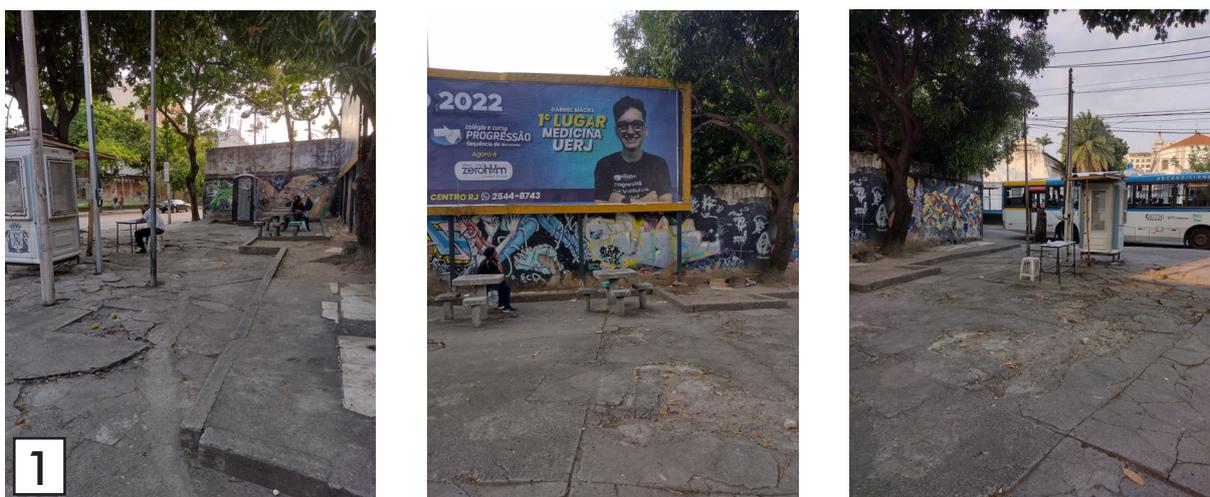


Figura 81 - Fotos do terreno intitulado de 420 na lei complementar nº 98 de 2009 (RJ). Fonte: acervo pessoal.



Figura 82 - Fotos do terreno intitulado de 416 na lei complementar nº 98 de 2009 (RJ). Fonte: acervo pessoal.

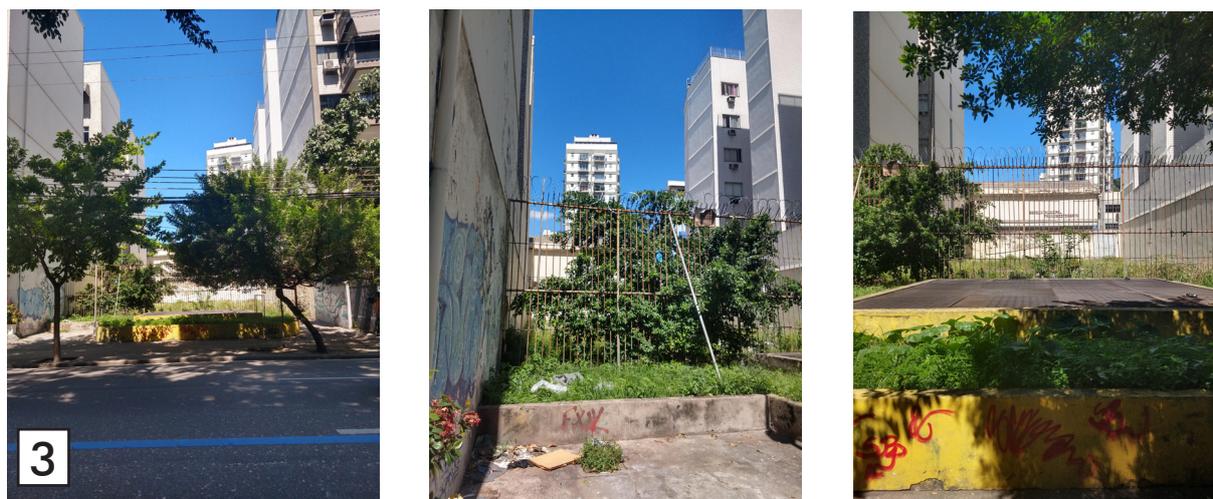


Figura 83 - Fotos do terreno intitulado de 415 na lei complementar nº 98 de 2009 (RJ). Fonte: acervo pessoal.

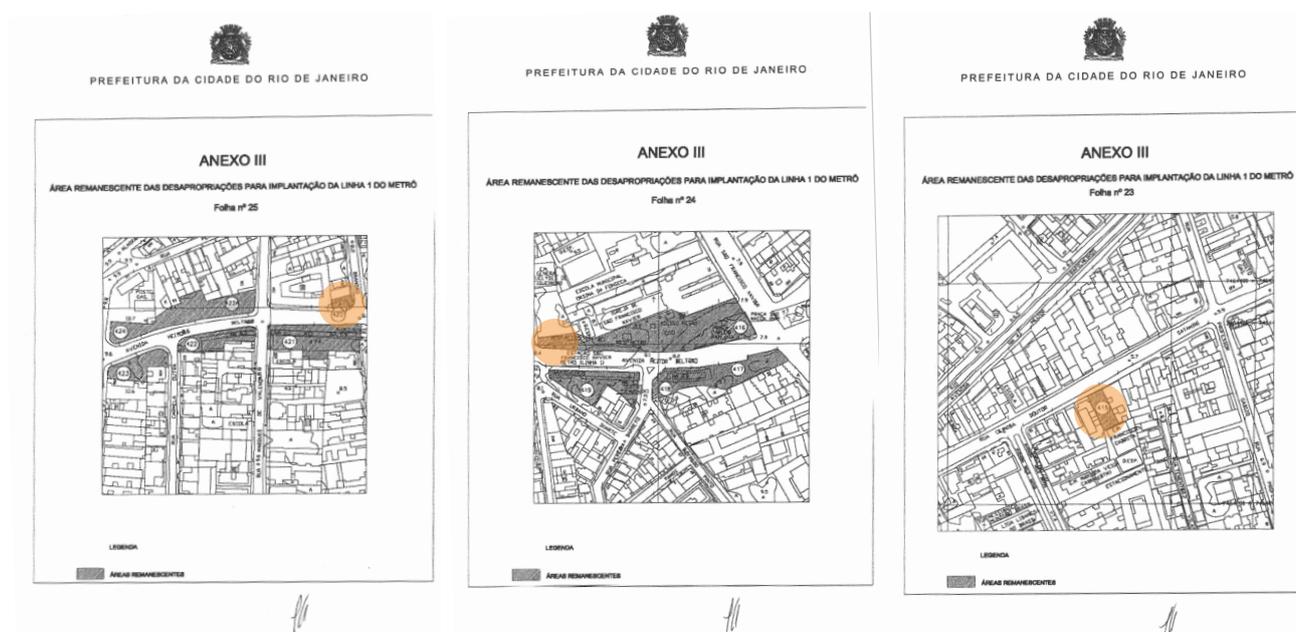


Figura 84 - Imagens do anexo III da Lei complementar nº98 de 2009. Na ordem, terreno 420, 416 e 415. Fonte: https://smaonline.rio.rj.gov.br/legis_consulta/31933Lei%20Compl%2098_2009.pdf

De acordo com a visita aos locais de projeto, foi elaborada uma tabela de diagnóstico dos terrenos analisando os pontos positivos e negativos dos locais, assim como algumas proposições projetuais tomando por base para intenção do projeto observações recebidas pela pesquisa feita com a população local, que veremos a seguir no item 3.2 da dissertação. Os terrenos escolhidos possuem características diferentes entre si. Enquanto o terreno 415, denominado com "G" na tabela, está localizado em uma área mais residencial com menos pedestres, os terrenos 416 e 420, "M" e "P", estão em áreas de maior trânsito e de fluxo intenso de pessoas. A tabela a seguir especifica as características dos terrenos:

Diagnóstico	Foto	Bom	Ruim	Incentivar
Praça "G" (fotos de 2019)		Bom acesso (calçada em boas condições); grande área de solo permeável; proximidade com escola municipal; possui iluminação geral; jardineira com plantas; calçada com sombra das árvores.	Empenas cegas altas; muita poluição sonora; ventos forte da linha do metrô no respiro bem no acesso ao terreno; gradil impedindo o acesso do público; lixo acumulado nos acessos laterais;	Melhorar a iluminação interna, incorporar mais árvores dentro do terreno, gerar atividades para o local através de melhorias físicas, melhorar a segurança com a presença das pessoas, incorporar arte urbana, gerar manutenção coletiva, permitir usos diversos do espaço através do uso de mobiliário urbano, gerar mais espaços de permanência (local para sentar)
Praça "M" (fotos de 2021)		Piso permeável; proximidade com escola, pontos de ônibus e metrô; jardineiras com vegetação; árvores; quiosque com comida e bebidas; fácil acesso; sombra;	Poucos lugares para sentar; pouca manutenção; muita sujeira; poluição sonora; pouca iluminação para os pedestres	Permanência, sentabilidade, mais atividades (diurnas e noturnas), melhorar a segurança com permanência de pessoas, manutenção coletiva, atividades de preservação e cultivos de vegetação, aumentar a oferta de serviços (barraquinhas de comida e bebida), diversificar as manifestações artísticas
Praça "P" (fotos de 2021)		Fácil acesso, proximidade com escola e instituto da família (INFA), grande permanência de pessoas (ponto final das linhas 600 e 601); algum local para sentar; sombra das árvores.	Local mal cuidado; piso quebrado; não há manutenção; pouca iluminação; canteiros concretados e sem vegetação; ponto final da linha 600 e 601 em condições precárias; banheiro químico para os funcionários em más condições;	Melhorar o ambiente em geral, dar espaço de espera para os usuários das linhas de ônibus, recuperar os jardins existentes e acrescentar mais plantas, implementar mais locais para sentar, melhorar a iluminação, recuperar a arte dos muros e incorporar novas manifestações culturais

Figura 85 - Tabela de diagnóstico

3.2. Conhecendo a população do bairro

Para conhecer a população do bairro da Tijuca foi elaborada uma pesquisa online através da plataforma “google forms”. Foram feitas perguntas de múltipla escolha e também possibilidades de respostas abertas para compreender o entedimento dos moradores do bairro sobre os terrenos vazios. A pesquisa foi lançada na rede social “facebook” em grupos de moradores do bairro e em grupos de estudantes universitários.

Você é morador da Tijuca?

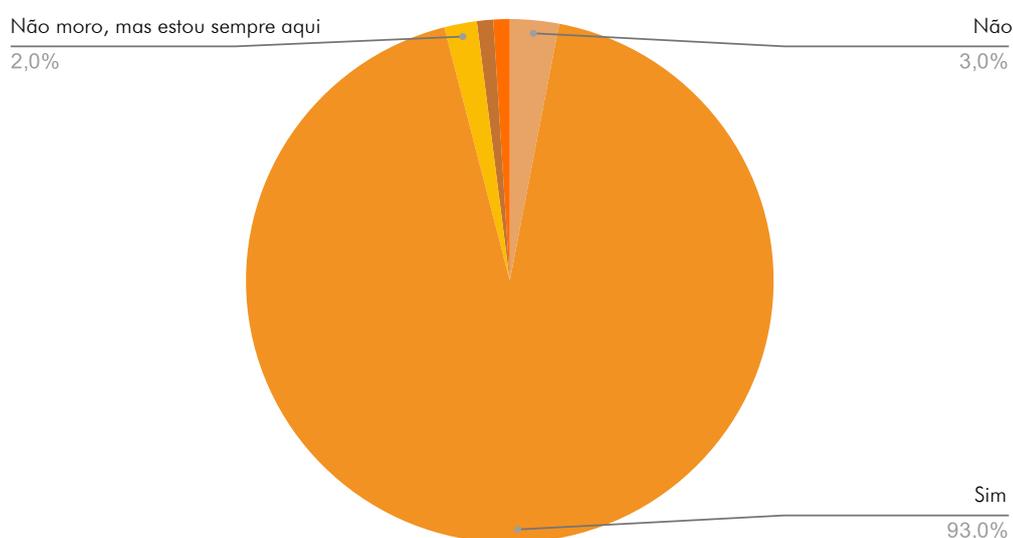


Figura 87 - Pesquisa online feita na plataforma “googleforms” com moradores da Tijuca. Ano de 2021

Você acha que nesse local deveria existir alguma atividade de lazer ou comercial (feira, oficinas, jogos)?

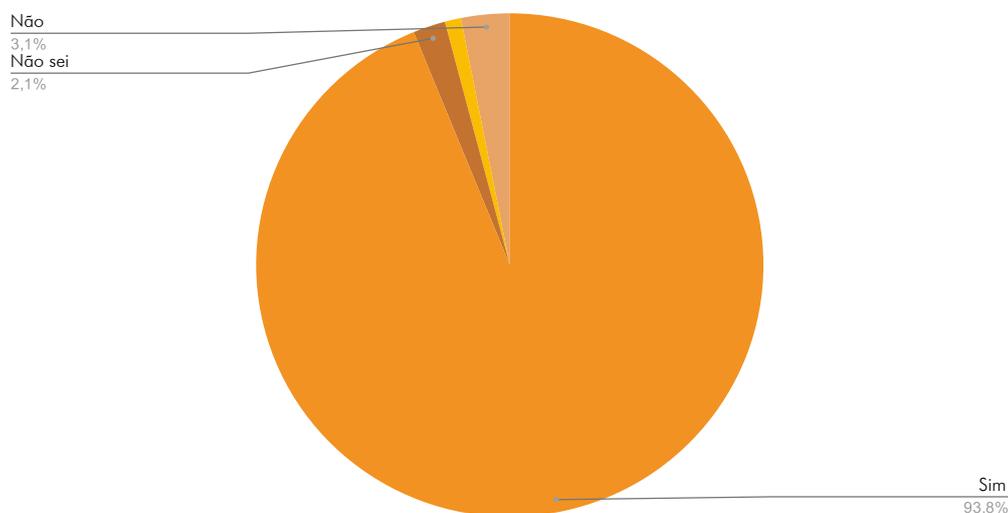


Figura 86 - Pesquisa online feita na plataforma “googleforms” com moradores da Tijuca. Ano de 2021

“Eu ficaria entre praça e comércio porém muitas praças acabam ficando abandonadas. Aquelas áreas perto do teatro Ziembisk por exemplo que ficam próximas inclusive de terrenos do metrô. Minha sugestão seria uma mistura de praça com atividades e pequeno comércio como é a Praça Vanhagem. A alimentação por exemplo poderia ser com food trucks. Mais áreas para atividades de lazer aberta.”(depoimento de um morador do bairro)

Se fosse para existir algo nesse terreno, qual atividade você acha mais apropriada?

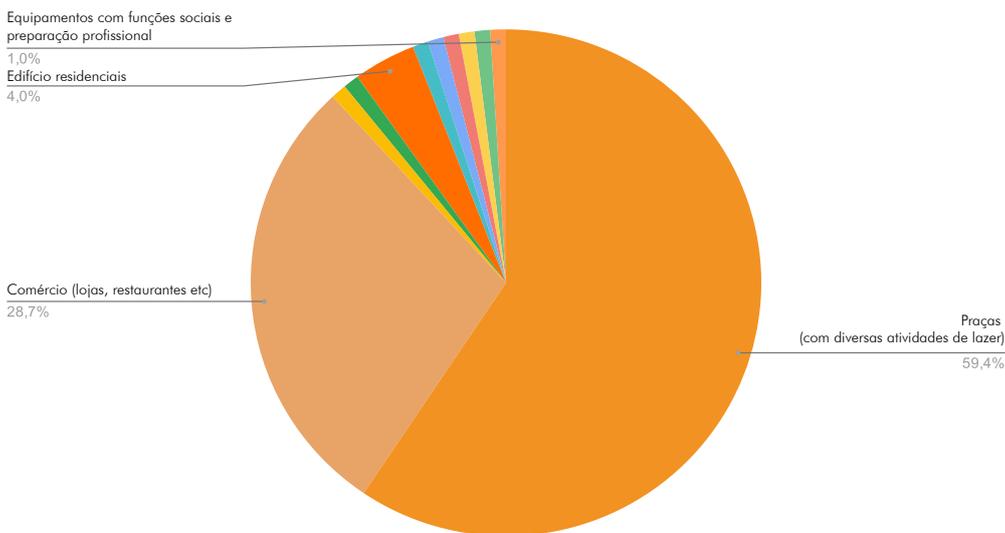


Figura 88 - Pesquisa online feita na plataforma “googleforms” com moradores da Tijuca. Ano de 2021

Você costuma passar por algum terreno vazio/abandonado durante o seu trajeto na Tijuca?

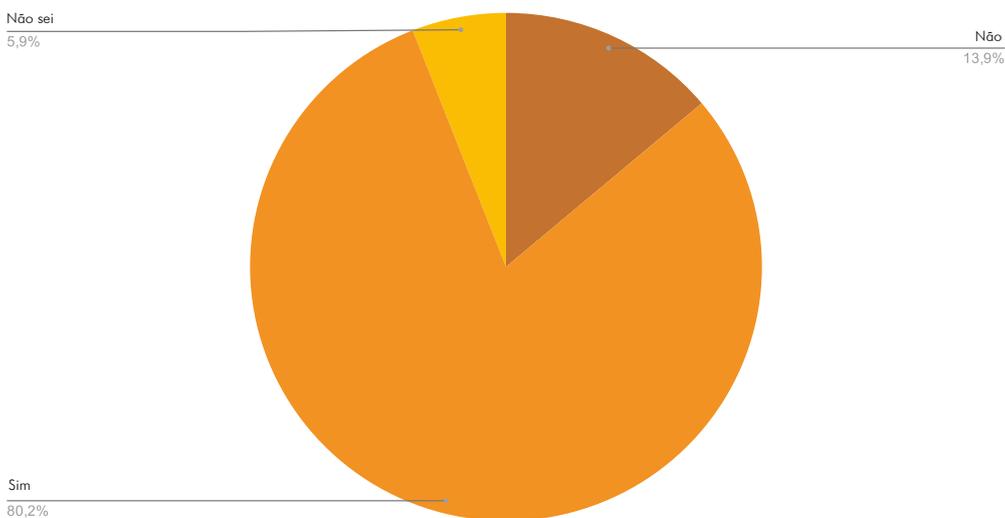


Figura 89 - Pesquisa online feita na plataforma “googleforms” com moradores da Tijuca. Ano de 2021

Qual a sensação que você tem quando passa por esse local?

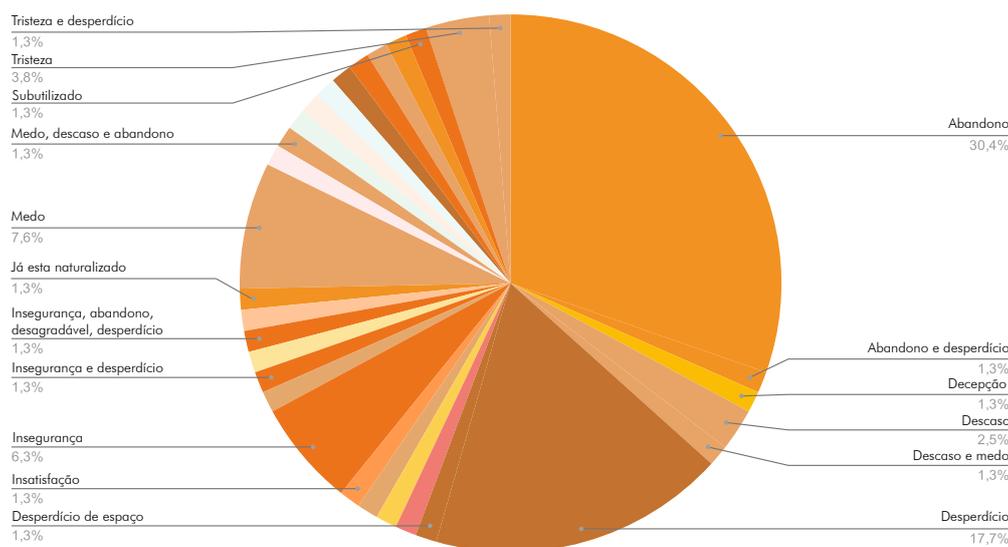


Figura 90 - Pesquisa online feita na plataforma “googleforms” com moradores da Tijuca. Ano de 2021

A presença desses terrenos vazios causa diversos sentimentos nos moradores do bairro. Muitos deles relatam a sensação de abandono por parte do poder público, e uma certa indignação quanto ao não aproveitamento do espaço em benefício da vizinhança. Há também relatos sobre o medo de passar por esses lugares e a insegurança que passa para o ambiente do bairro.

Quando questionados sobre o usos dos equipamentos urbanos já existentes, muitos dos moradores da região alegaram que sentem vontade de usar, mas não sentem segurança, acham que o local não é atrativo e que não há atividades interessantes ou até mesmo não frequentam pela falta de manutenção do espaço. Apesar de a maioria relatar que não frequenta, algumas pessoas se mostraram adeptas do uso desses espaços, o que demonstra a importância do uso do espaço urbano no cotidiano das pessoas.

Você sente vontade de usar mais os espaços públicos do bairro?

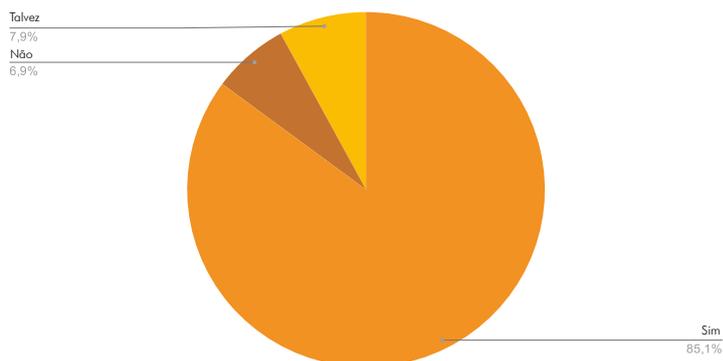


Figura 91 - Pesquisa online feita na plataforma “googleforms” com moradores da Tijuca. Ano de 2021

Por que você não frequenta espaços públicos na Tijuca?

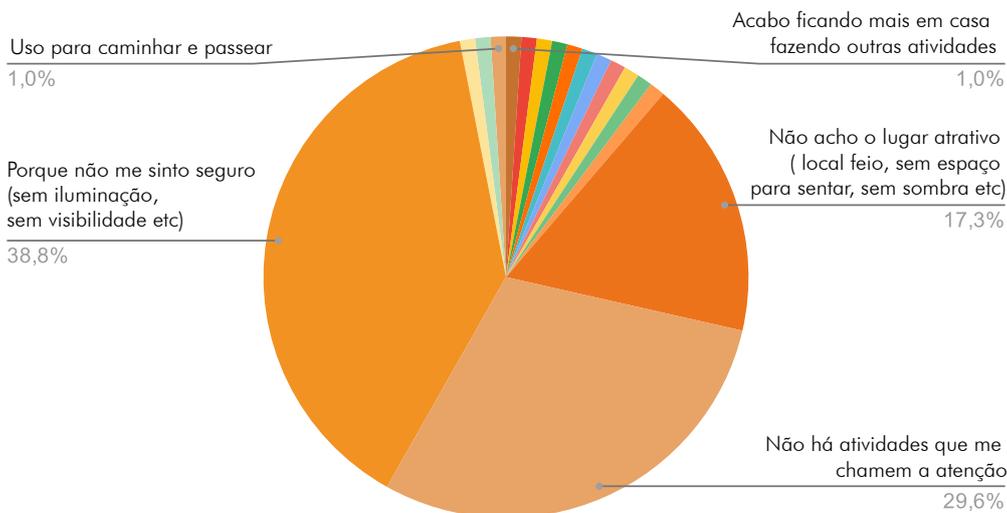


Figura 92 - Pesquisa online feita na plataforma “googleforms” com moradores da Tijuca. Ano de 2021

Como vimos anteriormente, a Tijuca é um bairro que possui muitas praças, no entanto muitos desses locais não suprem a necessidade dos moradores de estar em ambientes mais familiares e acolhedores, em uma escala mais local de uso. Quando questionados com essa pergunta, muitos alegaram sentir falta de espaços para socializar com a vizinhança mais próxima e gostariam que houvesse espaços além dos existentes na região.

Você acha que faltam lugares no bairro para socialização da vizinhança em uma escala mais local?

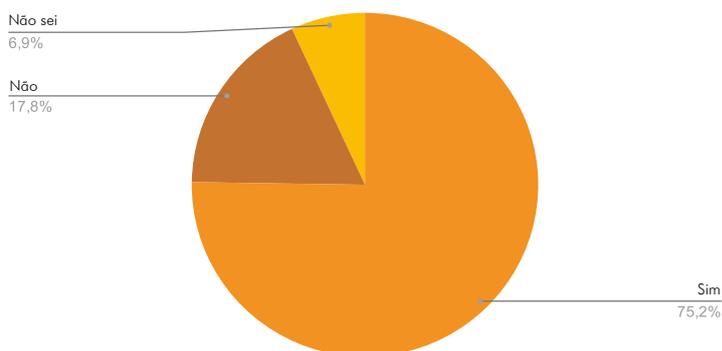


Figura 93 - Pesquisa online feita na plataforma “googleforms” com moradores da Tijuca. Ano de 2021

A participação na produção do espaço urbano é muito importante pois somente com esse modo de planejamento os arquitetos, urbanistas e administradores públicos (municipais e estaduais) conseguem desenvolver democraticamente uma cidade que comporta as demandas expostas pela população.

Saber a necessidade de quem vai usar o espaço é um dos pontos chaves para o sucesso de um projeto. As pessoas que participaram da pesquisa se mostraram interessadas em participar da produção de um espaço público junto com a vizinhança, o que demonstra que eles estão receptivos ao diálogo.

Você acharia interessante um espaço de praça com atividades de feiras livres e carros de comida além das praças já existentes?

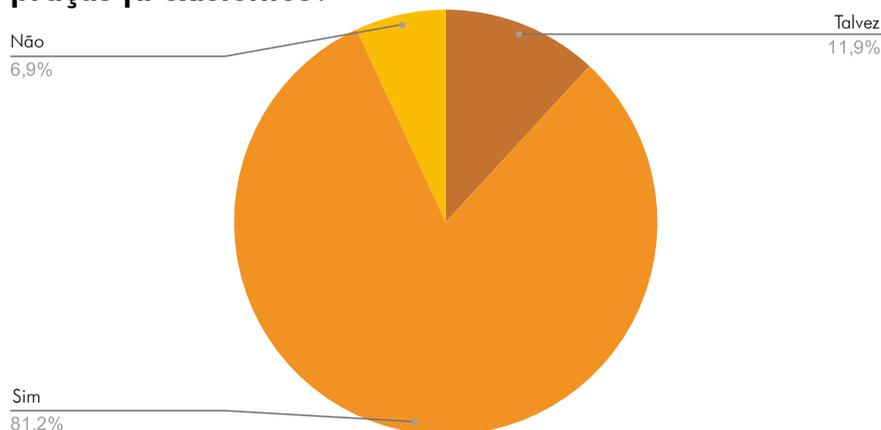


Figura 94 - Pesquisa online feita na plataforma "googleforms" com moradores da Tijuca. Ano de 2021

O objetivo dessa pesquisa era entender as necessidades locais da população em relação aos terrenos vazios presentes no cotidiano do bairro. Foi importante para afirmar que há um desejo da população para o aproveitamento desses vazios para atividades coletivas, de lazer e de interação social.

Você gostaria de participar da criação de um espaço público no bairro junto com a vizinhança e frequentadores?

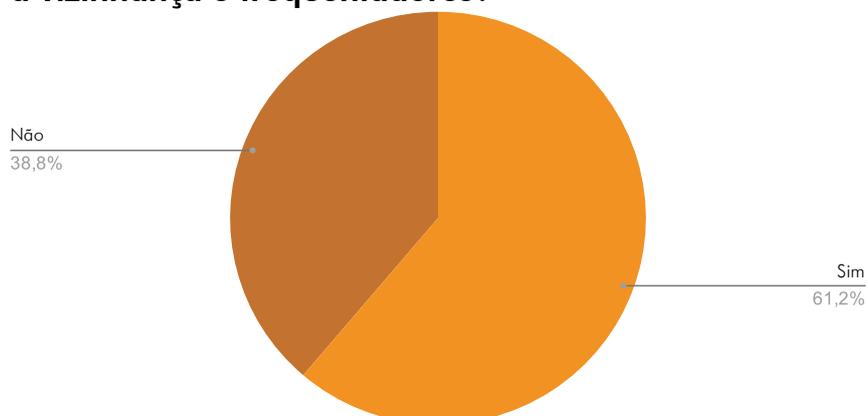


Figura 95 - Pesquisa online feita na plataforma "googleforms" com moradores da Tijuca. Ano de 2021

3.3. Caixa de Ferramentas: criando lugares

Este capítulo final da dissertação está focado na criação de um material que servirá como um repertório de ações e ferramentas para ser levado a um processo participativo assessorado por arquitetos e urbanistas, estudantes, instituições públicas ou privadas, entre outros. A intenção é facilitar as intervenções com sugestões de desenhos de mobiliário urbano, tipos de materiais com baixo custo a se usar para a produção do espaço e ideias de atividades que podem acontecer no espaço da praça temporária em questão. É importante que o planejamento e projeto da praça seja elaborado de forma participativa com os interessados no espaço em conjunto com profissionais autônomos ou pertencentes às instituições participantes da intervenção.

Encontramos geralmente nos vazios urbanos diversos tipos de espaços. Dos mais bem cuidados, com manutenção e zelo, até espaços negligenciados com acúmulo de lixo, pisos quebrados que dificultam o uso por possuírem algum risco para a locomoção e para a integridade dos usuários. É possível usar pinturas para criar ambientes mais acolhedores para a construção das praças temporárias, principalmente quando a pavimentação do espaço está em boas condições.



Figura 97 - Williamsburg Brooklyn asphalt Plaza, Nova York. Fonte: <https://www.superfreshdesign.com/#/williamsburg-asphalt-mural/>



Figura 96 - Super Quadra Sant Antoni, Barcelona. Fonte: <https://inhabitat.com/superblock-of-sant-antoni-reclaims-barcelona-streets-for-pedestrians/>

No entanto, como dito acima, muitos desses vazios urbanos se encontram em estado de esquecimento, tanto pelo poder público e privado, como pela própria população. Para a recuperação da pavimentação é de grande importância que as associações de moradores, vizinhança e comércios locais dos espaços a serem ativados se unam para solicitar o reparo para a prefeitura. O importante é que o espaço esteja em condições seguras de uso pela população e que seja possível criar através de intervenções pontuais novos espaços de convivência e de lazer nos bairros do Rio de Janeiro.



Figura 98 - Science Park Kassel / Birk Heilmeyer und Frenzel Architekten, Kassel, Alemanha. Fonte: www.archdaily.com



Figura 100 - Passeig de Sant Joan, Barcelona. Fonte: <https://landezine.com/passeig-de-st-joan-boulevard-by-lola-domenech/>



Figura 99 - Praça com pavimentação de brita criada pela arquiteta paisagista Heather Ring em um lote abandonado em Bantide, Londres. Fonte: <https://www.dezeen.com/2010/07/11/union-street-urban-orchard-by-heather-ring/>



Figura 101 - Pavimentação High School Tampico, México. Fonte: <https://www.archdaily.com/423594/new-high-school-campus-taller-veinticuatro>

No caso de reparo da pavimentação, é importante que o novo piso seja uma combinação de material de boa qualidade e de preço acessível. Uma boa opção é o piso do tipo intertravado que é muito usado em estacionamentos a céu aberto e em calçadas de condomínios. O piso além de ser de fácil instalação é semi-permeável, contribuindo para que não haja tanto acúmulo de poças de águas pluviais no espaço. É possível intercalar o novo piso com espaços permeáveis cobertos por brita, ou até mesmo por grama e tipos de vegetação que aguentem bem o pisoteio. Intercalar tipos de pisos pode diminuir bastante o custo desse tipo de obra de base para a implantação de praças temporárias. Em todo caso é importante levar em consideração que esse tipo de intervenção é mais difícil de realizar pois há muita dependência na boa vontade do poder público em investir no espaço.

Foram criados tipos de bancos em materiais fáceis de achar no mercado, como o concreto e as placas de compensado (normal ou naval). Esse mobiliário foi desenhado com formas simples e modulares permitindo ser montados facilmente. O banco foi pensado para ser um objeto multiuso: o móvel que é um banco é também um vaso para plantas. Whyte (1980) afirma que ter onde sentar é muito importante para um lugar ser usado e ter sucesso. Ele chegou a conclusão através de uma pesquisa de observação, que as praças mais usadas na cidade de Nova York eram as que mais tinham locais para sentar. “Pessoas se sentam onde há lugar para se sentar”(Whyte, 1980, p.28)

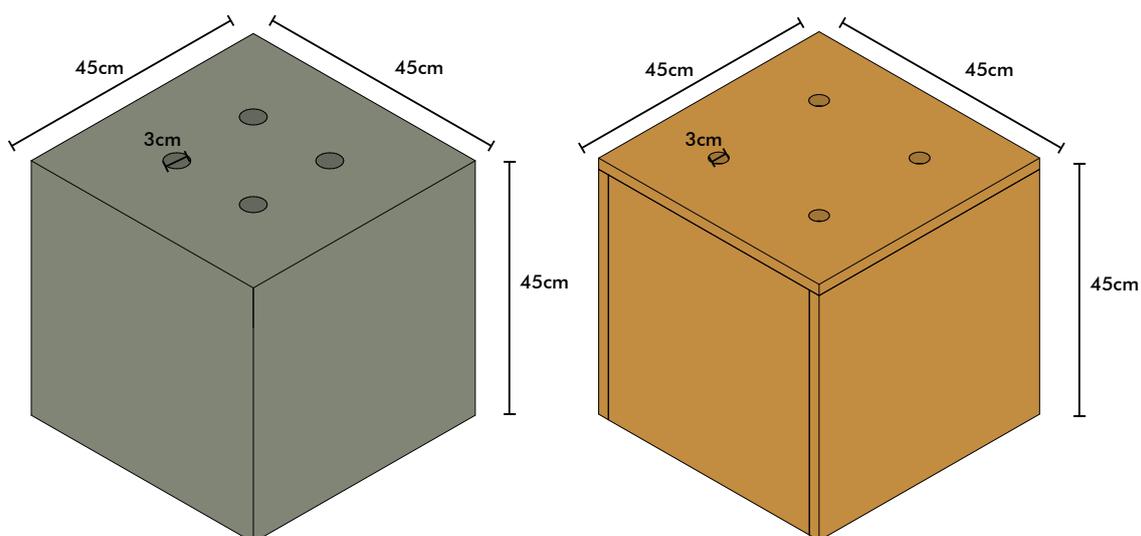


Figura 102 - Desenhos dos bancos “P” presentes na caixa de ferramentas. Os furos servem para a água da chuva não acumular na superfície. Projeto da autora.

A variação de tamanho também foi pensada para criar composições mais dinâmicas de mobiliário nas praças. O banco desenhado pode ser de tamanho individual, como mostrado na imagem 39 acima, mas também pode ser duplo, como nas imagens a seguir:

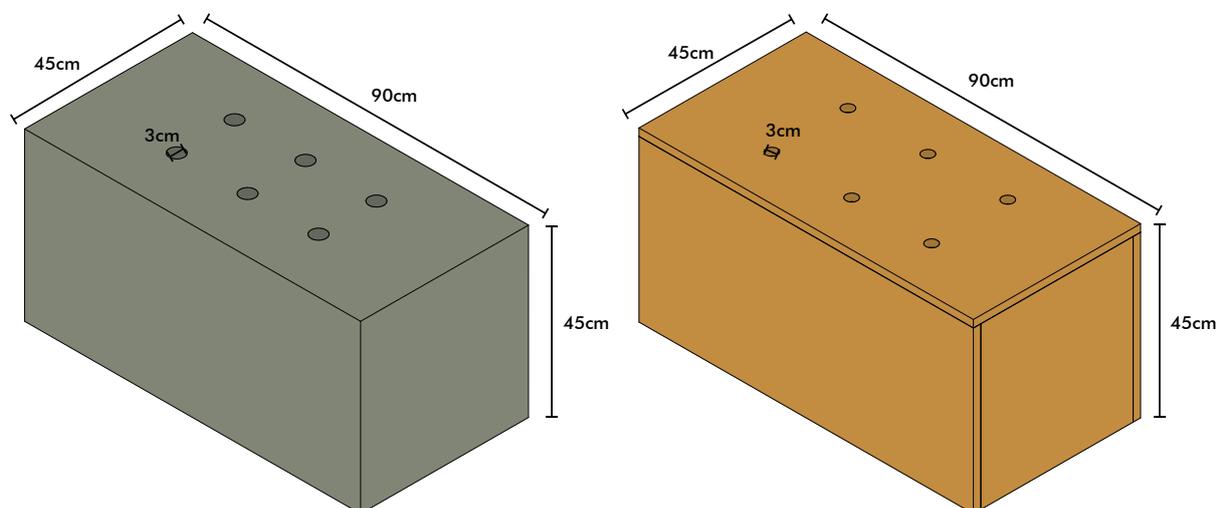
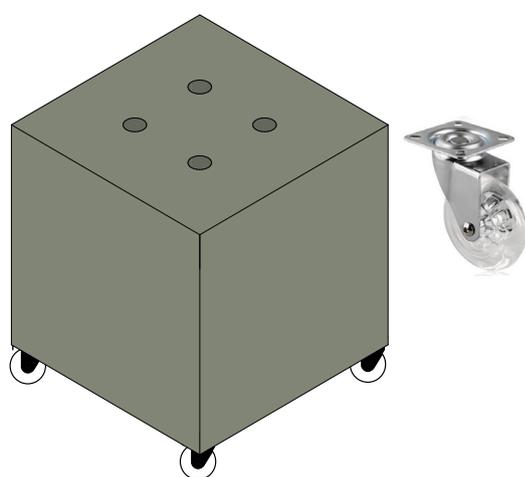


Figura 103 - Desenho dos bancos “G” presentes na caixa de ferramentas. Banco à esquerda em concreto e banco à direita em placas de compensado naval. Os furos servem para a água da chuva não acumular na superfície. Projeto da autora.

Pensando sempre na facilidade de produção e usabilidade otimizada, esses mesmos bancos são também vasos/jardineiras/cachepots para plantio de plantas, hortas e pequenas árvores. Como vasos e jardineiras esse mobiliário pode ser usado para adicionar mais verde às cidades contribuindo para melhoria da paisagem urbana e permitindo mais interação entre o homem e a natureza, além de criar ambientes mais bonitos e convidativos. Na caixa de ferramenta existe a sugestão de se instalar pequenos rodízios nas extremidades dos módulos dos bancos e vasos. Esses acessórios ajudam bastante no transporte e deslocamento do mobiliário, facilitando a personalização da praça.



O material indicado para esse rodízio é o aço inox e silicone, pois são materiais que se comportam bem ao tempo, não oxidam e não se degradam facilmente.

Figura 104 - Banco de concreto com rodízios para facilitar a locomoção do mobiliário

Ter onde sentar é um dos princípios mais importantes de uma praça ou um local público de interação social. Nos *pocket parks* essa característica é uma das mais pensadas ao se projetar. O uso de mobiliário solto (que pode ser mudado de local) permite que o usuário sente em qualquer espaço da praça, crie ambientes com familiares e amigos, além de criar uma interação dinâmica entre o espaço e as pessoas.

Como vasos, os módulos “P” e “G” são usados com a superfície fechada para baixo:

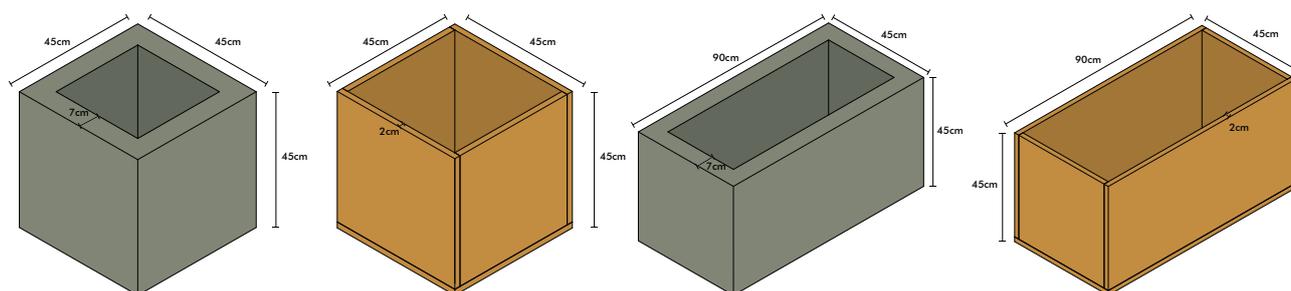


Figura 105 - Vasos em concreto e compensado dos tamanhos “P” e “G”

Quando virados, os bancos são ideias para o plantio, pois os furos são a drenagem que as plantas precisam. Basta colocar argila expandida (pode colocar pedras, vasos cerâmicos quebrados em pequenos pedaços, bandeja de isopor em pedaços, entre outros materiais que deixam a água passar), uma manta drenante por cima da argila, ou um tecido sintético como o TNT (tecido não orgânico, para não se decompor junto à terra) e depois o substrato (terra adubada) com o torrão da planta escolhida.

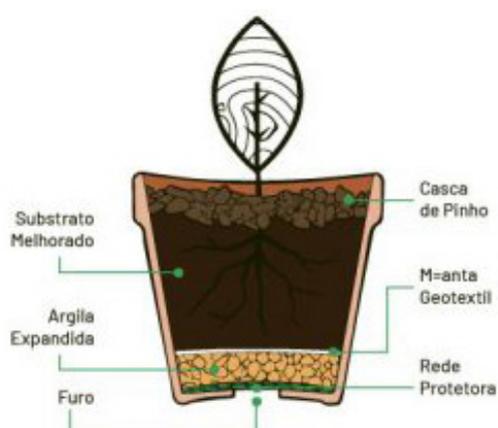


Figura 106 - Camadas para plantio em vasos.
Fonte: <<https://biomapplants.pt/>>

Para dar um acabamento final, pode-se colocar uma camada de lascas de *pinus*, que ajuda a manter a terra úmida por mais tempo. Cada planta requer um tipo de hidratação e cuidado, mas geralmente plantas tropicais não são difíceis de se manter contanto que haja luz solar e água. A opção de colocar os rodízios nesses vasos também é uma boa solução para o deslocamento do mobiliário.

Para criar ainda mais um ambiente de descontração e relaxamento foi criada também uma cadeira do tipo espreguiçadeira.

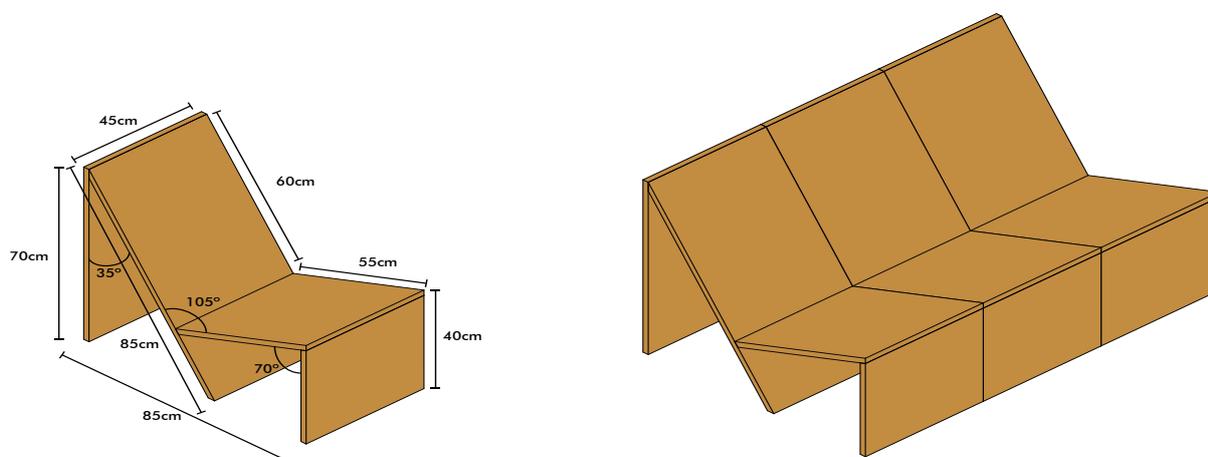


Figura 107 - Banco inclinado tipo “espreguiçadeira”

A cadeira pode ser usada individualmente, ou em conjunto, criando um grande banco linear que pode ser configurado de acordo com a vontade dos usuários. O desenho da cadeira é simples e de fácil execução, permitindo que seja montado com facilidade.

Contribuindo com a sustentabilidade e economia na produção do espaço urbano, o reuso de materiais já existentes nas cidades é uma possibilidade de criar mobiliário urbano acessível. Um exemplo é o uso de caçambas de entulho como grandes jardineiras de plantio de árvores de pequeno a médio porte.

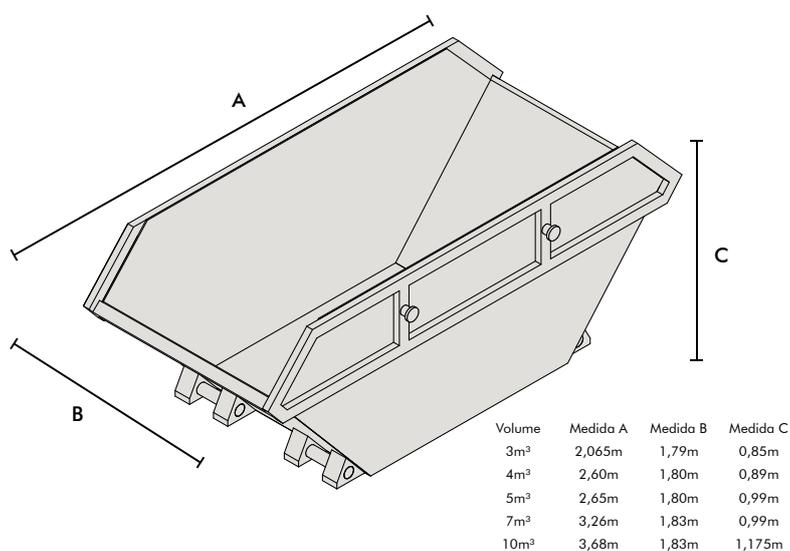


Figura 108 - Tamanhos de caçambra disponíveis no Brasil. fonte: <https://cunhaterraplanagem.blogspot.com/2012/05/aluguel-de-ca-cambas.html>

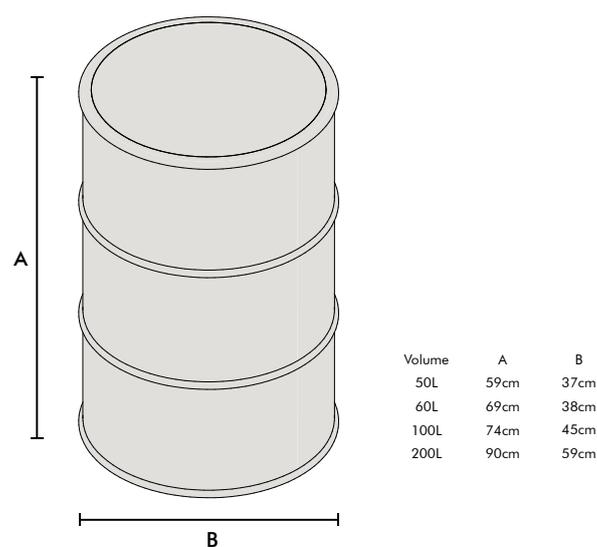


Figura 109 - Tamanhos de tonéis de metal disponíveis no Brasil. Fonte: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-854440007-tamborete-tonel-50-ou-60-litros-novos-sem-usop-decorar_JM



Figura 110 - Caçambra reformada com árvore e outras plantas. Fonte: <https://landskapsarkitekt.tumblr.com/post/105215176783>



Figura 111 - Jardim em caçamba. Fonte: <https://www.flickr.com/photos/howaboutno>



Figura 112 - Jardim em caçamba. Fonte: <http://www.thepersuaders.co.uk/#/pimms-skipnics/>

Os tonéis usados muitas vezes como lixeiras ou como compartimento de transporte de líquidos podem ser usados de duas formas, como indicado na cartilha: Como mesa, pois alguns modelos têm medidas compatíveis com as alturas normalmente usadas para esse tipo de mobiliário, e como vaso para arbustos e pequenas árvores frutíferas. Esses dois itens, calamba e tonel, podem ser pintados com cores, texturas e desenhos, incorporando ao espaço a personalidade dos usuários. Podem ser criadas oficinas de produção desse mobiliário, gerando atividades lúdicas e interativas para a população vizinha ao espaço em produção.



Figura 113 - Tonéis com plantação de temperos e hortaliças. Fonte: <https://www.finegardening.com/article/diy-kitchen-garden-containers>



Figura 114 - Neal's Yard, Londres. Fonte: <https://www.oddcities.com/neals-yard-london/>

Os pallets, módulos de madeira que são usados na indústria, mercados de grande porte e em depósitos de materiais, são um grande aliado nas ações de urbanismo tático. Com esses estrados de madeira é possível criar diversas peças de mobiliário, suportes para jardins verticais, pavimentação de deck de madeira, entre outros tipos de mobiliário. No Brasil são comuns serem feitos de madeira *pinus* e possuírem tamanhos de 1,20 x 0,80m, 1,20 x 1,20m e 1,20 x 1,00m.

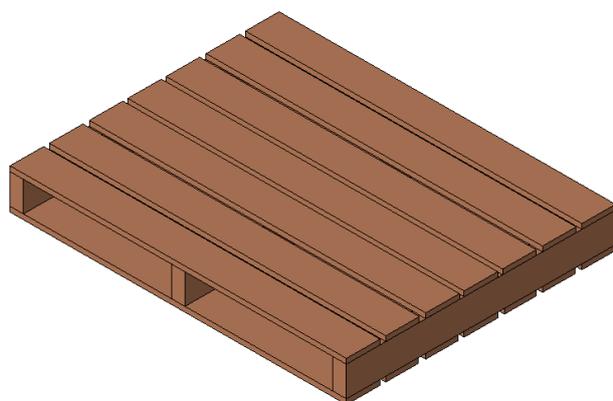


Figura 116 - Imagem de modelo 3D de pallet. Fonte: Desenvolvido pela autora



Figura 115 - Pop-up plaza do The Hennepin Theatre Trust, Minneapolis, EUA. Fonte: <http://www.southwestjournal.com/news/2014/06/hennepin-home-to-new-pop-up-park-vacant-storefront-gallery/>

3.4. Ensaios das praças temporárias

Por meio do trabalho aqui apresentado foi possível elaborar diferentes projetos utilizando a caixa de ferramenta proposta. Para ilustrar a versatilidade de tais ferramentas, escolheu-se aplicá-las em terrenos de tamanhos variados.

Os terrenos escolhidos para os ensaios de praças estão localizados na Avenida Heitor Beltrão e na Rua Doutor Satamini.

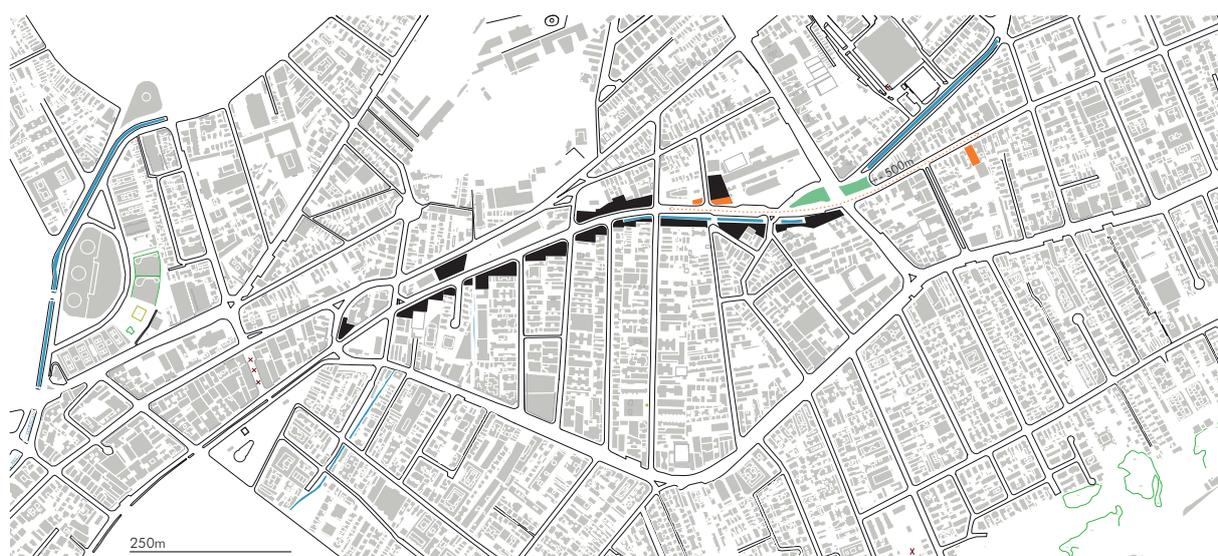


Figura 117 - Mapa de parte do bairro da Tijuca com a localização das praças temporárias desenvolvidas

○ metodologia de projeto foi desenvolvida a partir da observação do local com visitas de análise e de medição, bem como interpretação da pesquisa online feita com moradores da região e conversas informais com pedestres nos dias das visitas. Após essas etapas foram desenvolvidos croquis com algumas diretrizes dispostas na Tabela de Diagnóstico (ver figura 73). As decisões projetuais levaram em conta as condições do local como as edificações vizinhas, arborização urbana, incidência de luz, equipamentos urbanos (mobiliário, iluminação, sinalização, pontos de ônibus, estações de metrô etc) e a relação com o entorno imediato.

O primeiro projeto foi desenvolvido em um terreno tem aproximadamente 180m², sendo considerado um tamanho pequeno de praça. Foi feita uma visita de campo nesse terreno para constatar dimensões, levantamento de vegetação existente, tamanhos de muros, existência de postes, lixeiras, mobiliário entre outros. Foi possível conversar com alguns transeuntes e frequentadores do espaço e identificar esse terreno como ponto final de duas linhas de ônibus: A linhas 600 e 601 de ônibus (Saens Peña x Metrô São Francisco Xavier). Essas informações foram levadas em consideração para a elaboração do projeto.

Para o projeto de praça P foram utilizados vasos e bancos de compensado para criar pequenos ambientes de descanso e apreciação. Existem inúmeras possibilidades de combinação para o mobiliário pois sua forma foi pensada para ser modular. A predominância no uso dos bancos em compensado foi proposital e pensada para facilitar os usuários das linhas de ônibus, podendo os bancos serem deslocados com mais facilidade que os de concreto por conta do peso. A seguir croquis e desenhos do projeto:

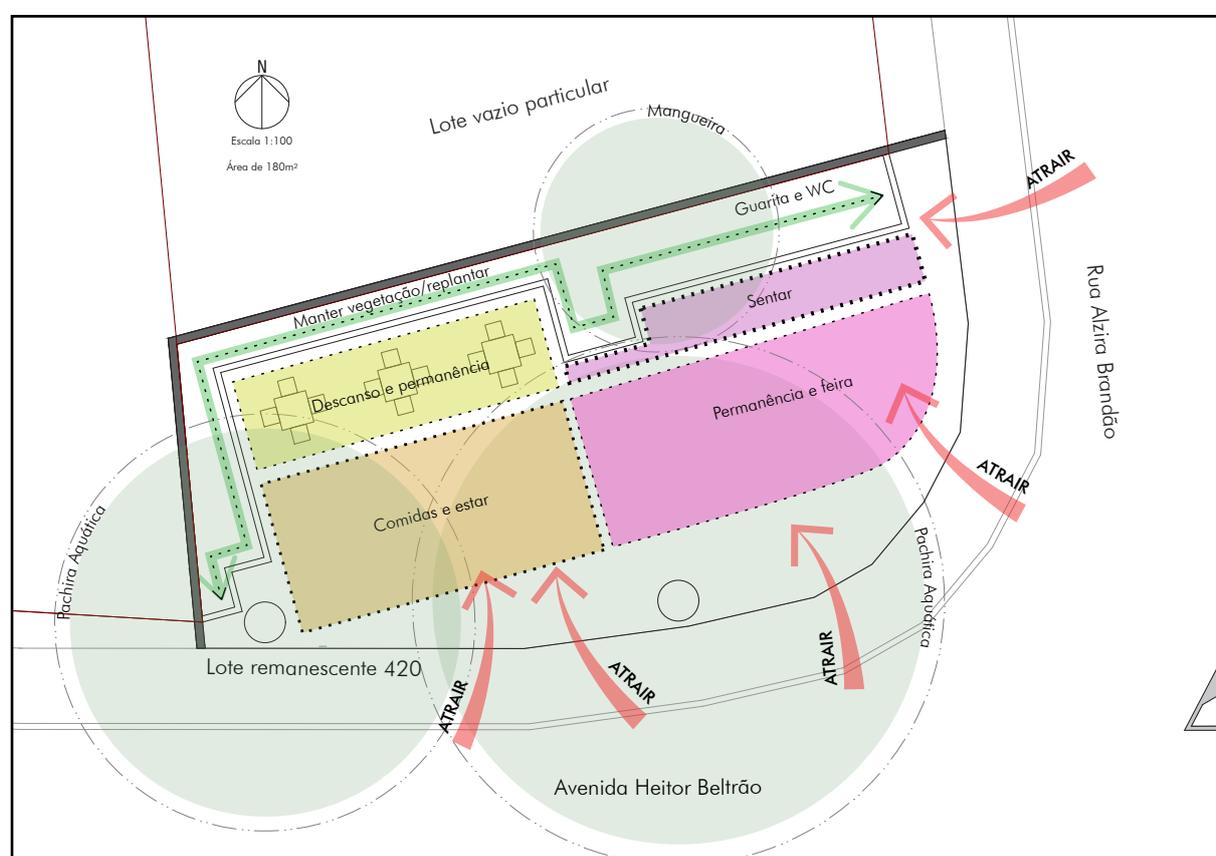


Figura 118 - Croqui do projeto da praça "P"

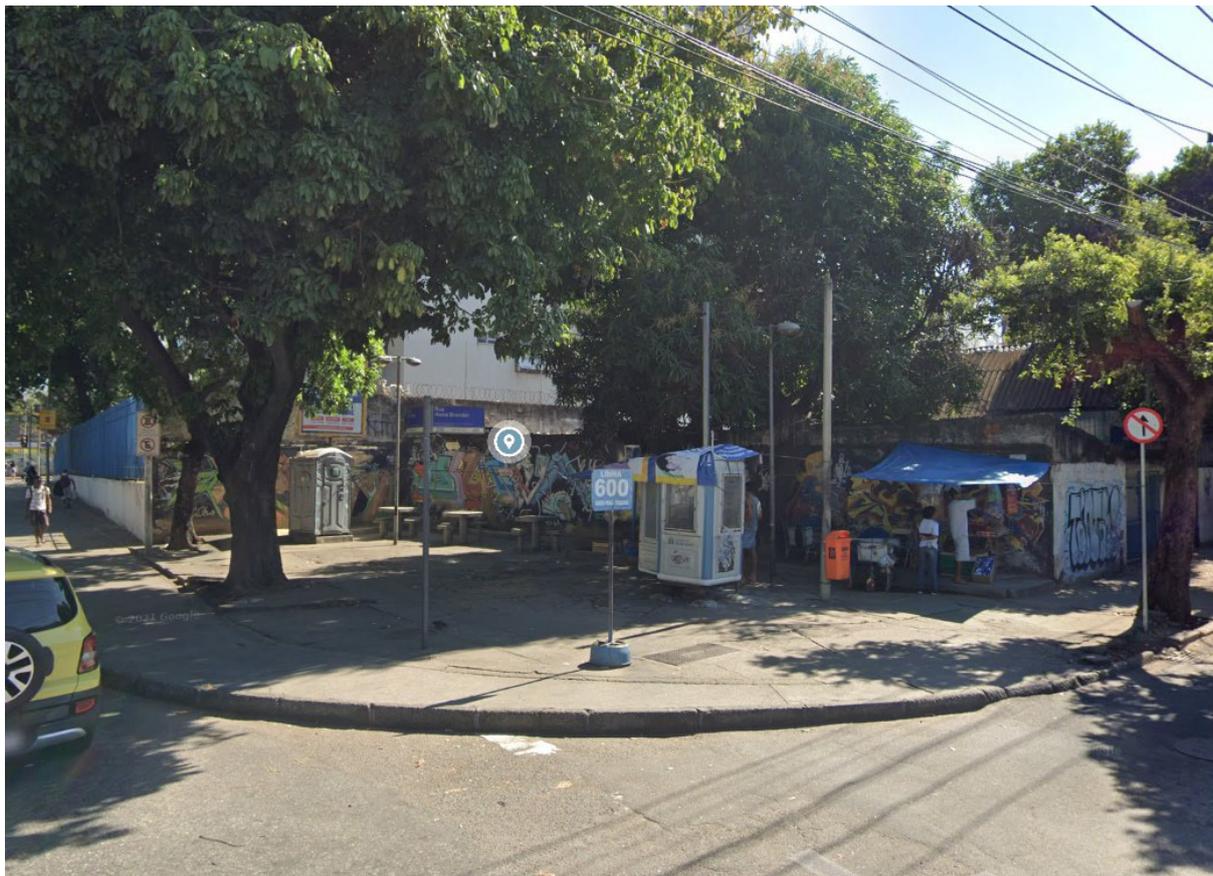


Figura 119 - Imagem atual do terreno P. Fonte: Google Maps

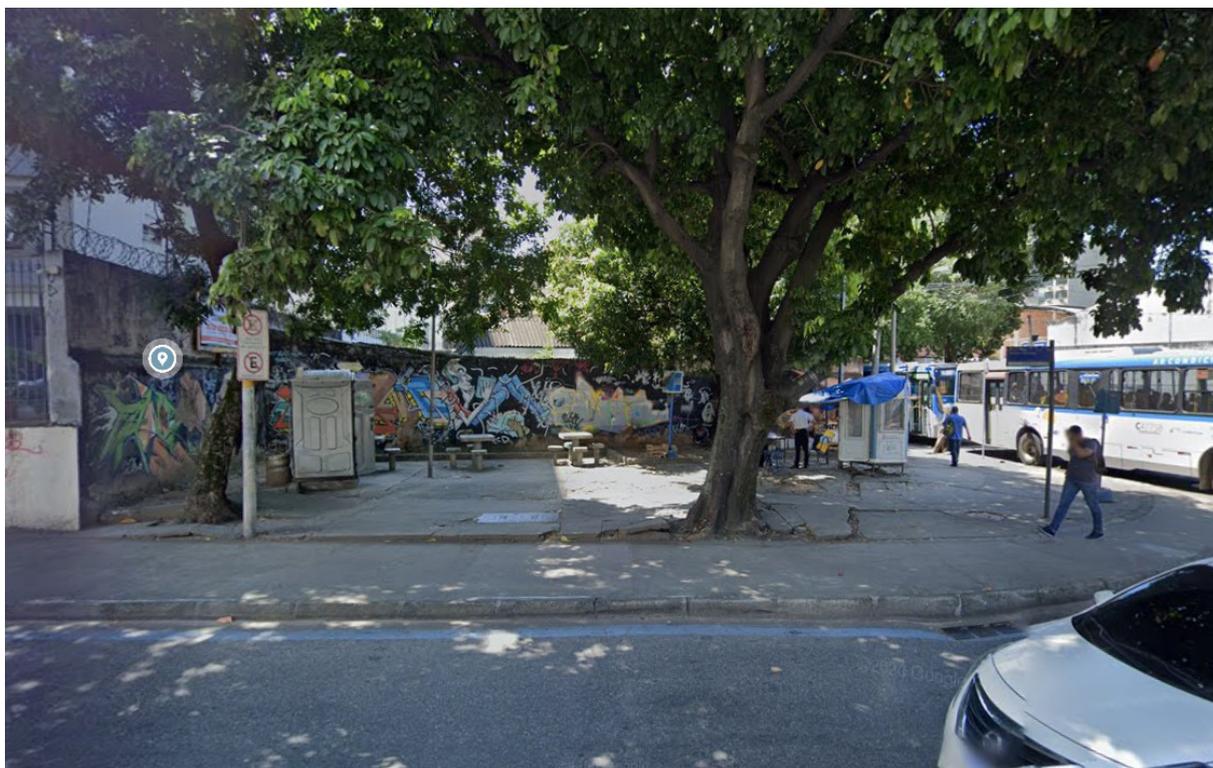


Figura 120 - Imagem atual do terreno P. Fonte: Google Maps



Figura 121 - Planta baixa geral do projeto de praça "P". Desenvolvido pela autora

EXEMPLOS

Praça temporária desenvolvida no terreno remanescente da linha 01 do metrô, localizado na rua interseção entre a rua Alzira Brandão e a Avenida Heitor Beltrão. Área de aproximadamente: 180m²



Figura 122 - Perspectiva do projeto da praça P. Desenvolvido pela autora

No segundo terreno com aproximadamente 350m² escolheu-se fazer uma praça adaptada para as condições já existentes do local. Foram feitas medições e levantamento de equipamentos do terreno, e constatou-se que o ambiente era mantido pelo dono do quiosque de comidas do local. Ele foi o responsável pela criação e manutenção dos jardins lá presentes bem como as árvores e alguns equipamentos que ficam guardados dentro do quiosque.

Nesse projeto foram usados todos os equipamentos propostos na caixa de ferramentas: bancos, mesas, espreguiçadeiras, pallets de madeira e até mesmo uma grande caçamba de entulho que funciona como uma grande jardineira para árvores de médio porte. Na caçamba pode-se plantar também gramado para o uso do espaço como área de descanso. Para incentivar múltiplos usos foram propostas atividades através de decisões projetuais, como manter uma empena em branco apenas com os dizeres “a Rua fala...” em grafitti e posicionar diversos bancos e tablados nessa área para criar um espaço de cinema ao ar livre. Para remover a atenção do respiro do metrô foram propostos vasos e bancos em volta da construção criando uma barreira física para o gradil. Luzes de gambiarra direcionado os pedestres ao quiosque criam um ambiente acolhedor nos períodos noturnos.

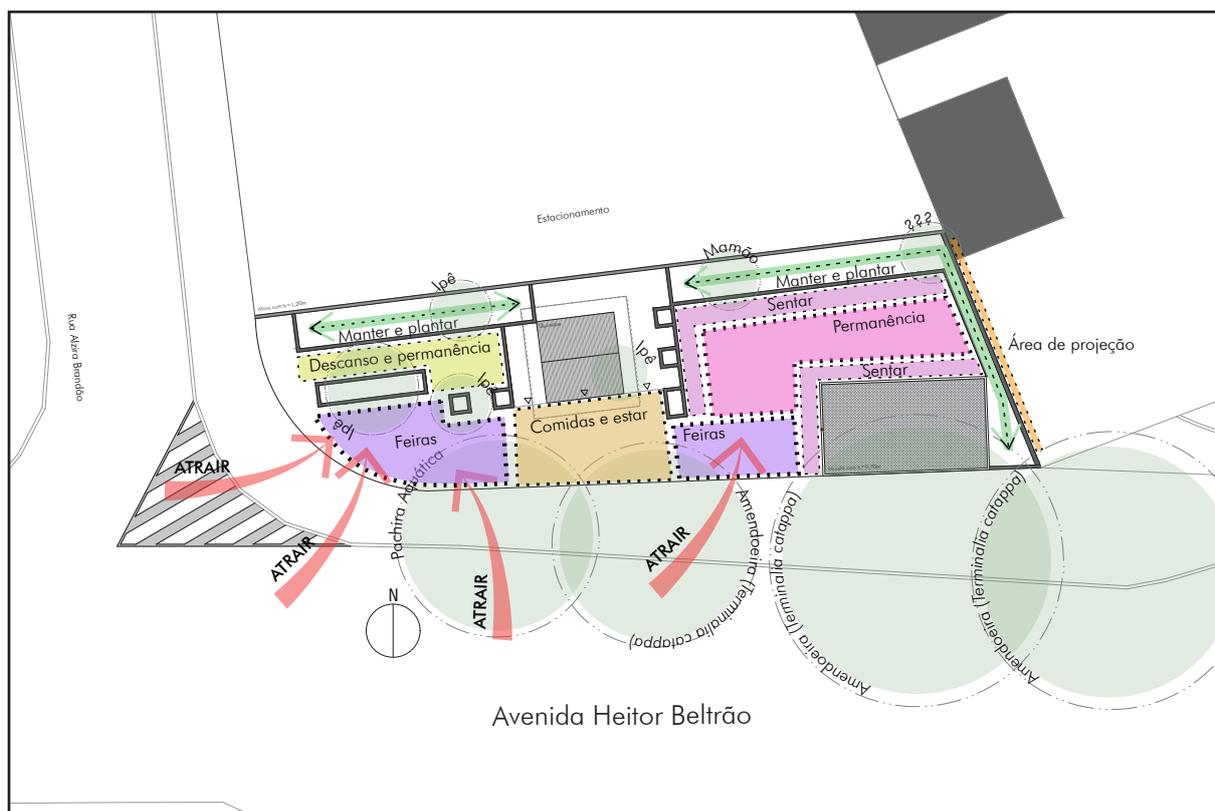


Figura 123 - Croqui do projeto da praça “M”

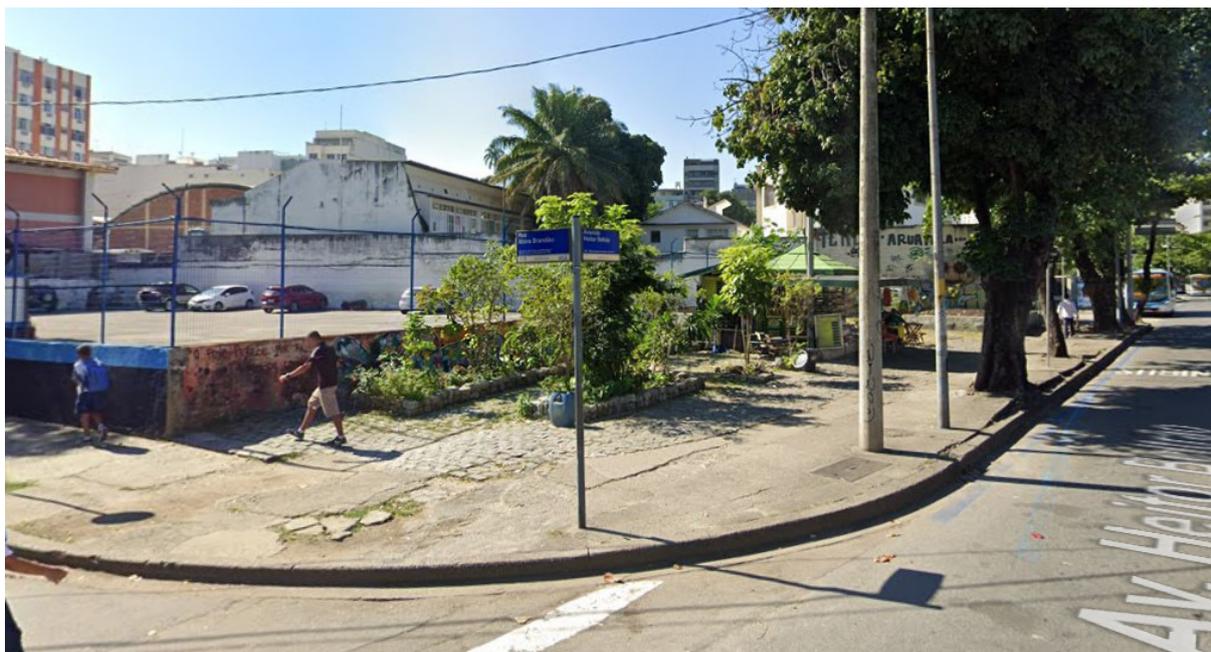


Figura 125 - Imagem atual do terreno M. Fonte: Google Maps

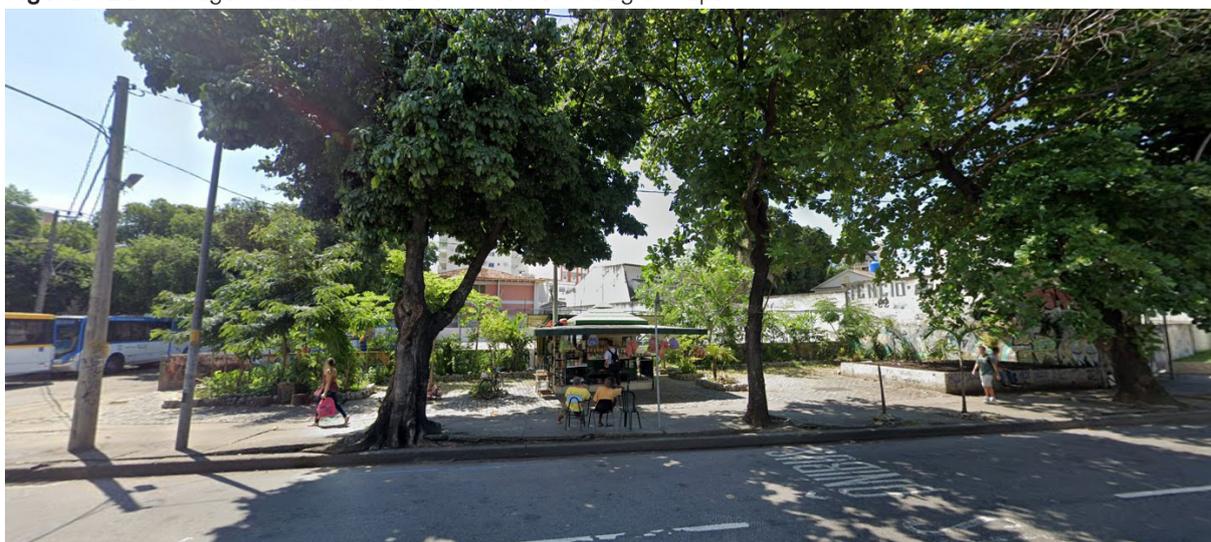


Figura 124 - Imagem atual do terreno P. Fonte: Google Maps

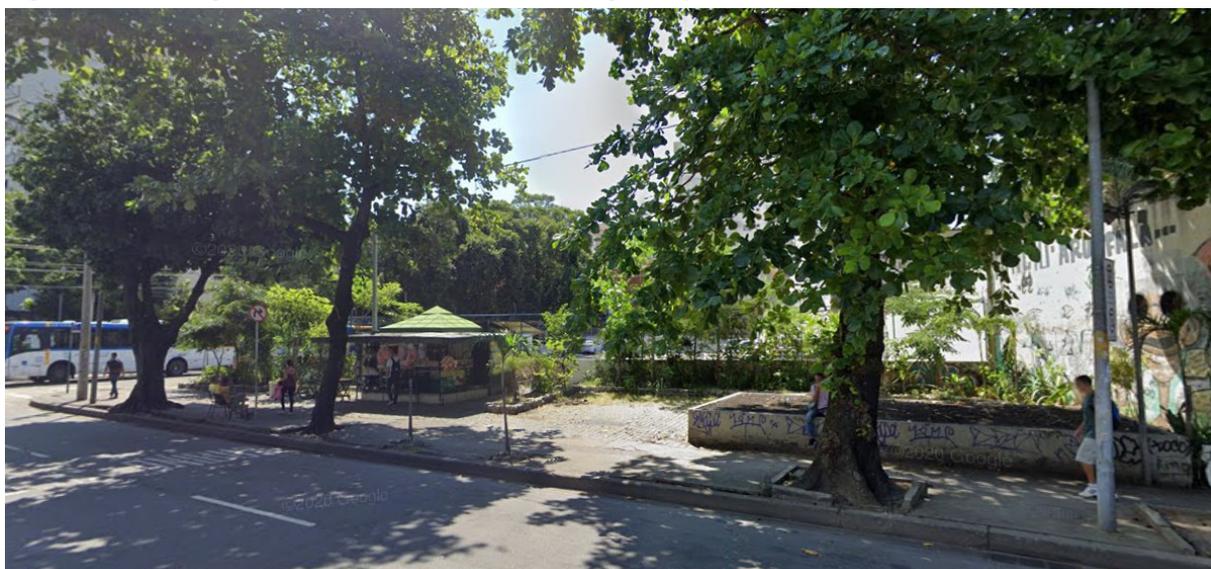


Figura 126 - Imagem atual do terreno P. Fonte: Google Maps



Figura 127 - Projeto de praça "M". Desenvolvido pela autora

EXEMPLOS

Praça temporária desenvolvida no terreno remanescente da linha 01 do metrô, localizado na rua interseção entre a rua Alzira Brandão e a Avenida Heitor Beltrão.
Área de aproximadamente: 350m²

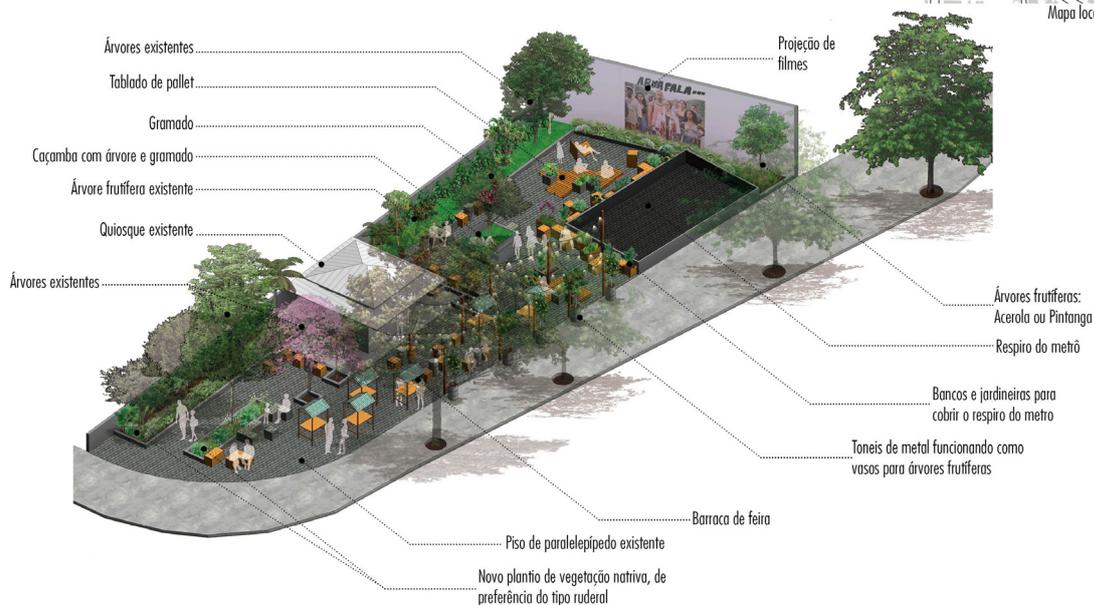


Figura 128 - Perspectiva do projeto da praça M. Desenvolvido pela autora

O terceiro projeto foi desenvolvido no ano de 2019 na disciplina de oficina de projeto 2 (OP2) no programa do curso de mestrado profissional em Arquitetura Paisagística do Prourb/FAU da UFRJ. Na época foi feita uma pesquisa sobre a escola municipal Francisco Cabrita localizada próxima ao terreno de intervenção. A proposta do projeto era integrar o bairro à escola usando o terreno como ponto de conexão entre eles. O uso do terreno como praça temporária poderia beneficiar a vizinhança e também os alunos e funcionários da escola. A proposta procurou implementar grandes espaços de convivência e de atividades como plantio, projeções de filmes e apresentações culturais para criar um espaço de aprendizado e interação.

Para convidar os pedestres a entrar no ambiente, no projeto original (OP2) foi feita uma modificação da saída de respiro do metrô, localizando-as nas laterais do terreno, porém, pensando em diminuir custos e embargos de projeto, a saída de respiro foi mantida onde ela está originalmente, apenas recomendando a implantação de vegetação nativa nas jardineiras existentes, pois esse tipo de vegetação requer menos manutenção e são mais fáceis de se achar no mercado.

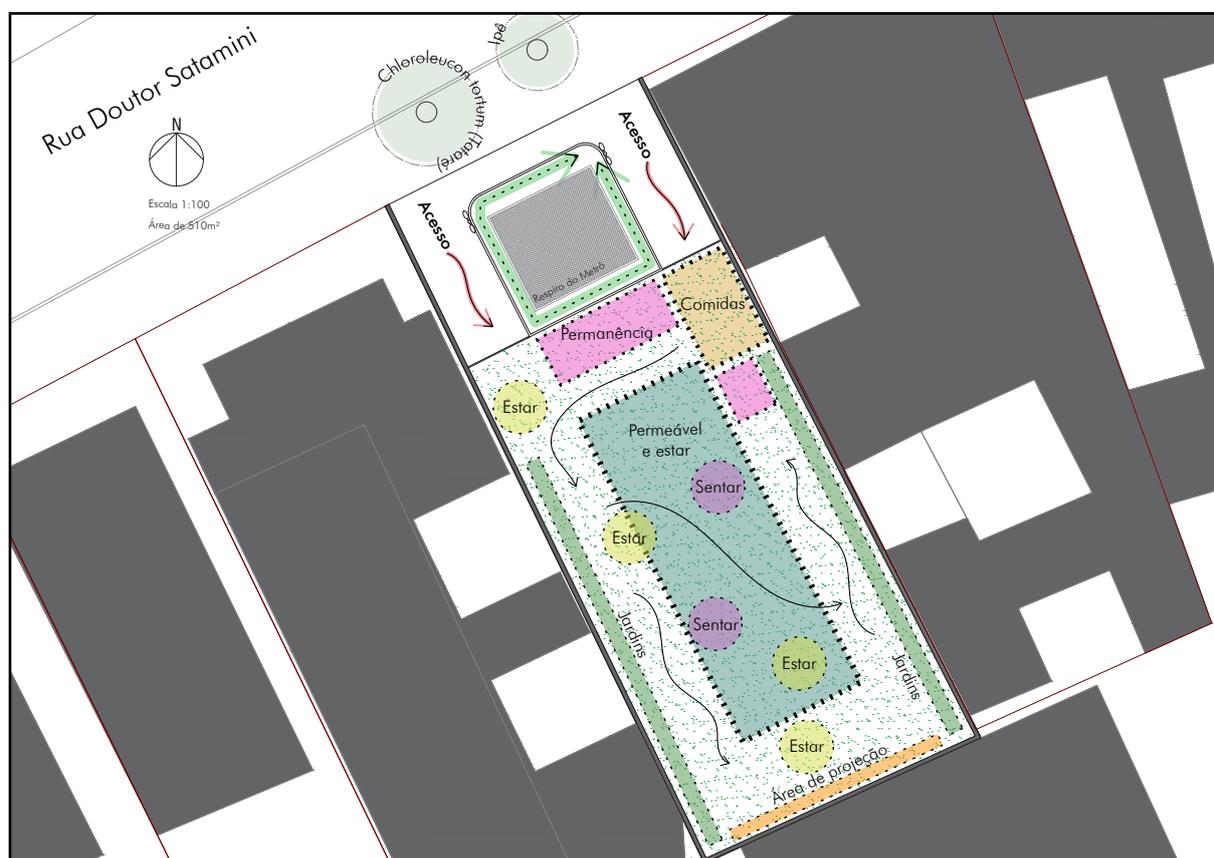


Figura 129 - Croqui do projeto da praça "G"



Figura 130 - Imagem atual do terreno G. Fonte: Acervo pessoal



Figura 131 - Imagem atual do terreno G. Fonte: Acervo pessoal



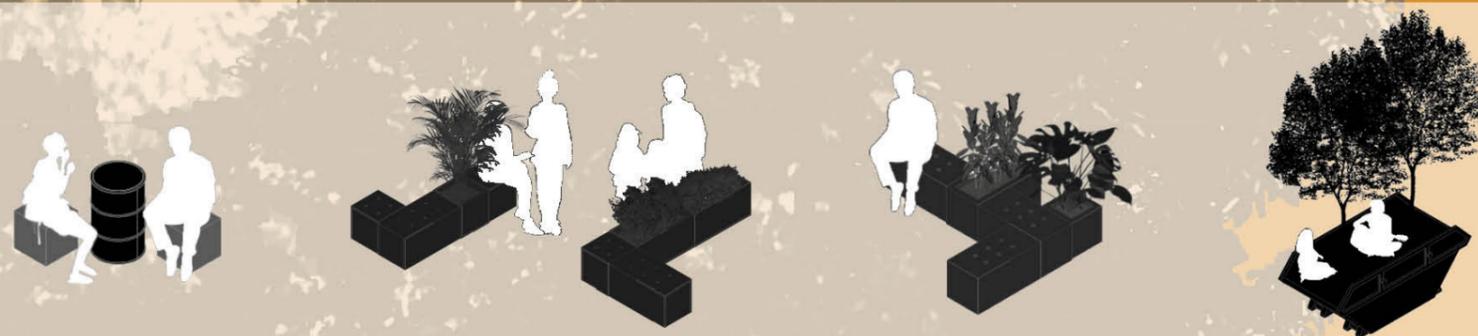
Figura 132 - Imagem atual do terreno G. Fonte: Acervo pessoal



Figura 133 - Imagem atual do terreno G. Fonte: Acervo pessoal

CAIXA DE FERRAMENTAS

- Um guia com indicações de materiais e mobiliário para criação de praças temporárias em vazios urbanos



Fernanda Schwarc Mary
Dissertação de Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística
Proub/FAU - UFRJ
Orientadora: Adriana Sansão Fontes

INTRODUÇÃO

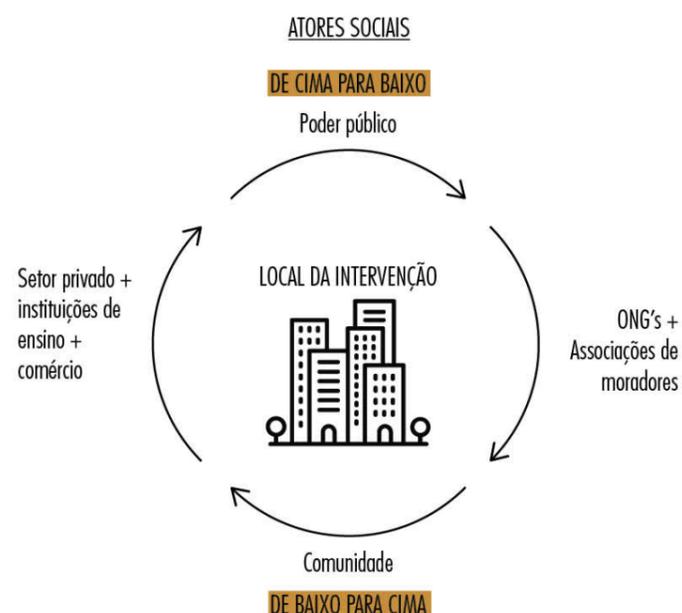
• PARA QUÊ?

Esse guia foi desenvolvido para ser usado como uma “caixa de ferramentas” auxiliando qualquer pessoa que queira intervir em vazios urbanos de maneira prática e rápida. O guia indica alguns tipos de desenhos de mobiliário que podem facilmente ser montados e personalizados através da participação coletiva dos cidadãos. Através de desenhos simples, é possível estabelecer múltiplos usos para alguns dos móveis desenvolvidos, como veremos mais a frente. No âmbito da sustentabilidade, o guia indica alguns materiais que podem facilmente ser reaproveitados, como toneis e tambores metálicos antigos, caçambas de entulhos entre outros. A intenção do guia é ser um “pontapé” inicial nas ações coletivas e participativas de intervenções urbanas de caráter temporário.

• URBANISMO TÁTICO

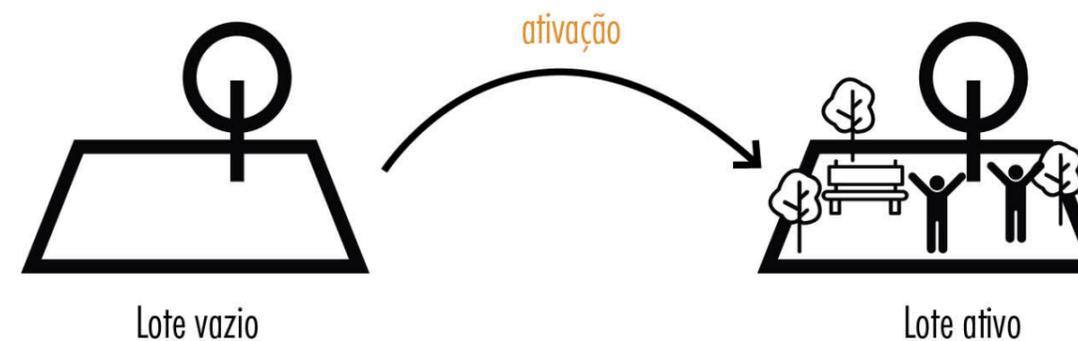
O termo se refere à abordagem de ativação de espaços públicos usando intervenções rápidas e de baixo custo para transformar o local. As intervenções buscam criar melhorias na qualidade do espaço físico e na qualidade de vida da vizinhança.

As ações táticas podem ser iniciadas de “baixo para cima”, ou de “cima para baixo”. O importante é agir de maneira criativa e dinâmica no espaço urbano, devolvendo o poder de escolha e definição do espaço para os principais usuários.



• VAZIOS URBANOS

Os terrenos vazios são um problema recorrente nas cidades contemporâneas. Muitos vazios e remanescentes de lotes estão inseridos na malha urbana e não são utilizados de nenhuma maneira pela população. São espaços subutilizados que poderiam funcionar como local lazer para a população.



• Para quem?

- Estudantes de arquitetura e urbanismo e outras áreas;
- Vizinhança da área de intervenção;
- Associações de moradores;
- Administração pública;
- Subprefeituras;
- Comerciantes locais;
- Setor público e privado em geral.

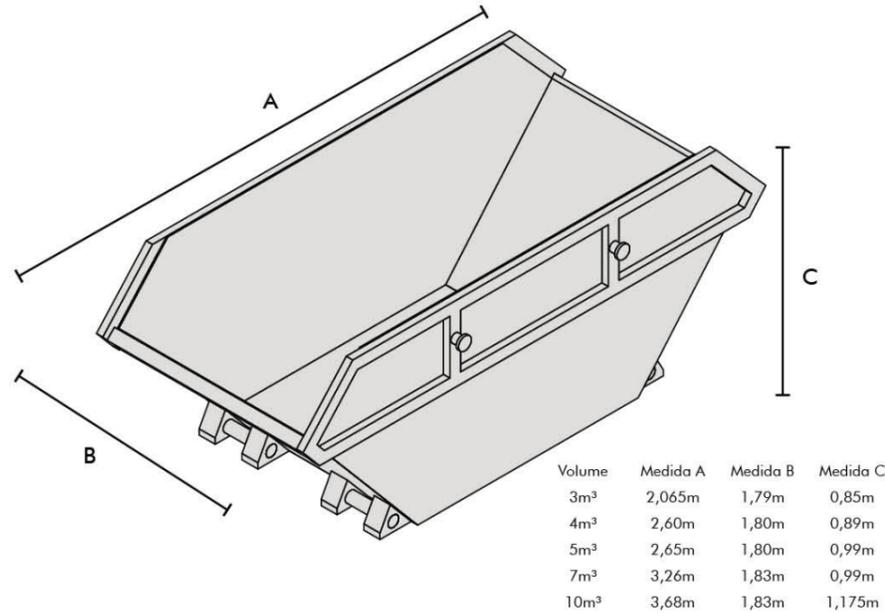
• Não há limitações, todos que querem mudar o ambiente urbano no qual vivem podem se beneficiar dessa caixa de ferramentas que servirá como um passo inicial para a transformação de ambientes subutilizados em espaços agradáveis e atrativos para o uso cotidiano.

MOBILIÁRIO

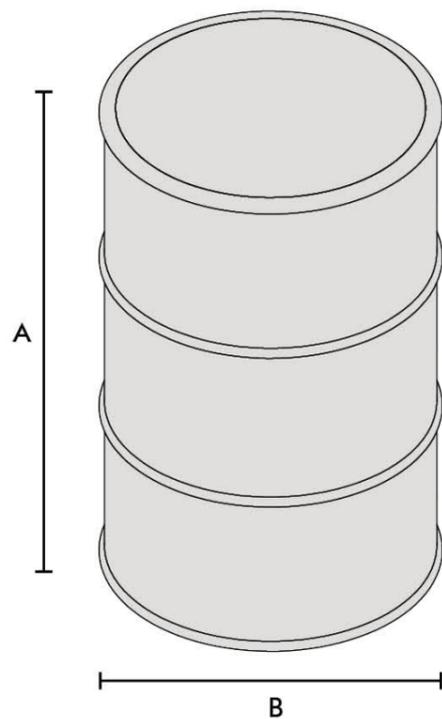
• CANTEIRO E JARDINEIRA

Aqui encontramos tipos de materiais para criação de vasos e tipos de plantas que podem ser usadas na composição de mobiliário urbano.

• Informações técnicas



OBS: Caçamba com medidas indicadas pela NBR 14728



Volume	A	B
50L	59cm	37cm
60L	69cm	38cm
100L	74cm	45cm
200L	90cm	59cm

• Sugestão:

- Caçamba com árvores



• Sugestão:

- Tambor de lixo com arbustos e pequenas árvores



• Exemplos:



• Dicas:

1. Caçambas de entulho podem ser usadas como grandes jardineiras que comportam espécies de árvores de pequeno a médio porte;
2. Idealmente podem ser usadas árvores frutíferas nativas como Acerola, Pitanga, Jabuticabeira, Goiabeira entre outras. Elas atraem pássaros e criam diversidade ambiental aos espaços urbanos;
3. Pode-se criar também um espaço gramado para descanso e lazer no interior da caçamba como mostra a ilustração;
4. Atenção para a incidência solar que deve ser boa para manter a árvore e a forração de grama;
5. Decoração com pinturas é uma forma de personalizar o ambiente.

• Dicas:

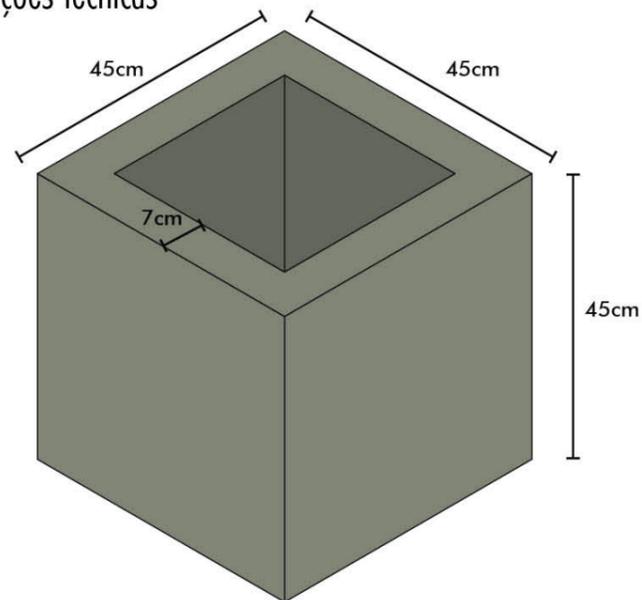
1. Tambor metálico de lixo ou de transporte de líquidos pode ser usado como vaso para plantar espécies arbustos e pequenas árvores;
2. Fazer sempre no fundo do tambor uma camada de drenagem para o escoamento da água de regas;
3. Podem ser usados para criação de hortas de temperos: pimentas, hortelã, manjeriço, orégano, alecrim, tomilho entre outros;
4. Pode-se plantar herbáceas com pequenas flores como Lantanas, margaridas, ou plantas com folhagens mais lineares como dracenas, palmeira-ráfia ou pau-d'água; Também pode-se plantar pequenas árvores como limoeiros, laranjeiras entre outras;
5. A pintura dos tambores cria um ambiente mais atrativo para os usuários;
6. É possível colocar rodízios no fundo do tambor para facilitar o deslocamento do mobiliário.

MOBILIÁRIO

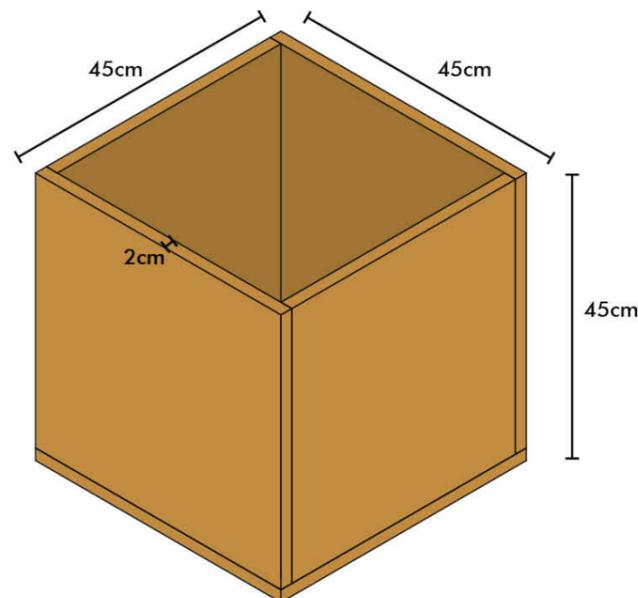
• VASO "P"

Aqui encontramos tipos de materiais para criação de vasos e tipos de plantas que podem ser usadas na composição de mobiliário urbano.

• Informações técnicas



Vaso em concreto feito com molde de mdf ou compensado



Vaso em placas de compensado, ideal que seja o naval por resistir à umidade

• Sugestão:

- Vasos de concreto com plantas



• Sugestão:

- Vasos de compensado com plantas



• Exemplos:



• Dicas:

1. Os vasos de concreto podem comportar espécies de plantas herbáceas de pequeno a médio porte;
 2. Podem ser usadas plantas como Dracena vermelha, Pleomele, Areca bambu e Philodendrons. Elas atraem pássaros e insetos e criam diversidade ambiental aos espaços urbanos;
 3. Os vasos de concreto devem ter furos* no fundo para a colocação de material que drene água das regas;
 4. Decoração com pinturas é uma forma de personalizar o ambiente;
- * O desenho do mobiliário de concreto prevê furos para drenagem.

• Dicas:

1. Os vasos de compensado podem comportar espécies de plantas herbáceas de pequeno a médio porte;
 2. Podem ser usadas plantas como Camarão-violeta, Filodendro-xanadu e Lírio-da-paz. Elas atraem pássaros e insetos e criam diversidade ambiental aos espaços urbanos;
 3. Os vasos de compensado devem ter furos* no fundo para a colocação de material que drene água das regas;
 4. Pode-se usar os vasos como cachepots: usar um vaso plástico por dentro para proteger o mobiliário em compensado;
 5. Decoração com pinturas é uma forma de personalizar o ambiente;
- * O desenho do mobiliário de compensado prevê furos para drenagem.

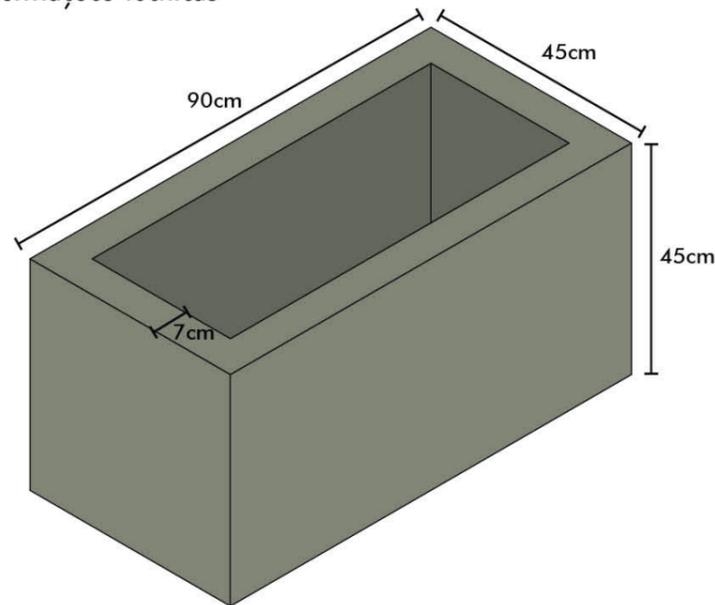
OBS: Atenção para a incidência solar que deve ser boa para manter as plantas saudáveis.

MOBILIÁRIO

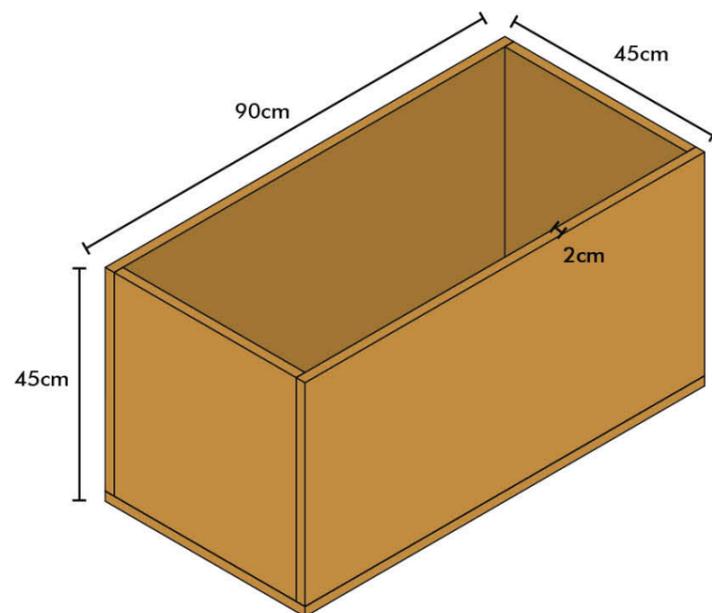
• VASO "G"

Aqui encontramos tipos de materiais para criação de vasos e tipos de plantas que podem ser usadas na composição de mobiliário urbano.

• Informações técnicas



Vaso em concreto feito com molde de mdf ou compensado



Vaso em placas de compensado, ideal que seja o naval por resistir à umidade

• Sugestão:

- Vasos de concreto com plantas



• Sugestão:

- Vasos de compensado com plantas



• Exemplos:



• Dicas:

1. Os vasos de concreto podem comportar espécies de plantas herbáceas de pequeno a médio porte;
2. Podem ser usadas plantas como Samambaias, filodendro-glorioso, Areca-bambu e Cróton. Elas atraem pássaros e insetos e criam diversidade ambiental aos espaços urbanos;
3. Os vasos de concreto devem ter furos* no fundo para a colocação de material que drene água das regas;
4. Decoração com pinturas é uma forma de personalizar o ambiente;
5. É possível colocar rodízios no fundo do tambor para facilitar o deslocamento do mobiliário

• Dicas:

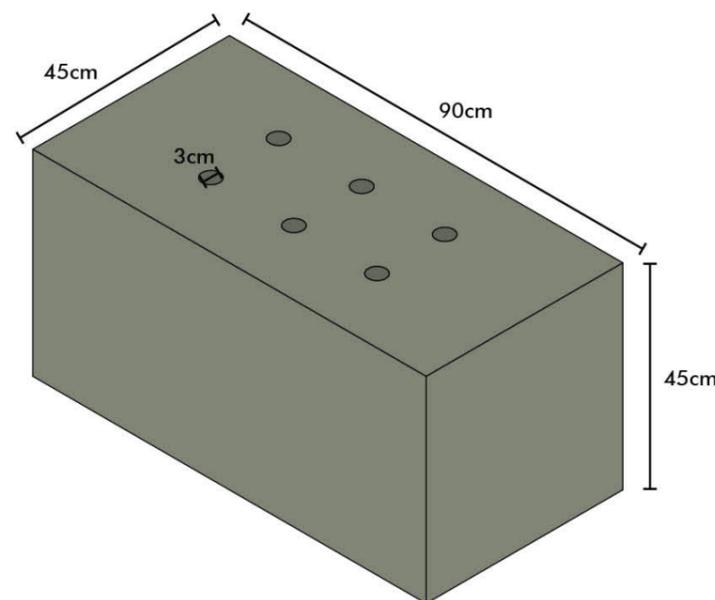
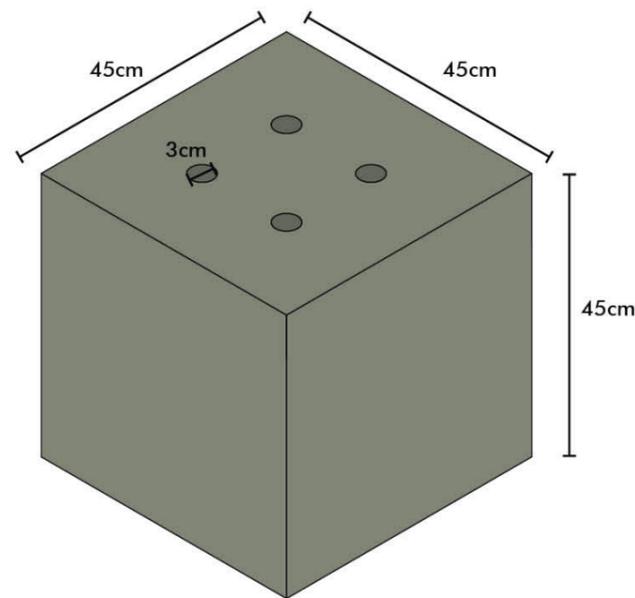
1. Os vasos de compensado podem comportar espécies de plantas herbáceas de pequeno a médio porte;
 2. Podem ser usados diversos temperos para criar uma experiência sensorial com os frequentadores locais. Esse tipo de uso ajuda a criar uma dinâmica de manutenção no espaço pois atrai tanto crianças quanto adultos para a atividade de plantio;
 3. Os vasos de compensado devem ter furos* no fundo para a colocação de material que drene água das regas;
 4. Pode-se usar os vasos como *cachepots*: usar um vaso plástico por dentro para proteger o mobiliário em compensado;
 5. Decoração com pinturas é uma forma de personalizar o ambiente;.*
O desenho do mobiliário de compensado prevê furos para drenagem;
- OBS: Atenção para a incidência solar que deve ser boa para manter as plantas saudáveis.

MOBILIÁRIO

BANCOS EM CONCRETO

Aqui encontramos tipos de materiais para criação de mobiliário urbano para composição de ambientes temporários.

- Informações técnicas: Banco "P" e "G"



Bancos em concreto feito com molde de mdf ou compensado

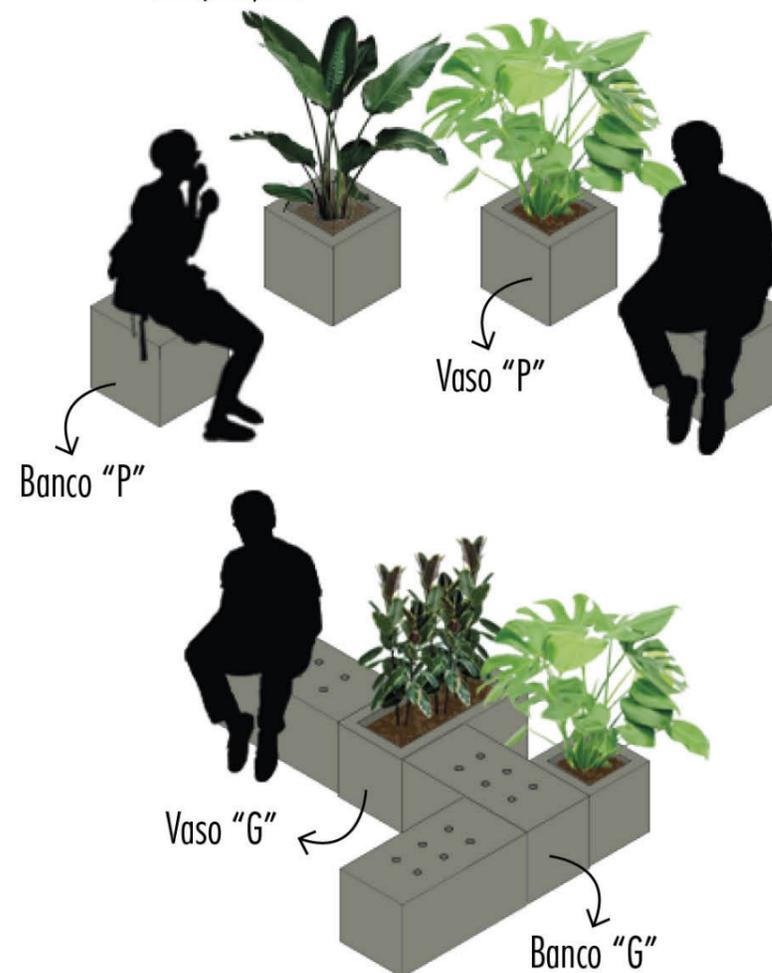
Sugestão:

- Tambor como mesa e bancos de concreto:



Sugestão:

- Bancos de concreto também podem ser usados como vasos em várias composições:



Dicas:

1. Tambor metálico de lixo ou transporte de líquido pode ser usado como mesa criando um conjunto com os bancos de concreto;
2. O tambor de 100 litros é ideal para servir de mesa como mostra a imagem ao lado (h=74cm);
3. A pintura dos tambores cria um ambiente mais atrativo para os usuários. Importante criar oficinas e eventos para essas atividades;
4. Pode-se colocar em cima do tambor um tampo em compensado naval para aumentar a área superficial.

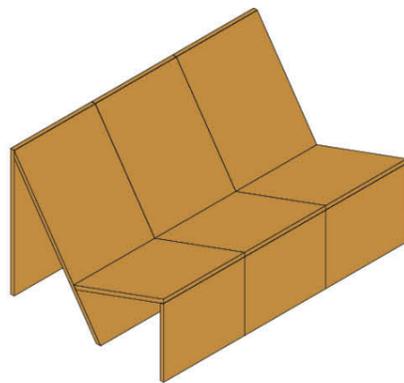
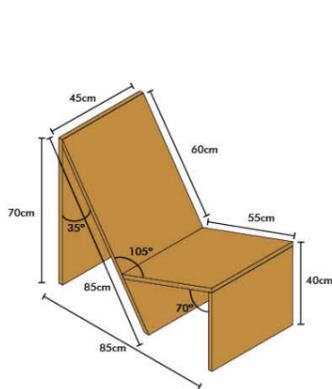
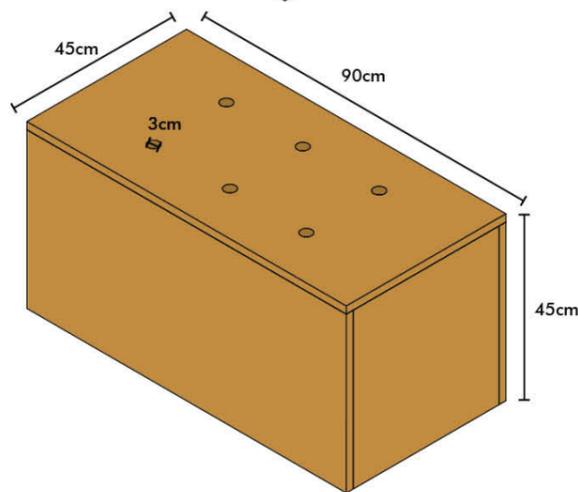
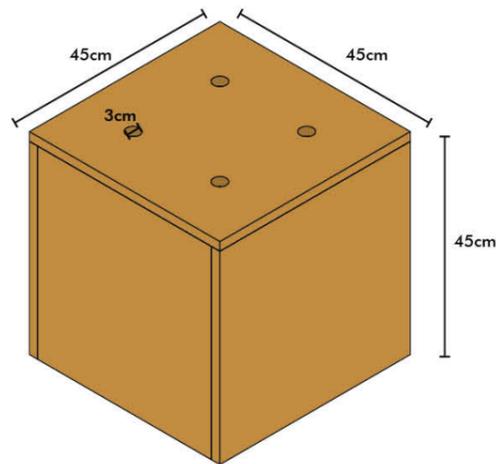
Dicas:

1. O desenho do banco de concreto é o mesmo desenho do vaso. É um mobiliário pensado para o uso múltiplo, permitindo a livre escolha de uso;
2. Os bancos de concreto podem criar ambientes variados em composição com os vasos;
3. A pintura do mobiliário de concreto cria um ambiente mais atrativo para os usuários. Importante criar oficinas e eventos para essas atividades;
4. Existem dois tamanhos dos bancos/vasos: P e G; A diversidade de tamanho ajuda a criar um ambiente mais dinâmico e interativo;
5. É possível instalar rodízios nas peças para facilitar a locomoção e as diversas possibilidades de organização do mobiliário.

MOBILIÁRIO

Aqui encontramos tipos de materiais para criação de mobiliário urbano para composição de ambientes temporários.

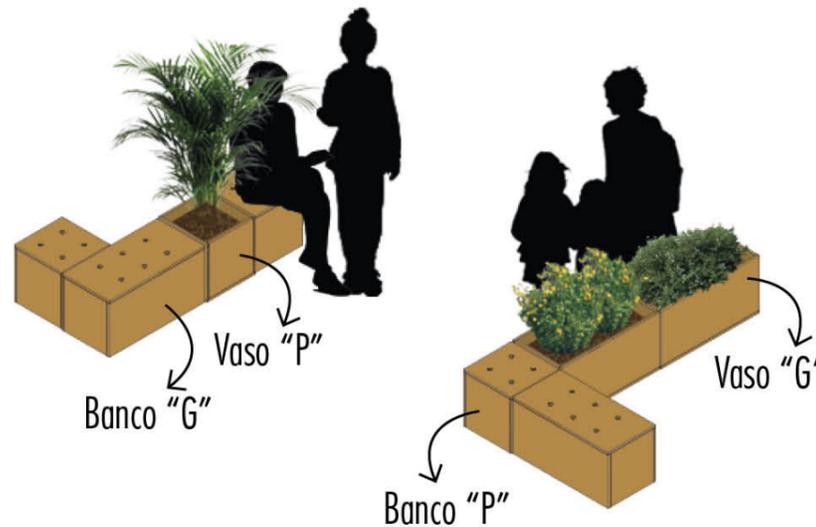
- Informações técnicas: Banco "P" e "G"



Bancos em feitos com placa de compensado naval 20mm;

Sugestão:

- Bancos "P" e "G" em conjunto com os vasos, todos em compensado



Sugestão:

- Vasos de compensado em conjunto com espreguiçadeira, também em compensado.



Dicas:

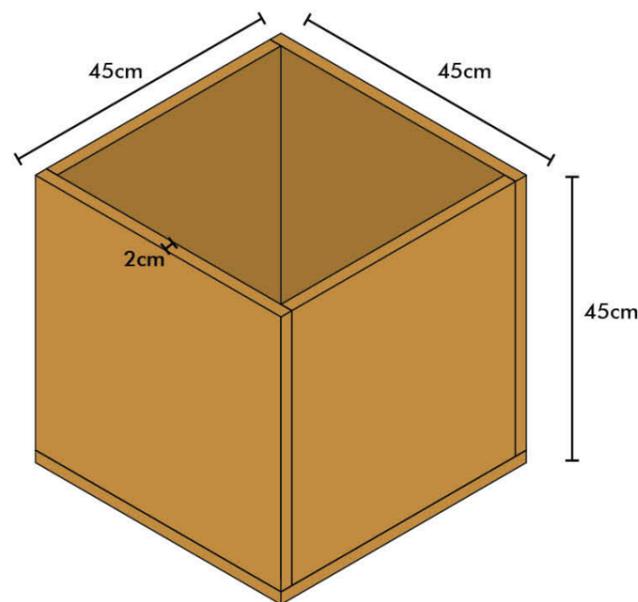
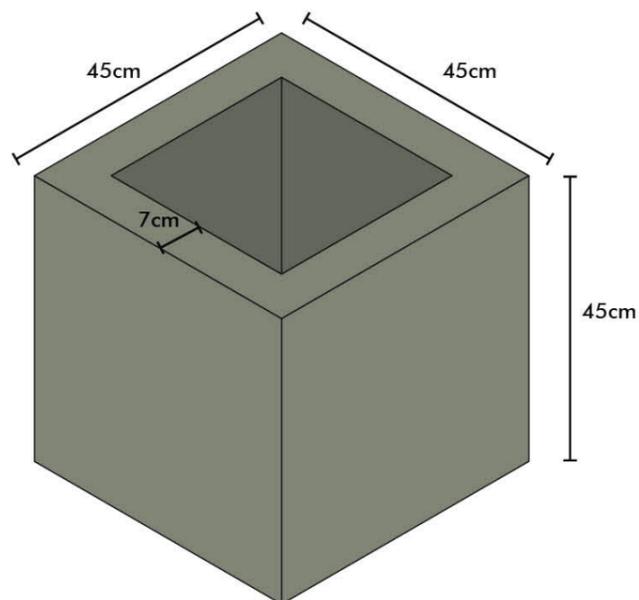
1. O desenho do banco de compensado naval é o mesmo desenho do vaso. É um móvel pensado para o uso múltiplo, permitindo a livre escolha de uso;
2. Os bancos podem criar ambientes variados em composição com os vasos;
3. A pintura do mobiliário de compensado cria um ambiente mais atraente para os usuários. Importante criar oficinas e eventos para essas atividades;
4. Existem dois tamanhos dos bancos/vasos: P e G; A diversidade de tamanho ajuda a criar um ambiente mais dinâmico e interativo;
5. É possível instalar rodízios nas peças para facilitar a locomoção e as diversas possibilidades de organização do mobiliário

Dicas:

1. A espreguiçadeira foi criada com um desenho muito simples para que a execução possa ser feita por qualquer um; Recomenda-se a fixação das peças com cola para compensado e pregos para reforço;
2. Colocar as espreguiçadeiras lado a lado para formar um grande banco;
3. A pintura do mobiliário de compensado cria um ambiente mais atraente para os usuários. Importante criar oficinas e eventos para essas atividades.

ESPÉCIES

Aqui encontramos sugestões de espécies de plantas que podem ser plantadas nos vasos.



Sugestão:

• Vasos "P"



- Nome: *Cordyline fruticosa* (Dracena Vermelha);
- Tipo: Arbusto;
- Origem: Asiática;
- Luz: Meia sombra, sol pleno
- Tamanho: 0,90 a 3,00m



- Nome: *Dypsis lutescens* (Areca-bambu);
- Tipo: Palmeira;
- Origem: África;
- Luz: Meia sombra, sol pleno
- Tamanho: até 3,00m



- Nome: *Musa ornata* (Bananeira Ornamental);
- Tipo: Arbusto, palmeira;
- Origem: Tropical;
- Luz: Sol pleno
- Tamanho: até 3,00m



- Nome: *Monstera deliciosa* (Costela-de-adão);
- Tipo: Trepadeira;
- Origem: Tropical;
- Luz: Meia sombra
- Tamanho: até 12,00m

Sugestão:

• Vasos "P"



- Nome: *Curcuma alismatifolia* (Cúrcuma da conchinchina)
- Tipo: Bulbosa, flores perenes;
- Origem: Asiática;
- Luz: Meia sombra
- Tamanho: 0,40 a 0,90m



- Nome: *Neomarica caerulea* (Lírio-roxo-das-pedras)
- Tipo: Bulbosa, flores perenes;
- Origem: América do Sul;
- Luz: Sol pleno
- Tamanho: 0,60 a 0,90m



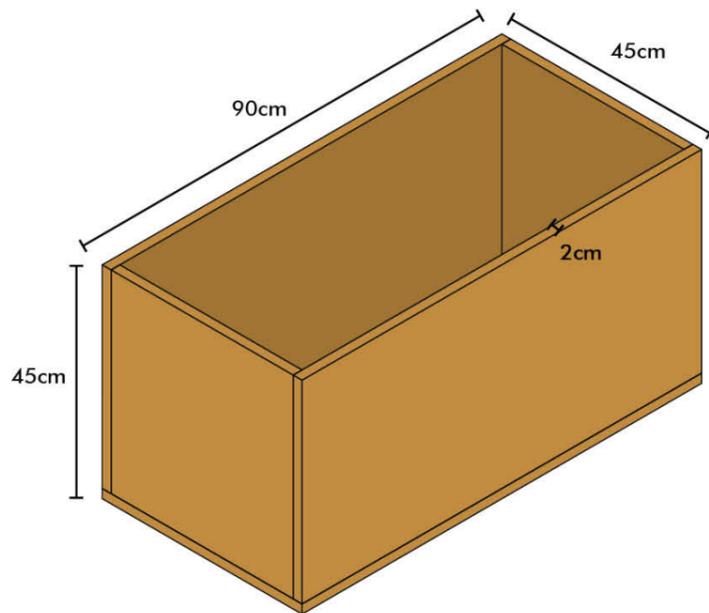
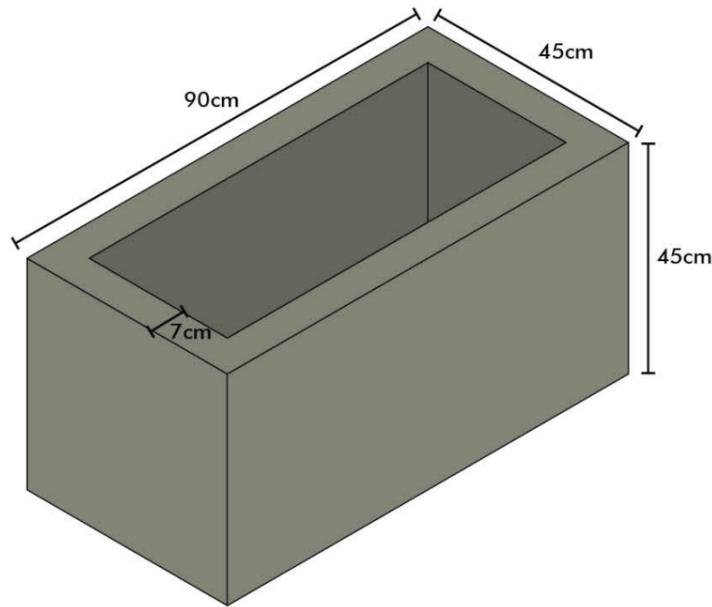
- Nome: *Philodendron xanadu* (Xanadu);
- Tipo: Subarbusto;
- Origem: Brasil;
- Luz: Meia sombra, sol pleno
- Tamanho: 0,40 a 0,80m



- Nome: *Spathiphyllum cannifolium* (Lírio-da-paz)
- Tipo: Herbácea, entouceirada;
- Origem: América do Sul;
- Luz: Meia sombra
- Tamanho: 0,60 a 0,90m

ESPÉCIES

Aqui encontramos sugestões de espécies de plantas que podem ser plantadas nos vasos.



Sugestão:

- Vasos "G"



- Nome: *Heliconia acuminata* (helicônia)
- Tipo: Herbácea, entouceirada;
- Origem: América do Sul;
- Luz: Meia sombra;
- Tamanho: 0,80 a 1,50m



- Nome: *Lytocaryum weddellianum* (Palmeira de petrópolis);
- Tipo: Palmeira;
- Origem: África;
- Luz: Meia sombra;
- Tamanho: 1,00 a 2,50m



- Nome: *Codiaeum variegatum* (Cróton);
- Tipo: Arbusto semi lenhoso;
- Origem: Ásia;
- Luz: Sol pleno;
- Tamanho: 2,00 a 3,00m



- Nome: *Dracaena fragrans* (Pau-d'água);
- Tipo: Arbusto;
- Origem: África;
- Luz: Sol pleno e Meia sombra;
- Tamanho: 3,00 a 6,00m

Sugestão para horta:

- Vasos "G"



- Nome: Cebolinha;
- Tipo: Tempero;
- Luz: Sol pleno;
- Plantar em Março (Outono);
- 4 a 5 mudas por vaso;
- Tempo: 10 a 14 semanas



- Nome: Alecrim;
- Tipo: Tempero;
- Luz: Sol pleno;
- Plantar em qualquer época;
- 4 a 5 mudas por vaso;
- Tempo: Todo ano



- Nome: Orégano;
- Tipo: Tempero;
- Luz: Sol pleno;
- Plantar em qualquer época;
- 4 a 5 mudas por vaso;
- Tempo: Todo ano



- Nome: Manjeriço;
- Tipo: Tempero;
- Luz: Sol pleno;
- Plantar no verão;
- 4 a 5 mudas por vaso;
- Tempo: 6 a 8 semanas

Obs: Pode-se plantar também hortelã, camomila, alfavaca, tomilho, capuchinha entre outros;

MATERIAL EM GERAL

Aqui encontramos tipos de materiais para criação do espaço de intervenção. Esses materiais são fáceis de encontrar em qualquer loja de bairro.

1. Pincéis: rolo, trincha ou pincel para pinturas de piso, mobiliário e paredes. Podem ser sintéticos ou de fibras naturais.



Rolo: Para pisos e paredes



Trincha e pincel: para mobiliário

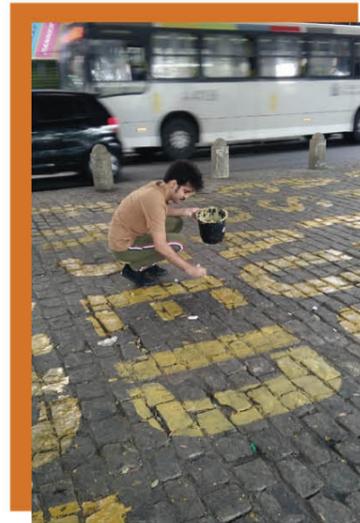


Imagem da intervenção: "A rua fala" (Rio de Janeiro, 2018) - Disciplina OP2 do Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística, FAU/UFRJ e LabIT-PROURB.

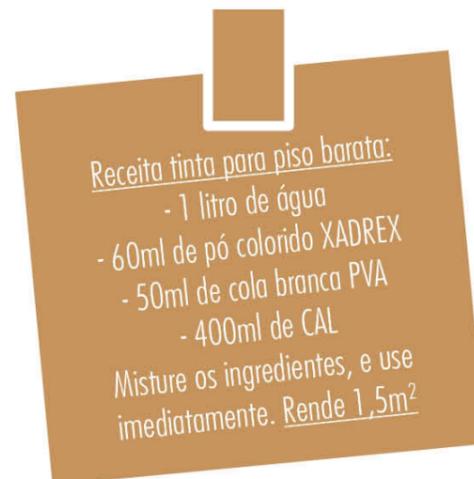
2. Tintas: para pinturas de piso, mobiliários e paredes. Podem ser tintas prontas (mais caro e permanente), ou tintas caseiras com cal e pigmentos (temporárias).



Tinta acrílica ou epóxi: para mobiliário, pisos ou paredes



Tinta spray: Pisos ou paredes



3. Fita métrica: ajuda na medição do espaço, na medição da demarcação de pinturas e posição de mobiliário urbano.

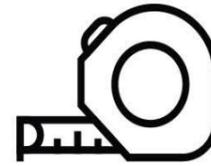


Imagem: Teste da intervenção "Cadê a calçada, General?" LabIT-Prourb



4. Cone de trânsito: organização do espaço, delimitação do espaço de atuação etc.

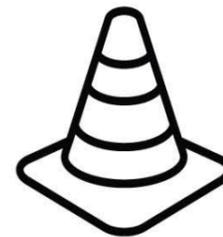


Imagem: Rio+Pedestre (LabIT, ITDP e Prefeitura do Rio de Janeiro)

5. Fita adesiva e fita crepe: demarcação das pinturas (min 32mm). É usada para delimitações das áreas de pintura e auxiliar nas demarcações dos espaços.

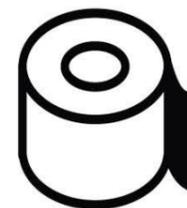


Imagem: Rio+Pedestre (LabIT, ITDP e Prefeitura do Rio de Janeiro)



6. Pá: para o plantio das plantas e movimentação de terra.



Imagem: Canteiro verde, cidade viva. Belém, Pará

MOBILIÁRIO GERAL

Abaixo estão exemplificados alguns tipos de mobiliário urbano normalmente usados que são importantes para a composição de uma praça temporária:

1. Iluminação: opção de “gambiarra” para iluminar o local, permitindo o uso noturno do espaço.

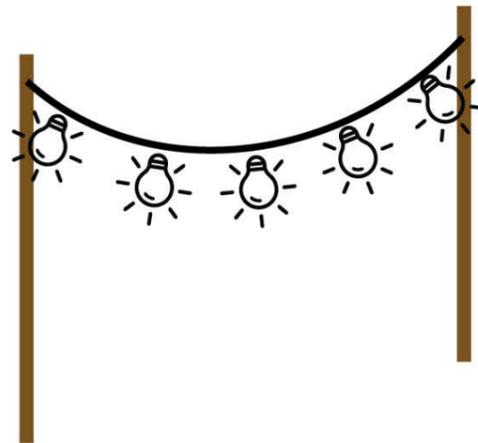


Imagem: Restaurante em casa antiga vazia MazelTov -81Font. Studio Arkitekter



2. Limpeza: lixeiras separadas para coleta seletiva para incentivar a reciclagem de lixo ou até mesmo compostagem.



Imagem: Container com coleta seletiva, IED, RJ. Empresa: Casa com Pallet.

3. Pallets: Uso de “pallets” como mobiliário, como arquibancadas ou até mesmo para criação de canteiros no piso e paredes verdes.

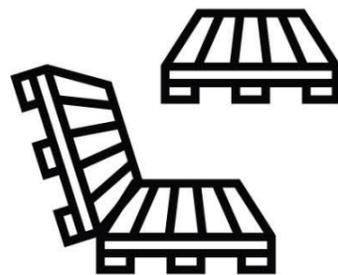


Imagem: “Esto no es un Solar”. Zaragoza, Espanha



ATIVIDADES PARA ATIVAÇÃO

O planejamento e previsão de atividades é muito importante para manter o local atrativo com múltiplos usos mais seguro com a presença da vizinhança, e mais ativos com usos em diferentes horários do dia. As atividades também são incentivos à interação entre os moradores da região.

1. Comida: barracas de comida (pastel, cachorro-quente, água de coco), carros tipo “food truck”, ambulantes itinerantes entre outros. Todas essas são atividades que atraem pessoas para usar o local.



Imagem: Plaza de bolsillo Morandé 83. Santiago, Chile



2. Feira livre: feiras de comida, artesanato, roupas, objetos etc também são atrativos para o espaço. Deixar locais específicos para que esse tipo de comércio se estabeleça.

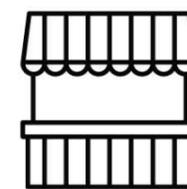


Imagem: Plaza de Bolsillo Teatinos con Santo Domingo. Santiago, Chile

3. Projeções: cinema ao ar livre, apresentações de imagens com música entre outros, chamam atenção dos pedestres e convidam para usar o local.



Imagem: projeção de filme em empena. Cine Minhocão. São Paulo



ATIVIDADES PARA ATIVAÇÃO

4. Eventos culturais: peças de teatro, encontros musicais, rodas de poesia são alguns exemplos de atividades que podem acontecer no espaço das praças. Essas atividades criam interesse das pessoas pelo local além de um espaço sociável para a população.



Imagem: pocket park no East Village, San Diego, Califórnia, EUA



5. Arte urbana: Grafite, murais pintados, esculturas entre outros podem ajudar a criar um ambiente muito atrativo. Transformar o ato em um evento ajuda na divulgação e na ressignificação do espaço.



Imagem: Plaza de Bolsillo Teatinos con Santo Domingo, Santiago, Chile

6. Esportes e brincadeiras: jogos e esportes são bem vindos. É possível criar com o mobiliário e pinturas no chão áreas para brincadeiras tanto para crianças pequenas quanto para as maiores e alguns esportes que não exijam muitos equipamentos.



Pintura no chão para criar brincadeiras



Conclusão:

A caixa de ferramentas é um material para ser usado por toda e qualquer pessoa se preocupa com o ambiente urbano e que queira transformar o espaço onde vive em um lugar melhor. As ferramentas servem de base para a atuação e experimentações nos espaços disponíveis. Futuramente, os ensaios de praças podem se tornar espaços permanentes permanentes de trocas sociais, lazer, arte e cultura nos bairros onde estão inseridas.

É importante entender que a caixa de ferramentas sozinha não é capaz de transformar um terreno vazio em um espaço público de qualidade. A vontade de mudar deve partir das pessoas que convivem diariamente com o local. Quanto mais gente se envolver com a produção do lugar, melhor. A união entre moradores, comerciantes, entidades públicas, educacionais, Ongs entre outros é muito importante para conseguir transformar o espaço urbano subutilizado em espaço público de qualidade.

É importante procurar contato com subprefeituras e administrações públicas locais para entender as questões legais do local escolhido para a criação da praça temporária. Quanto mais pessoas e instâncias engajadas para melhorar as cidades, melhor. O diálogo aberto sempre será o melhor caminho para solucionar os problemas da vida em sociedade. Junto do diálogo, o processo da participação deve fazer parte das tomadas de decisões que interferem na vida coletiva, por isso, a realização de oficinas, reuniões e atividades coletivas com relação à produção do espaço serão sempre bem vindas e essenciais para expor as necessidades de cada pessoa envolvida no processo.

O papel do arquiteto urbanista e do arquiteto paisagista é dar assessoria e aporte técnico para as pessoas engajadas em transformar o espaço urbano, auxiliando na organização do espaço e detalhes técnicos construtivos. A caixa de ferramentas é o material que servirá de base para a ativação de terrenos vazios e para a criação de espaços coletivos de qualidade .

EXEMPLOS

Praça temporária desenvolvida no terreno remanescente da linha 01 do metrô, localizado na rua interseção entre a rua Alzira Brandão e a Avenida Heitor Beltrão.

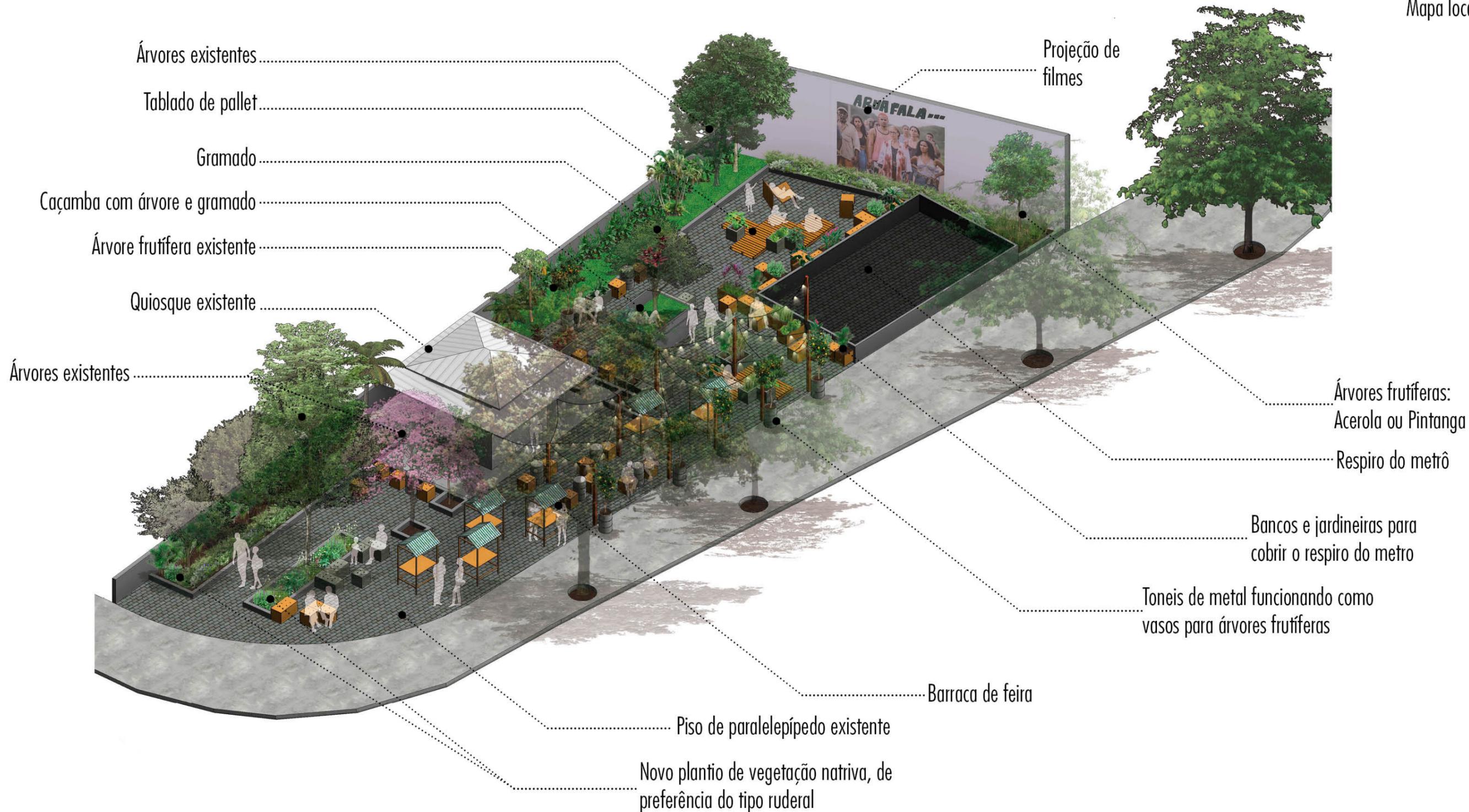
Área de aproximadamente: 180m²



EXEMPLOS

Praça temporária desenvolvida no terreno remanescente da linha 01 do metrô, localizado na rua interseção entre a rua Alzira Brandão e a Avenida Heitor Beltrão.

Área de aproximadamente: 350m²



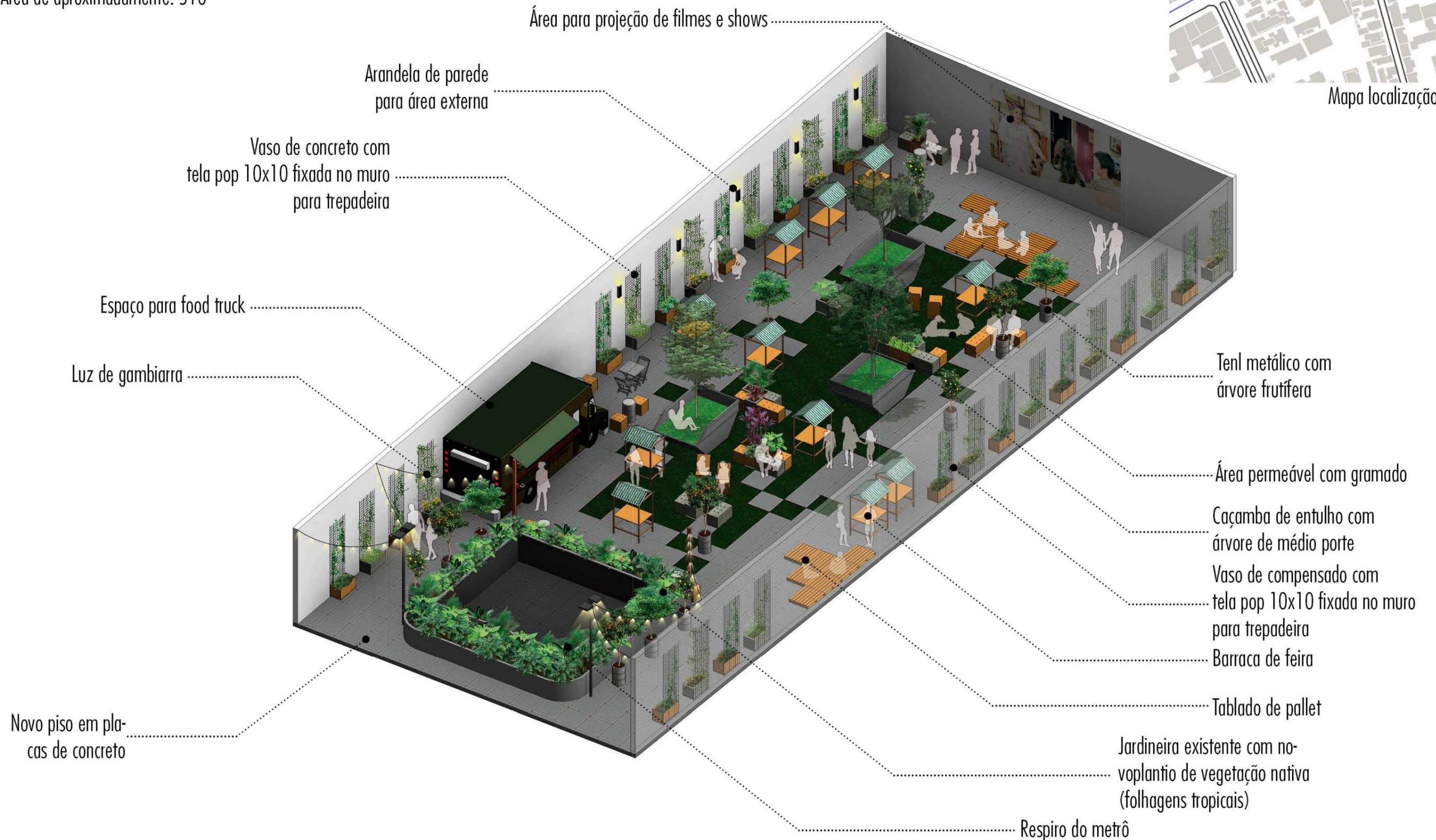
EXEMPLOS

Praça temporária desenvolvida no terreno remanescente da linha 01 do metrô, localizado na rua Doutor Satamini

Área de aproximadamente: 510²



Mapa localização



Conclusão e considerações finais

A dissertação “Lotes Ativos - Praças temporárias em terrenos vazios no Rio de Janeiro: um ensaio nos vazios da Tijuca” nasceu de uma inquietação sobre os vazios dispersos pela cidade. Esses resquícios de espaços distribuídos na malha urbana, vazios, abandonados, sem nenhuma atividade sempre atraíram meu olhar e pensamento para as diversas possibilidades e potenciais de usos. Esses espaços vazios sempre foram para mim como um papel em branco, cheios de potencial para serem locais de vida cotidiana, de interação entre as pessoas, entre a cidade e os seus habitantes.

A praça como espaço de convívio e integração exerce no presente trabalho seu papel de forma temporária transformando espaço antes sem função em espaços de convívio com novos usos, multiplicando as possibilidades de aproveitamento da propriedade urbana e suprindo algumas necessidades coletivas da população. O uso temporário desses espaços possibilita testes e análises do espaço consumindo menos recursos financeiros que obras permanentes geralmente desenvolvidos com projetos genéricos e impessoais. Com esses testes é possível posteriormente realizar investigações de uso do espaço para possíveis implantações permanentes de espaços públicos de lazer.

O projeto buscou através da implantação de mobiliário e melhorias pontuais a transformação de terrenos vazios e subutilizados em locais de lazer e bem estar social. O objetivo do trabalho é incentivar através de ferramentas de arquitetura, urbanismo e paisagismo atividades e o uso desses vazios, promovendo e interagindo entre cidade e pessoas. O uso temporário pode ativar esse locais e demonstrar que é possível com algumas ferramentas e vontade de mudar, transformar um terreno vazio em espaço público.

Através do urbanismo tático como metodologia de atuação foram criadas ferramentas que buscam ajudar na produção “informal” do espaço urbano, facilitando e auxiliando a população a ser protagonista na criação de locais que acolhem, conversam e pertencem aos seus usuários. A produção do espaço urbano em conjunto com a população é caminho para se produzir cidades melhores.

A possibilidade de incentivo para esse novo formato de uso de espaços ociosos deveria ser discutida com a administração pública, levando para o debate as vantagens que se têm ao permitir que a população use o espaço disponível para atividades de lazer e de bem estar. O incentivo do uso do espaço urbano levanta as questões do direito à cidade e da função social da propriedade urbana. O bem estar social deveria ser prioridade nas políticas e leis de produção do espaço urbano, e a apropriação e uso dos vazios como espaço público de certa forma desconstrói a lógica dos investimentos e lucros que os atores e produtores imobiliários criaram para as cidades.

A escala de atuação da dissertação é a local. A intervenção pontual em um espaço considerado pequeno pode ser capaz de se relacionar diretamente com a população pois está presente nas atividades cotidianas. É nessa escala perceptível no dia-a-dia das pessoas que o urbanismo tático e a intervenção temporária está inserida, no tangível e factível, no cotidiano das pessoas. É exatamente nesse espaço que existe muita interação entre pessoas e espaço físico, e é nesse local que busquei atuar de forma a criar novas formas de usar a cidade.

A experimentação com praças de caráter temporário permite a conexão e diálogo entre cidade, pessoas e administradores. Essa comunicação é importante para o funcionamento do projeto, por isso todos devem se envolver na produção da cidade através de reuniões, debates e eventos com associações de moradores, comerciantes, empreendedores locais, iniciativa privada e instituições públicas. É muito importante que todos participem e cobrem das instituições ações que buscam gerar melhorias para as nossas cidades.

A caixa de ferramentas é um produto que permite a sua utilização em qualquer espaço ocioso que encontramos pelas cidades. Os ensaios criados no bairro da Tijuca no Rio de Janeiro possuem o papel de exemplificar o uso das ferramentas, e não limita as diversas possibilidades de criação de espaços públicos por qualquer lugar onde há a necessidade de melhorias.

A caixa de ferramentas não exclui a assessoria técnica tão importante que os arquitetos, urbanistas e paisagistas são qualificados para fazer em prol da

sociedade. Ela deve ser usada em conjunto entre sociedade civil, administração pública, instituições de ensino, iniciativa privada e arquitetos, auxiliando a população que queira atuar no espaço de forma simples e eficaz.

Diversos ensaios podem ser elaborados com as ferramentas dadas pela dissertação. Há muitos outros guias que podem ser usados em conjunto para complementar a caixa de ferramentas. As combinações são infinitas, e essa é a característica mais bonita desse produto, ele não limita a atuação e sim expande junto com a criatividade dos usuários.

Infelizmente para a conclusão da dissertação não foi possível realizar o processo participativo que estava planejado para acontecer no início de 2020. A pandemia do Coronavírus impossibilitou o acontecimento de oficinas presenciais de produção dos vazios urbanos com a a colaboração de alunos da escola municipal Francisco Cabrita. A mudança do produto final foi pensada para ser um material de auxílio que pode ser usado em oficinas participativas para que as pessoas junto de arquitetos e administradores locais possam transformar o espaço urbano de acordo com as suas necessidades.

A caixa de ferramentas não é uma solução completa, existem as limitações do uso do produto como a necessidade de interlocução com os proprietários dos terrenos. No caso do presente trabalho a proposta é usar terrenos públicos, mas sempre há dificuldades relacionadas à comunicação e a impedimentos legais de usos desses espaços. No capítulo 2 foi relatada a dificuldade que o LabIT está enfrentando na comunicação com a Rio Trilhos, proprietária de quase todos os terrenos remanescentes das obras da linha 01 do metrô rio, para a implantação do projeto "OCUPA VAZIO".

Existem outros problemas que a caixa não soluciona, como o engajamento da população nas ações de intervenções e melhorias urbanas. Existem diversos métodos de comunicação que podem ser explorados pela população que facilitam as tomadas de iniciativas, no caso do "OCUPA VAZIO" foi possível realizar uma oficina de modo remoto para criação de um processo participativo, mas para isso é necessário que haja movimentação de atores sociais, associações de moradores, universidades entre outros.

Outro problema relevante que envolvem sempre intervenções urbanas são os custos. Os produtos criados para caixa de ferramenta buscam a simplicidade no desenho e na sua fabricação. São soluções de baixo custo, mas ainda sim, o custo existe. Para implantação das ferramentas é importante que sejam exploradas as parcerias com empresas privadas, comércios, serviços entre outros. Um espaço público bonito e agradável com “food truck” por exemplo, é um espaço que atrai muitos clientes. Pode-se pensar em taxas de para a permanência desses pequenos comércios para custear as melhorias das praças temporárias.

Em relação ao tempo de usos dos espaços, esses podem ser estipulados com conversas e acordos com as prefeituras. O mobiliário desenvolvido para a caixa de ferramentas pode facilmente ser transportado e realocado em outros espaços quando encerrada a temporada de uso do terreno em questão. As plantas e árvores podem ser doadas após o uso para praças já existentes, parques urbanos ou para a complementação da arborização urbana, assim como as vegetações menores.

Referências

ABREU, Maurício de A. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 2013.

BARATA, Aline F. M. *Do micro ao macro. Urbanismo Tático para transformação de espaços públicos*. Dissertação (Mestrado em Urbanismo). PROURB-FAU/UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.

BISHOP, Peter e WILLIAMS, Lesley. *The Temporary City*. New York: Routledge, 2012.

BORDE, Andrea. *Vazios urbanos, perspectivas contemporâneas*. Tese (Doutorado em Urbanismo). PROURB-FAU/UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

BORDE, Andrea. *Avenida Presidente Vargas: narrativas históricas*. *Revista do Arqui-vo Geral da cidade do Rio de Janeiro* n.10, 2016, p.109-132.

CASTELS, Manuel. (2002). *A sociedade em rede. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura; Vol1)*. São Paulo: Paz e Terra. 2ª ed. Revista.

CRAWFORD, Margaret; CHASE, John; KALISKI, John. *Everyday Urbanism*. USA: The Monacelli Press, Inc. 1999.

CORNER, James (ed.). *The Landscape Imagination. Collected Essays of James Corner 1990-2010. Recovering Landscape. as a critical cultural practice*. New York: Princeton Architectural Press, 1999.

CORNER, James. *Terra fluxus*. In C. Waldheim (Ed.), *The landscape urbanism re-ader*. Princeton NJ: Princeton Architectural Press. 2006.

CORNWALL, A. (2008). *Unpacking 'participation': models, meanings and practices*. *Community Development Journal* 43 (3), 269 - 283.

FRANCIS, Mark, "Control as a dimension of Public-Space Quality", Irwin Altman e Ervin H. Zube, *Public places and Spaces*, Nova York e Londres, 1989, p. 147-172.

FONTES, Adriana Sansão. Urbanismo tático para requalificação gradual do espaço público metropolitano: O caso do Park(ing) Day no Rio de Janeiro. *Arquitetura revista*, vol. 14, n. 1, p. 91-104, 2018.

FONTES, Adriana Sansão e FAGERLANDE, Sergio M. R. Artigo: O público, o coletivo e o privado: diálogos contemporâneos. Reflexões sobre o ensino integrado do projeto de arquitetura. Rio de Janeiro: Riobooks, 2018.

FONTES, Adriana Sansão; ESPÓSITO-GALARCE, Fernando; MARY, Fernanda Schwarc; ALVES, Lara Liberatto Nunes. Praças temporárias para ativação de vazios. O caso das Plazas Públicas de Bolsillo de Santiago. *Arquitextos*, São Paulo, ano 21, n. 245.04, Vitruvius, out. 2020

FONTES, Adriana Sansão; MONTEIRO, Carolina Guido; FRANCO, Paulo Carmagnani e FOGELSON, Yuval. Urbanismo Tático: um guia para as cidades Brasileiras. Rio de Janeiro: Rio Books, 2020.

<<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/21.245/7921>>.

GADANHO, Pedro. Crescimento Desigual: Urbanismo Tático para megacidades em expansão. Artigo para revista PLOT, nº 28. 2016. Buenos Aires, Argentina.

GOMES, Paulo César da Costa. A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 163.

KLIASS, Rosa Grena, MAGNOLI, Miranda Martinelli. Áreas verdes de recreação. *Paisagem Ambiente: ensaios*, São Paulo, n. 21, p. 245 - 256, 2006.

LANGHORST, Joern. e NÉMETH, Jeremy. Rethinking urban transformation: Temporary uses for vacant land. *The International Journal of Urban Policy and Planning*. Cities 40 (2014) 143–150. Elsevier.

LEFEBVRE, Henri. Critique of everyday life, London: Verso, 1995.

LYDON, M. e GARCIA, A. Tactical Urbanism. Short-term Action for Long-term Change. Washington: Islandpress, 2015.

LYDON, M. e GARCIA, A. TAC.TI.CAL (1) for relating to small scale actions serving a large purpose (2) adroit in planning or maneuvering to accomplish a purpose. 2015.

LYNCH, Kevin. Good city form, Cambridge: The MIT press, 1987.

_____. The Openness of Open Space. (1984). In: BANERJEE, Tridib; SOUTHWORTH, Michael (ed.). City Sense and city design: writings and projects of Kevin Lynch. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1990. pp.396-412.

MADDEN, Kathy. How to turn a place around: A placemaking Handbook. USA: Project for public Spaces, Inc. 2018

MACEDO, Sílvio Soares. Quadro do Paisagismo no Brasil: 1783-2000 – 2ª ed – São Paulo: EDUSP, Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

_____. Parques urbanos no Brasil - 3ª edição – São Paulo: Editora EDUSP, Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

METZGER, Jean Paul. O que é ecologia de Paisagens? Biota Neotropica. V.1. n.12 2001.

NETTO, Vinícios M. A (re)conquista da cidade: Polis e esfera pública. Cadernos PROARQ19. Rio de Janeiro, 2012. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFRJ)

PORTZAMPARC, Christian. A terceira era da cidade. Revista Ócolum 9, Campinas: FAU/PUCCAMP, 1992.

ROSA, Marcos L. Micro planejamento: Práticas urbanas criativas. São Paulo: Editora de Cultura, 2011

ROSA, Marcos L. Handmade Urbanism. From Community Initiatives to Participatory Models. Berlin: Jovis Verlag GmbH, 2014.

SALES, Marta Maria Lagreca de. S. Territórios de intermediação: Uma hipótese para a análise e o projeto da cidade contemporânea. FAUUSP, 2008. Te-se de Doutorado.

SENNETT, Richard. Construir e Habitar: Ética para uma cidade aberta. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SOLÀ-MORALES, Ignasi. e COSTA, X. (dirección). Presents and futures. Architectures in cities. Barcelona: Congrés UIA, 1996. pp.10-23.

SOLÀ-MORALES, Ignasi. Diferencias topografía de la arquitectura contemporánea. 1ª edición, Editorial Gustavo Gilí, SA. Barcelona, 1995

VAZ, Lilian Fessler; SELDIN, Claudia. Transformações Espaciais através de Usos Temporários e Culturais no Rio de Janeiro: um Primeiro Ensaio. Sessão temática 6: espaço, identidade e práticas sócio-culturais - XVII ENANPUR, São Paulo, 2017.

WALL, ALEX; "Programming the Urban Surface" 234-249. James Corner, ed. Recovering Landscape, Essays in Contemporary Landscape Architecture (New York: Princeton Architectural Press, 1999), 233-249.

WHYTE, W. H. City: Rediscovering the center. New York: Doubleday, 1988.

_____ The Social Life of Small Urban Spaces. Project for Public Spaces, New York, 1980.

WEBSITES

Imagem do Plano Voisin: Disponível em <https://www.dwell.com/collection/diagrams-that-changed-city-planning-d9b37e40#8>

Tabela com os bairros mais populoso do Brasil: Disponível em <https://www.geofusion.com.br/blog/mar-de-gente-veja-os-10-bairros-com-maior-populacao-no-brasil/>

Artigo sobre especulação imobiliária: Disponível em <https://urbanidades.arq.br/2008/09/21/o-que-e-especulacao-imobiliaria/>

Mapas do Rio de Janeiro: Disponível em <https://pcrj.maps.arcgis.com>

Mapas antigos do Rio de Janeiro: Disponível em <https://www.imaginerio.org/map>

Leis municipais: Disponível em <https://mail.camara.rj.gov.br/> e https://smaonline.rio.rj.gov.br/legis_consulta/31933Lei%20Compl%2098_2009.pdf

História do metrô do Rio de Janeiro: Disponível em <https://diariodorio.com/historia-do-metro-do-rio/> (07.08.20)

História do metrô do Rio de Janeiro: Disponível em <https://www.metrorio.com.br/Empresa/Historia>

Reportagem sobre o metrô do Rio de Janeiro: Disponível em <https://oglobo.globo.com/rio/projeto-de-1968-que-nunca-saiu-do-papel-metro-ate-sao-goncalo-ainda-um-sonho-14691589>

Mapa de contaminação do Coronavírus: Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53047836> e <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51718755>

Reportagem sobre urbanismo tático para amenizar os efeitos do Coronavírus nas cidades: Disponível em <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/09/17/projeto-instala-estrutura-de-restaurantes-em-vagas-de-estacionamento-no-centro-de-sp.ghtml>, <https://www.archdaily.com.br/br/tag/urbanismo-tatico>, <https://theworld.org/stories/2020-06-09/after-lockdown-milan-rolls-out-plan-open-more-streets-cyclists-and-pedestrians>

Projeto Fazendinha, de lixão a parque: Disponível em <https://www.archdaily.com.br/>

Figura “What makes a great Place?”: Disponível em <https://www.pps.org/article/grplacefeat>

Artigo sobre os “Kleingarten”: Disponível em <https://de.wikipedia.org/wiki/Kleingarten>

Artigos sobre Aldo van Eyck: Disponível em <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1667#prettyPhoto>

Artigo “Isso não é um terreno baldio”: Reconvertendo lugares vazios do espaço público [Parte I]: Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/01-189032/isso-nao-e-um-terreno-baldio-reconvertendo-lugares-vazios-do-espaco-publico-parte-i>

Reportagem sobre o programa Hortas Cariocas: Disponível em <https://www.ecodebate.com.br/2019/10/22/o-programa-hortas-cariocas-e-a-importancia-socioambiental-da-agricultura-urbana-artigo-de-carlos-favoreto/>

Site do Guia das Plazas de Bolsillo: Disponível em <https://www.gobiernosantiago.cl/descubre-la-guia-replicar-las-plazas-bolsillo/>

Site sobre as Plazas de Bolsillo: Disponível em <https://thepocket.cl/2016/04/fui-a-conocer-la-plaza-de-bolsillo/>

Site sobre o projeto “Centro Aberto” em São Paulo: <https://www.prefeitura.>

sp.gov.br/cidade/secretarias/licenciamento/desenvolvimento_urbano/urbanismo/ e <https://www.prefeitura.sp.gov.br>

Repostagem sobre “Espai Germanetes”: Disponível em <http://www.emf.cat/ca/projectes/l/348-jardins-demma-de-barcelona-espai-public-de-ge.html>, <https://straddle3.net/en/proyectos/germanetes> e <https://ajuntament.barcelona.cat/ecologiaurbana/es/plan-buits/espacios-en-activo/espai-germanetes>

“Construir el Vacío”, recuperación de un sitio abandonado en Tucumán para ‘descubrir lo invisible’ de la ciudad, Plataforma Urbana: Disponível em <https://www.plataformaurbana.cl/archive/2015/06/21/construir-el-vacio-recuperacion-de-un-sitio-abandonado-en-tucuman-para-descubrir-lo-invisible-de-la-ciudad/>

Exposição “Uneven Growth”: Disponível em <https://uneven-growth.moma.org/post/104258148458/building-the-void-from-urban-void-to-temporary>

Artigo “Revisiting the social life of small urban spaces”: Disponível em <https://kinder.rice.edu/urbanedge/2019/08/06/revisiting-social-life-small-urban-spaces>

Artigo sobre Pocket Parks: Disponível em https://www.archdaily.com.br/br/956639/pocket-parks-respiros-urbanos-em-pequena-escala?ad_source=search&ad_medium=search_result_all

Reportagem sobre o impacto de projetos temporários de urbanismo tático: Disponível em https://www.strongtowns.org/journal/2018/5/9/4-permanent-impacts-of-temporary-tactical-urbanism-projects?utm_campaign=meetedgar&utm_medium=social&utm_source=meetedgar.com&fbclid=IwAR3sVm-bHO794tfpv8tVSZ-ck6u09yyoruvv_tJx8aXN_wlwOs91yta-5Mog

Guia de Urbanismo Tático: Disponível em <http://tacticalurbanismguide.com/materials/traffic-cones/>